



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**KACIA MIKAELA DE SOUSA**

**PERCURSOS E NARRATIVAS:**

O Piauí nos relatos de viajantes estrangeiros na primeira metade do século XIX

PICOS, PI  
2021

KACIA MIKAELA DE SOUSA

**PERCURSOS E NARRATIVAS:**

O Piauí nos relatos de viajantes estrangeiros na primeira metade do século XIX

Monografia apresentada à Universidade Federal do Piauí - UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Licenciatura em História, sob a orientação do Prof. Me. José Lins Duarte

PICOS, PI  
2021

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Universidade Federal do Piauí**  
**Campus Senador Helvídio Nunes de Barros**  
**Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo**  
**Serviço de Processamento Técnico**

**S725p** Sousa, Kacia Mikacla de  
Percurso e narrativas: o Piauí nos relatos de viajantes estrangeiros na primeira metade do século XIX / Kacia Mikacla de Sousa – 2021.

Texto digitado  
Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-  
CSHNB  
Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos-PI, 2021.

“Orientador: Prof. Me. José Lins Duarte”

1. Viajantes estrangeiros. 2. Narrativas-Piauí. Piauí-Século XIX.  
I. Duarte, José Lins. II. Título.

CDD 981.22



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí  
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e nove (29) dias do mês de janeiro de 2021, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, por meio da plataforma digital Google Meet, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **KACIA MIKAELA DE SOUSA** sob o título **PERCURSOS E NARRATIVAS: O PIAUÍ NOS RELATOS DE VIAJANTES ESTRANGEIROS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX**.

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Ms. José Lins Duarte  
Examinador 1: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro  
Examinador 2: Prof. Ms. Robson de Lima Fernandes

Deliberou pela **Aprovação** do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de **10,0 (dez)**.

Picos (PI), 29 de janeiro de 2021.

Orientador (a):

Examinador (a) 1:

Examinador (a) 2:

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, autor e consumidor da minha fé. Pelo cuidado, por ser o meu refúgio meio ao caos, por ter me dado forças para conseguir conquistar os meus sonhos e pelo Seu terno amor. Todas as vezes que perdi a direção, Ele me estendeu a mão e mostrou-me diariamente o Seu cuidado e a Sua graça.

À minha família, pois tudo isso só foi possível graças ao esforço e dedicação que sempre tiveram para comigo, especialmente a minha mãe, Dona Cláudia, que sempre me incentivou a seguir os meus sonhos e sempre esteve comigo. Obrigada por se doar tanto, tudo o que eu fizer ainda será pouco comparado ao que fez/faz por mim. Suas palavras, abraços, orações e sorrisos recarregaram as minhas forças quando elas estavam desvanecendo.

Aos meus avós, Dona Francisca e José Belchior, devo-lhes a minha gratidão por serem o meu exemplo de vida, humildade e perseverança. Todos os dias eu busco ser mais parecida com vocês.

De modo especial, agradeço ao Sr. Valdeir Alencar – *in memoriam* –, que sempre apoiou os meus sonhos e, como sempre dizia: “o conhecimento é algo que ninguém pode lhe tirar”. Obrigada por todo carinho, por me considerar como uma neta e se preocupar comigo no decorrer dessa jornada. Gostaria que estivesse aqui para comemorar essa vitória conosco, porém estarás sempre em meu coração e nas minhas melhores lembranças.

Agradeço também aos professores do Curso de História do CSHNB, por terem contribuído significativamente para minha formação acadêmica. Especialmente ao professor Dr. Fábio Leonardo, um ser humano dono de uma singularidade apreciável. Agradeço por ter acompanhado o meu crescimento acadêmico desde o primeiro dia de aula na graduação, até o final dela. Sem dúvidas, você foi essencial na minha trajetória até aqui.

De modo especial, agradeço ao meu orientador, professor Me. José Lins Duarte, pela sua disponibilidade e compreensão, orientando e guiando o desenvolvimento do meu trabalho, manifestando sempre as suas opiniões enriquecedoras para o crescimento desta pesquisa e enriquecimento da minha formação. Obrigada pelas conversas agradáveis em sala de aula, no R.U., na lanchonete, elas deixaram os dias mais leves. Além de um profissional exemplar, tornou-se um grande amigo. Um ser humano dono de uma paciência inigualável, isso foi essencial para lidar com os meus questionamentos e preocupações nessa jornada.

Agradeço ao professor Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro, por toda a atenção concedida, pelas indicações de leituras e pelas contribuições significativas dadas desde o TCC I, sem dúvidas, elas foram essenciais para a construção desse trabalho. Ao professor Me.

Robson Fernandes, por participar da banca de TCC II trazendo contribuições para a pesquisa. Agradeço pelas discussões pertinentes durante a disciplina de História do Brasil Império, elas foram valiosas para a minha formação.

Agradeço aos meus irmãos, Evandro e Mirela, pelo apoio, por me suportarem nos momentos difíceis e por compreenderem a minha ausência em certos momentos. Agradeço por sempre me incentivarem a ser melhor e a enfrentar os obstáculos durante o percurso. Obrigada por acreditarem em mim, quando nem eu mesma conseguia acreditar.

Aos meus amigos Fellipe Batista, Pallysson Paulo e Nathiely Bezerra, por se tornarem a minha família em Picos. Em meio a um lugar estranho, nos tornamos uma família, e juntos enfrentamos as lutas diárias. Guardarei em meu coração os momentos compartilhados em nosso eterno apto. 102. Pois, distantes de casa, longe dos familiares, fizemos deste lugar o nosso lar.

Agradeço também ao Clube das Winx, composto por Bruna Kaise, Bruna Maria, Lilia Maria, Leila Araújo e Tatiane Carvalho. Agradeço a cada uma pela parceria nesta caminhada, pelos lanches divididos, pelas conversas aleatórias na lanchonete ou nos corredores da UFPI. Obrigada por partilharem os momentos felizes e tristes comigo. Eu não me imagino enfrentando esses longos anos sem vocês. Cada uma com suas singularidades me cativaram, e eu serei eternamente grata por tudo.

Por fim, mas não menos especial, não poderia deixar de agradecer ao meu sobrinho Paulo Henrique, que mesmo sendo uma criança, me ajudou diversas vezes quando eu estava me sentindo sem direção. Através do seu carinho, seus abraços e sua pureza eu pude retornar para o caminho e seguir os meus sonhos. Saiba que sua “titia” sempre fará o possível para te ver feliz.

A todos, muito obrigada!

“Quando nos achamos bem longe dos que nos são caros e sem nenhuma possibilidade imediata de volta, reprimimos, quanto possível, o surto de esperanças que se podem realizar; quando, porém, cada hora que passa nos leva para mais perto do lar, soltamos as rédeas da imaginação e só lamentamos que o avanço não seja mais célere”.

(GARDNER, 1942, p. 466)

## RESUMO

O presente trabalho pretende analisar narrativas dos viajantes bávaros Johann Baptist von Spix (1781-1826), Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) e o britânico George Gardner (1812-1849) que estiveram nas províncias do Norte do Brasil, onde atualmente corresponde a região Nordeste. A nossa pesquisa se concentra na passagem destes estrangeiros pelo Piauí na primeira metade do século XIX. A metodologia utilizada será uma análise crítica dos relatos desses viajantes, contemplando o tempo e espaço onde cada sujeito se encontra. Assim, pretendemos examinar alguns escritos destes viajantes, atentando-nos para como estes interpretaram os aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais da província, tendo em vista os parâmetros eurocêntricos, como a ideia de modernidade e progresso, os quais mediaram as representações do “outro” em suas narrativas. As fontes que serão utilizadas são os próprios relatos de viagem que esses indivíduos escreveram e publicaram após retornarem ao seu país de origem, sendo elas, o primeiro e o segundo volume da obra *Viagem pelo Brasil 1817-1820* de Spix e Martius, bem como o relato de viagem intitulado *Viagens no Brasil, principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841* de George Gardner. Além destas, utilizaremos mapas para compreendermos os percursos desses viajantes pelo Piauí oitocentista, juntamente a alguns jornais da época, como *A Imprensa: Periódico Político (PI)*, *Jornal do Brasil (RJ)*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Annaes do Parlamento Brasileiro (RJ)*, *Correio Oficial: In Medio Posita Virtus (RJ)*, *Correio Braziliense: Ou Armazém Literário (Londres, ING)*, *O Campeão Portuguez*, *Gazeta do Rio de Janeiro*, entre outros.

**Palavras-chave:** Viajantes estrangeiros; Narrativas; Piauí; Século XIX;

## ABSTRACT

The present work intends to analyze narratives of the Bavarian travelers Johann Baptist von Spix (1781-1826), Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) and the British George Gardner (1812-1849) who were in the provinces of the North of Brazil, where today corresponds to the Northeast region. Our research focuses on the passage of these foreigners through Piauí in the first half of the 19th century. The methodology used will be a critical analysis of the reports of these travelers, considering the time and space where each subject is. Thus, we intend to examine some writings of these travelers, paying attention to how they interpreted the economic, social, political and cultural aspects of the province, in view of the Eurocentric parameters, such as the idea of modernity and progress, which mediated the representations of “another ” in their narratives. The sources that will be used are the travel reports that these individuals wrote and published after returning to their country of origin, being the first and second volumes of Spix and Martius's 1817-1820 Voyage through Brazil, as well as the travel account entitled Travel in Brazil, mainly in the northern provinces and in the gold and diamond districts during the years 1836-1841 by George Gardner. In addition to these, we will use maps to understand the paths of these travelers through Piauí in the 19th century, together with some newspapers of the time, such as The Press: Political Periodical (PI), Brazil Newspaper (RJ), Diary of Rio de Janeiro, Annaes of the Brazilian Parliament (RJ), Official Mail: In Medio Posita Virtus (RJ), Correio Braziliense: Or Armazém Literário (London, ING), The Portuguese Champion, Gazeta do Rio de Janeiro, among others.

**Key words:** Foreign travelers; Narratives; Piauí; XIX century;

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Carta geographica de Piauhy, província do Império do Brasil .....	31
<b>Figura 2</b> – Carta geographica de Piauhy, província do Império do Brasil .....	65

## SUMÁRIO

Lista de figuras .....	9
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 IMPRESSÕES DE VIAJANTES NATURALISTAS SOBRE A PROVÍNCIA DO PIAUÍ: SPIX E MARTIUS</b> .....	19
1.1 Visão do Paraíso: A chegada dos viajantes naturalistas no Brasil oitocentista .....	19
1.2 O Piauí sob o olhar de estrangeiros no início do século XIX .....	29
<b>2 IMPRESSÕES DE UM VIAJANTE INGLÊS NA PROVÍNCIA DO PIAUÍ: GEORGE GARDNER</b> .....	48
2.1 “Cenário talvez sem rival na face da terra”: motivos para visitar o Brasil .....	48
2.2 O percurso de Gardner em uma das Províncias do Norte: o caso do Piauí .....	62
2.3 “[...] eu sempre me hei de lembrar de minha passagem por Oeiras”: George Gardner na capital da Província do Piauí .....	78
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	111
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	113

## INTRODUÇÃO

Porque é o inacessível, o perdido para sempre, o que desperta no homem as mais profundas saudades.<sup>1</sup>

Viajar possibilita o encontro com o novo. Diferentes povos e culturas. Viajar é partir do conhecido para a o desconhecido. Os indivíduos que embarcam em uma jornada às vezes estão carregados de imagens pré-concebidas sobre o local de destino. Normalmente, essas concepções são baseadas em histórias difundidas por pessoas que visitaram ou ouviram falar de uma determinada área e escreveram sobre ela. Talvez movidos pelo espírito desbravador obstinados com a ideia de conhecer o “novo”, ou simplesmente buscando seus interesses. Conseqüentemente, medo e euforia passam a coexistir nas jornadas de viajantes.

Considerando o controle de Portugal sobre as colônias, o Brasil por muito tempo foi um enigma no imaginário europeu. Fascínio e medo fizeram parte da mentalidade dos modernos viajantes, que ainda misturavam ficção com realidade, mantendo-se a uma cosmologia repleta de mistérios e mitos sobre o “Novo Mundo”.<sup>2</sup> Por isso, viajar tornava-se algo desejado, capaz de motivar uma excursão tão longa. Muitos viajantes almejavam a possibilidade de conhecer terras distantes, regiões pouco exploradas, tanto para fins comerciais, religiosos, científicos ou apenas para se aventurar. De fato, todos os viajantes possuíam um propósito.

A literatura de viagem produzida no decorrer dos séculos XVI e XVII sobre o “Novo Mundo” contribuiu diretamente para a idealização e divulgação de imagens que tratavam de “jardins paradisíacos, fontes da juventude e índios que comiam gente.”<sup>3</sup> Desse modo, a propagação das narrativas dos primeiros viajantes influenciou o imaginário coletivo da Europa, que cada vez mais ficava repleto de ideias fantasiosas sobre o novo continente, denominado América.<sup>4</sup> Assim, a curiosidade em conhecer o exotismo do Novo Mundo fazia parte das aspirações de muitos europeus, às vezes motivados pelas notícias deixadas pelos visitantes.

Os relatos de viajantes estrangeiros foram e são amplamente utilizados por estudiosos como material de pesquisa em vários campos, entre eles o da História, e em diferentes períodos

---

<sup>1</sup> SPIX, J. B. von.; MARTIUS, C.F.P. von. **Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. Trad. De Lúcia F. Lahmeyer. vol. 2. São Paulo: Melhoramentos: IHGB/ Imprensa Nacional, 1976. p. 207.

<sup>2</sup> CORRÊA, Margarida Maria da Silva. **Da construção do olhar europeu sobre o novo mundo ao (re) descobrimento do reino tropical**. 1997. 300f. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) – UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia. p. 23.

<sup>3</sup> CORRÊA, 1997, p. 32.

<sup>4</sup> Ibidem., p. 31-32.

históricos. Por meio de uma análise crítica dessas narrativas e da contextualização do tempo e espaço da fala de determinados viajantes, é possível apreendermos as motivações que influenciaram a viagem e como eles descreveram certos aspectos das áreas percorridas. Por muito tempo, os relatos de viajantes tiveram a função de revelar o Brasil para Europa, porém esses relatos também possuem uma função importante que é a de revelar o nosso passado para nós mesmos.

Assim, interessa-nos investigar os percursos de viajantes que se inserem na categoria de naturalistas, cujas produções científicas e narrativas de viagens no Brasil no século XIX constituem-se como uma modalidade de descrições que permitem a análise de histórias regionais. Desse modo, selecionamos algumas narrativas como objetos de nossa pesquisa, pois as consideramos fontes documentais relevantes para a preservação de uma história que nos diz respeito, ainda que escrita do ponto de vista de europeus. De acordo com a autora Margarida Maria da Silva Corrêa, “Enquanto fonte de informações, é inegável que esses relatos de viagens permitem leituras inesgotáveis, possibilitando deles extrair as mais diversas ilações”<sup>5</sup>.

O nosso estudo se concentra nas trajetórias de três viajantes-naturalistas estrangeiros que estiveram nas províncias do Norte do Brasil, região que atualmente corresponde ao Nordeste, especificamente quando visitaram o Piauí na primeira metade do século XIX, sendo eles os bávaros Johann Baptist von Spix (1781-1826), Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) e o inglês George Gardner (1812-1849). Estes estudiosos percorreram várias províncias, incluído a Província do Piauí, coletando e catalogando a fauna e a flora das áreas percorridas. No entanto, eles também escreveram em seus diários de viagem suas impressões acerca dos aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos das regiões, elaborando assim uma descrição minuciosa das viagens empreendidas.

Desse modo, optamos por analisar as narrativas de viagem de Johann Baptist von Spix e Karl Friedrich Philipp von Martius, que estiveram no Brasil entre 1817 a 1820, e George Gardner, entre 1836-1841, pois estes visitaram a Província do Piauí na primeira metade dos oitocentos. Por meio de uma análise crítica dos relatos desses viajantes naturalistas, será possível realizar um estudo relevante sobre o Piauí, haja vista que são essenciais para o estudo da sociedade e cotidiano no Piauí no XIX. Conforme Stella Maris Scatena Franco (2011), a análise dos relatos de viagem contribui para a realização de uma História Social, tendo em vista

---

<sup>5</sup> Ibidem., p. 15.

que os viajantes estrangeiros estudaram os costumes populares e a história das populações visitadas.<sup>6</sup>

Sendo assim, o foco da discussão é analisar e problematizar como esses viajantes estrangeiros descreveram os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais do Piauí oitocentista, e como esses aspectos se configuraram em suas percepções, as quais versavam essencialmente sobre a ideia de “civildade” e “progresso” vigentes na Europa. Diante da realidade rural da Província do Piauí no início do século XIX, os relatos dos viajantes encontram-se repletos de juízos de valor e estranheza em relação ao “outro”.

A trajetória até o nosso objeto de pesquisa foi repleta de questionamentos. A partir de algumas leituras na disciplina História do Piauí, foi possível conhecer mais um pouco sobre a história do nosso Estado, e a necessidade ainda existente de novas perspectivas, especialmente no que diz respeito ao Piauí no início do século XIX. Outro fator que me direcionou na escolha do objeto de pesquisa – os relatos de viajantes estrangeiros – foi a leitura de um artigo dos autores Lena Castello Branco Ferreira de Freitas e Luiz Guilherme Bacellar R. F. Chaves, intitulado *Presença Inglesa no Nordeste: A Casa Inglesa de Parnaíba*.<sup>7</sup> Foi por meio deste trabalho que iniciei a minha pesquisa sobre a presença de estrangeiros no Nordeste, principalmente na região correspondente ao Piauí.

A partir da consulta bibliográfica sobre o tema proposto, percebi que grande parte dos trabalhos referentes a viajantes estrangeiros no Nordeste concentram-se na presença e em suas impressões sobre a região de Pernambuco, Bahia, Ceará, Maranhão, entre outras. Porém, não foi encontrado – além do trabalho da historiadora Mary Lúcia Alves de Carvalho que não se encontra disponível para acesso, apenas um artigo de sua especialização<sup>8</sup> – trabalhos que abordem as trajetórias e perspectivas de viajantes estrangeiros na província do Piauí na primeira metade do século XIX. Percebe-se que ainda são poucos os estudos sobre a presença de estrangeiros na província do Piauí oitocentista, sendo que sujeitos de diversos países transitaram pelos sertões piauienses, como franceses, ingleses, alemães e portugueses, imbuídos de diversos ofícios.<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> FRANCO, Stella Maris Scatena. Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental. In: **Cadernos de Seminários de Pesquisa**, São Paulo: Humanitas, v. 2, p. 1-17, 2011. Disponível em: <http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2020. p. 78.

<sup>7</sup> FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de. Presença inglesa no Nordeste: a Casa Inglesa de Parnaíba. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 18., 1995, Recife. Caderno de resumos. **XVIII Simpósio Nacional de História**. História e Identidades. Recife: ANPUH, 1995.

<sup>8</sup> CARVALHO, Mary Lucia Alves de. Os comerciantes cronistas: Henry Koster; Louis François de Tollenare no Piauí do início do século XIX. **Contraponto**, v. 4, n. 1, p. 130-142, 2015.

<sup>9</sup> CARVALHO, 2015, p. 131.

Diante disso, acreditamos que essa pesquisa nos possibilitará constatar o panorama da região do Piauí naquele contexto histórico por meio do estudo dos percursos dos viajantes selecionados, além de proporcionar novas perspectivas de análise sobre a sociedade piauiense dos oitocentos, uma vez que esses sujeitos produziram registros significantes sobre essa Província. Portanto, buscamos explorar perspectivas do saber regional a partir das narrativas produzidas sobre o Piauí no século XIX pelos viajantes-naturalistas estrangeiros. Assim sendo, a pesquisa se faz relevante não apenas no âmbito da Universidade Federal do Piauí – lugar onde iniciou-se essa produção – mas também para a sociedade acadêmica em geral que se interessa por essa temática, tanto sobre a presença estrangeira no Brasil do século XIX quanto a História do Piauí.

Tendo em vista que os demais trabalhos sobre esses viajantes – Spix, Martius e George Gardner – estão relacionados às suas práticas e olhares sobre outras províncias do Nordeste do Brasil e, quando utilizados em pesquisas sobre o Piauí, são mencionados apenas como aporte teórico para algumas informações, torna-se necessário uma análise que insira o Piauí nos estudos relacionados a presença de viajantes do século XIX nas Províncias do Norte, ressaltando assim a sua importância num âmbito mais amplo da história do Brasil.

Embora esses relatos tenham sido produzidos por estrangeiros, e não por sujeitos da região, na ausência de outras descrições que poderiam ser caracterizadas como nativas, esses escritos tornam-se fontes importantes para a análise da região. Em suas narrativas, os viajantes descreveram aspectos políticos do Brasil de então, assim, por meio dos relatos podemos conhecer as percepções que os viajantes tinham de alguns movimentos políticos no século XIX. Como por exemplo, a repercussão do advento da Independência e o impacto da Balaiada na Província do Piauí<sup>10</sup>.

As narrativas dos viajantes selecionadas para análise neste trabalho se deram pelo fato da viabilidade das fontes para o desenvolvimento da pesquisa e da comprovação da presença desses estrangeiros na província do Piauí, embora a permanência desses sujeitos na região seja de curta duração, foi tempo suficiente para expressarem suas impressões sobre a Província em seus escritos. Apresentaremos brevemente a seguir algumas informações sobre a vida de cada um desses personagens.

Von Spix nasceu no dia 9 de fevereiro de 1781 em Höchststadt, na Baviera, Alemanha. Era de família de poucos recursos, de classe média baixa. Aos 19 anos de idade, em 1800,

---

<sup>10</sup> Nome dado pela historiografia, devido ao apelido de Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, o Balaio, um dos líderes mais importantes do movimento, que se dedicava anteriormente em fazer cestos de palha – denominado balaios – e vende-los nas ruas de Caxias.

doutorou-se em filosofia, incentivado pela igreja. Em 1801, ingressou no Seminário Episcopal para a Preparação de Sacerdotes, na cidade de Würzburg, porém desistiu do estudo da teologia e se dedicou a medicina e às ciências naturais.<sup>11</sup> Em 1807, Spix doutorou-se em medicina, porém foi em outubro de 1810 que ele foi contratado pela Academia Real de Ciências como responsável pela organização do museu de zoologia em Munique, lugar em que desenvolveu trabalhos científicos relevantes, sendo considerado o primeiro zoólogo da capital da Baviera.

Já von Martius nasceu em 17 de abril de 1794, em Erlangen, também na Baviera. Em 1814 formou-se em medicina, todavia dedicou-se ao estudo da Botânica. Ingressou como aluno na Academia Real de Ciências de Munique, e em 1816, trabalhou como adjunto do diretor no Jardim Botânico dessa cidade.<sup>12</sup> Ambos embarcaram no séquito da princesa Leopoldina com destino ao Brasil. Partiram da Áustria no dia 6 de fevereiro de 1817, e aportaram no dia 15 de julho do mesmo ano no porto do Rio de Janeiro.

O terceiro personagem estudado é o inglês George Gardner, que nasceu em Glasgow (Escócia), em maio de 1812. Despertou para os estudos botânicos na própria cidade natal, durante o curso de medicina, concluído em 1835. Após isso, conseguiu subvenção de quatro museus e de vinte botânicos particulares, com o objetivo de coletar material no Brasil, no qual permaneceu por quase cinco anos, de 1836 a 1841.<sup>13</sup>

É importante ressaltar que há uma diferença de vinte e um anos entre a passagem de Spix e Martius, os quais chegaram ao Piauí no ano de 1818, e George Gardner que esteve no Piauí somente em 1839, entretanto essa distância servirá para comparar e contextualizarmos as visões de cada sujeito em determinado tempo e espaço. Esse distanciamento temporal nos possibilitará perceber se houve ou não mudanças significativas no Piauí. Como veremos no desenvolver do trabalho, o fato de serem todos naturalistas não os fazem ter as mesmas considerações sobre a sociedade piauiense da primeira metade do século XIX, pois as suas formações acadêmicas e ideológicas contribuíram na produção de percepções distintas.

Dessa forma, para o desenvolvimento da pesquisa, fez-se necessário considerarmos o cenário do Brasil na época em que esses sujeitos o visitaram, uma vez que o território brasileiro no início do século XIX ainda possuíam valores socioculturais do século anterior. Quando Spix e Martius chegaram ao Brasil no ano de 1817 a 1820, o país encontrava-se em meio a uma série

---

<sup>11</sup> FITTKAU, Ernst Josef. **Johann Baptist Ritter von Spix**: primeiro zoólogo de Munique e pesquisador no Brasil. *Hist. cienc. saude*, Rio de Janeiro, v. 8, supl. p. 1109-1135, 2001. Disponível em: <<https://goo.gl/wlcSeO>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

<sup>12</sup> KALTNER, L. F. Anotações sobre a biografia do naturalista Carl Friedrich Philipp von Martius. **Revista Brasil-Europa**: Correspondência Euro-Brasileira, [s. l.], 2012. Disponível em: <http://www.revista.brasil-europa.eu/139/Kaltner-Von-Martius>. Acesso em: 12 set. 2020.

<sup>13</sup> PAIVA, Melquíades Pinto. **Os naturalistas e o Ceará**. Instituto do Ceará, 2002. p. 77.

de acontecimentos conjunturais, pois o país havia sido elevado à condição de Reino Unido a Portugal e Algarves em 1815, e ainda estava sob o governo de D. João VI. Os viajantes bávaros também presenciaram a repercussão das revoluções de caráter separatista e republicano, como na Capitania do Pernambuco, que culminou na Revolução Pernambucana de 1817.

No entanto, quando o naturalista George Gardner esteve no Brasil em 1836 a 1841, ou seja, catorze anos após a proclamação da Independência, D. João VI já havia retornado a Portugal, e o país estava sob o reinado de D. Pedro I, que governou de 1822 até 1831, quando abdicou do trono, iniciando-se assim o Período Regencial no Brasil de 1831 a 1840. Em 1841, o viajante inglês George Gardner ainda estava no território brasileiro quando soube que o jovem imperador D. Pedro II assumiu o governo brasileiro, encerrando assim o período de regência.

Sendo assim, é imprescindível a contextualização dos relatos de viagem dos viajantes-naturalistas para que entendamos o cenário presenciando por cada personagem quando visitaram o país. À vista disso, não podemos ignorar o contexto histórico que eles vivenciaram, pois certamente influenciou na escrita de suas narrativas sobre a conjuntura do Brasil e suas províncias no início do século XIX. Enquanto historiadores, devemos analisar as narrativas de viajantes, atentando-nos também para as suas intenções na escrita. Além disso, devemos problematizar como esses estrangeiros perceberam e descreveram o “outro”, a partir de seu olhar eurocêntrico, como também estes foram percebidos pelos habitantes piauienses.

Diante da curiosidade da sociedade europeia em conhecer terras longínquas “ia ao encontro de uma já estabelecido e próspero mercado editorial de publicações literárias de viagens, de álbuns ilustrados e de coleções de espécimes naturais [...]”.<sup>14</sup> Devido essas narrativas apresentarem o ponto de vista e a intencionalidade de quem as produziu, tem-se a necessidade de um maior esforço de interpretação quanto a essas, pois devemos problematizá-las considerando o objetivo da viagem de cada sujeito, seu país de origem, contexto sócio-histórico, bem como a sua formação intelectual, tendo em vista que possuíam uma visão eurocêntrica, no que diz respeito as concepções de “civilidade” e “progresso”.

Dessarte, além de ser uma produção histórica sobre o Piauí oitocentista, evidenciará novas percepções de vários aspectos da região, descrita por meio do olhar de estrangeiros. Para isso, esses relatos serão analisados à luz de obras que abordam essa Província no século XIX, principalmente nos anos em que esses viajantes estiveram na região. Portanto, nosso objetivo é compreender como esses naturalistas com formações culturais distintas e em períodos distintos descreveram determinados aspectos do Piauí na primeira metade do século XIX.

---

<sup>14</sup> CORRÊA, 1997, p. 137.

Desse modo, a partir da análise do cotidiano desses viajantes na Província, em diálogo com as bibliografias sobre o tema proposto e dialogando-os com jornais da época disponibilizados no acervo digital da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, desenvolveremos uma discussão profícua sobre a Província do Piauí no período em questão. Questões imprescindíveis para a análise dos relatos é compreendermos quem são esses sujeitos? De onde vieram? Quais as suas formações acadêmico-profissionais? Qual o objetivo da viagem? Quem as financiou? Faziam parte de alguma comissão científica? Quais as suas percepções sobre os aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos do Piauí oitocentista?

As fontes que utilizamos para o desenvolver essa pesquisa são os próprios relatos de viagem escritos e publicados após o retorno desses viajantes ao seu país de origem, juntamente aos relatórios provinciais e periódicos da época, em especial os jornais que abordam a chegada de alguns desses viajantes estrangeiros, bem como a presença de viajantes científicos no Brasil no século XIX, sendo eles *O Censor Brasileiro (RJ)*, *Correio Braziliense: Ou Armazém Literário (Londres, ING)*, *O Campeão Portuguez*, *Gazeta do Rio de Janeiro*, *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial*.

Além desses, alguns jornais foram utilizados para buscar informações sobre a Província do Piauí oitocentista, em especial *A Imprensa: Periódico Político (PI)*, *Jornal do Brasil (RJ)*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Annaes do Parlamento Brasileiro (RJ)*, *Correio Oficial: In Medio Posita Virtus (RJ)*, *O Brasil: Vestra Res Agitur (RJ)*, entre outros, sendo todos coletados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro<sup>15</sup>.

As narrativas de viagens utilizadas nesta pesquisa são elas, o primeiro volume da obra *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*<sup>16</sup> e o segundo volume da obra *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*<sup>17</sup> de Spix e Martius, bem como o relato de viagem intitulado *Viagens no Brasil, principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*<sup>18</sup> de George Gardner. Além destas, utilizamo-nos de mapas do Piauí na primeira metade do século XIX,<sup>19</sup> tracejando o itinerário desses viajantes pelo Piauí oitocentista.

<sup>15</sup> Site disponível: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

<sup>16</sup> SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. **Viagem pelo Brasil (1817–1820)**, vol. 1. (tradução Lúcia Furquim Lahmeyer). Itatiaia. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1981.

<sup>17</sup> SPIX, J. B. von.; MARTIUS, C.F.P. von. **Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. Trad. De Lúcia F. Lahmeyer. vol. 2. São Paulo: Melhoramentos: IHGB/ Imprensa Nacional, 1976.

<sup>18</sup> GARDNER, George. **Viagem ao interior do Brasil**, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante nos anos de 1836-1841. Tradução de Albertino Pinheiro. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Brasiliana, 1942. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/125/Viagens-peloBrasil...> Acesso em: 10 mai. 2019.

<sup>19</sup> CARTA Geographica de Piauhy, província do Império do Brasil / redigida segundo as cartas manuscritas de José Pedro Cesar de Menezes e Mathias José da Silva Pereira por Mr. Jos Schwarzmann primeiro tenente Infantaria do Exército Bavaro e Mr. Le Chevr. de M. [S. l.: s. n.], 1828. 1 mapa. Arquivo Nacional. Fundo Ministério da

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram utilizados autores que abordam a presença de viajantes estrangeiros no Brasil no século XIX, bem como obras que tratam do cenário piauiense nesse mesmo século. Uma das principais bibliografias que contribuiu para o estudo sobre a presença de estrangeiros no território brasileiro foi a obra do historiador José Carlos Barreiro intitulada *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*<sup>20</sup>, na qual ele utiliza-se do imaginário dos viajantes para reconstituir o cotidiano e as lutas sociais das classes subalternas do período. Esta análise nos serviu como base para a compreensão de como estudar um dado panorama de tempo e espaço a partir das narrativas de viajantes.

Além desse autor, também utilizamos algumas dissertações e teses desenvolvidas sobre a presença de viajantes estrangeiros nas províncias do Norte do Brasil (atualmente região Nordeste). Como a autora Ana Paula de Oliveira (2006),<sup>21</sup> que desenvolveu em sua dissertação de mestrado uma análise das narrativas de viajantes estrangeiros, concentrando o seu estudo em três personagens: Henry Koster, Maria Graham e Daniel Kidder. Este trabalho nos possibilitou observar as metodologias da autora no desenvolvimento de sua pesquisa utilizando-se das narrativas desses viajantes.

Outro estudo que contribuiu para o estudo das fontes desta pesquisa foi a dissertação de mestrado do autor Sérgio Willian de Castro Oliveira Filho (2011),<sup>22</sup> na qual ele analisa a presença estrangeira no Ceará oitocentista, tendo como base as narrativas dos britânicos Henry Koster e George Gardner, e os norte-americanos Daniel Kidder, De Lacey Wardlaw e Mary Hoge Wardlaw. No entanto, o autor aplica sua pesquisa diretamente à análise dos discursos desses cinco viajantes no que tange ao protestantismo e, segundo o autor, esses sujeitos construíram um vasto jogo de relações de alteridade com o Brasil. Desse modo, este trabalho contribuiu para pensarmos a travessia dos viajantes pelas capitânicas do Norte, como também a contextualização que o autor faz do Ceará oitocentista a partir dos relatos desses sujeitos.

Para além dos autores que tem como foco a presença de estrangeiros nas Províncias do Norte, alguns estudiosos contribuíram de forma significativa, pois desenvolveram pesquisas

---

Guerra. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/arquivonacionalbrasil/49248550946>. Acessado em: 13 set. 2020.

<sup>20</sup> BARREIRO, José Carlos. **Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

<sup>21</sup> OLIVEIRA, Ana Paula Silva de. **Livros de viagens: Relatos de estrangeiros sobre as províncias do norte e a zona de contato**. 2006. 142f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza.

<sup>22</sup> OLIVEIRA FILHO, Sérgio Willian de Castro. **“Estranho em terra estranha”**: práticas e olhares estrangeiro-protestantes no Ceará oitocentista. 2011. 305f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza.

sobre o Piauí no século XIX, auxiliando-nos na compreensão do cenário do Piauí oitocentista. Desse modo, ajudou a estabelecer um diálogo entre os estudos já existentes e as narrativas dos viajantes que passaram por essa região nos primeiros anos do século XIX. Entre eles, está a autora Miridan Britto Knox Falci (1986),<sup>23</sup> que em seu trabalho aborda o quadro econômico, social e político do Piauí a partir da segunda década do século XIX. Este trabalho nos permitiu entender características econômicas, sociais e políticas da sociedade da época, além de nos ajudar a refletir como os viajantes descreveram esses aspectos da região.

A obra do autor F. A. Pereira da Costa (1974),<sup>24</sup> nos forneceu algumas informações da capitania por meio dos documentos utilizados pelo autor, principalmente sobre a política do Piauí, uma vez que o autor faz um estudo da história do Piauí a partir do século XIX até a Proclamação da República. Igualmente, o trabalho desenvolvido por Raimundo Nonato Monteiro de Santana (1995),<sup>25</sup> também nos ajudou a analisar a formação econômica, política e social do Piauí. Santana (1995) reúne estudos de diversos intelectuais sobre ocupação do território, bem como estudos voltados para o processo de construção da estrutura social, cultural, política, econômica. Além desses autores, outros serão citados ao longo do trabalho, como por exemplo, Marco Morel (2003)<sup>26</sup>, que nos ajudará a analisar o período das regências no Brasil, entre outros autores.

Nosso trabalho está organizado em dois capítulos, definidos da seguinte forma: No primeiro capítulo, intitulado **Impressões de viajantes naturalistas sobre a Província do Piauí: Spix e Martius**, discutiremos os motivos que influenciaram a vinda de diversos estrangeiros para o Brasil no século XIX e a literatura de viagem enquanto fonte histórica. Nesse capítulo, damos ênfase a chegada dos bávaros Spix e Martius, bem como os objetivos da viagem desses indivíduos. Além disso, também tratamos, ainda que de forma sucinta, sobre o desenvolvimento da ciência no Brasil nas primeiras décadas do século XIX, e a criação de instituições de cunho científico, como o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB). Por fim, abordamos também como Spix e Martius descreveram os aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos da região piauiense no início do século XIX, mais precisamente em 1818.

No segundo capítulo, intitulado **Impressões de uma viajante inglês na Província do Piauí: George Gardner**, pretendemos analisar a narrativa do viajante George Gardner e os

---

<sup>23</sup> FALCI, Miridan Britto Knox. **O Piauí na primeira metade do século XIX**. Projeto Petrônio Portella, 1986.

<sup>24</sup> COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Cronologia histórica do Estado do Piauí**: desde os seus tempos primitivos até a proclamação da República. Editora Artenova, 1974.

<sup>25</sup> SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de (org.). **Piauí: Formação, Desenvolvimento, Perspectivas**. Teresina: Halley, 1995.

<sup>26</sup> MOREL, Marco. **O período das Regências (1831-1840)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

motivos que o trouxeram ao Brasil. Como também as suas descrições sobre os aspectos econômicos, culturais, sociais e políticos do Piauí em 1839. A partir de sua narrativa, discutiremos a situação da instrução pública na Província naquele período, bem como as suas observações sobre os costumes das mulheres piauienses, os vaqueiros e o desdobramento da Balaiada na Província.

# 1 IMPRESSÕES DE VIAJANTES NATURALISTAS SOBRE A PROVÍNCIA DO PIAUÍ: SPIX E MARTIUS

## 1.1 Visão do Paraíso: A chegada dos viajantes naturalistas no Brasil oitocentista

*[...] Indescritível sensação apoderou-se de todos nós, no momento em que a âncora deu no fundo de outro continente, e o troar dos canhões, com irrupção da música de guerra, saudou o almejado alvo: a feliz conclusão da viagem marítima.<sup>27</sup>*

Desde o século XVI, o continente americano foi palco de visitas de estrangeiros, incluindo aventureiros, comerciantes, cronistas, naturalistas, missionários, cientistas, artistas, entre outros sujeitos, imbuídos dos mais distintos ofícios.<sup>28</sup> Entretanto, foi a partir do século XIX que a presença de viajantes se tornou marcante no território brasileiro. Isso deve-se ao fato de que em 1808, chegou ao Brasil a família real portuguesa, e neste mesmo ano o rei D. João VI autorizou, por meio de acordos comerciais, a abertura dos portos às nações amigas.<sup>29</sup> Antes disso, o Brasil ainda estava restrito às políticas comerciais do Império Português.

Assim, o território da colônia estava sob o domínio exclusivo dos portugueses, tornando-o pouco conhecido das demais nações europeias, impossibilitando a realização de pesquisas sobre os seus domínios, especialmente as expedições de cunho científico. Após a colônia tornar-se sede da monarquia portuguesa, alcançou novo prestígio, contribuindo para o aumento da curiosidade dos estrangeiros sobre a possibilidade de conhecer as singularidades do país. Como veremos no decorrer da pesquisa, além da política comercial, outros interesses também induziram alguns viajantes estrangeiros a embarcarem para o Brasil.

Os viajantes que percorreram o Brasil eram pessoas de ambos os sexos, de diferentes origens, diferentes classes sociais e diferentes formações intelectuais. Segundo o historiador José Carlos Barreiro

Esse movimento é particularmente intenso a partir de inícios do século XIX. Procedentes de muitas regiões, eles percorrem todas as províncias do Brasil ao longo do século XIX, deixando registros minuciosos sobre aspectos múltiplos da vida social, econômica e política do país.<sup>30</sup>

<sup>27</sup> SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. **Viagem pelo Brasil (1817–1820)**, 1981. p. 43.

<sup>28</sup> BELLUZZO, A. M. A propósito D'ó Brasil dos Viajantes. **Revista USP**, [S. l.], n. 30, p. 6-19, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25903>. Acesso em: 15 jan. 2021.

<sup>29</sup> OLIVEIRA, 2006, p. 14.

<sup>30</sup> BARREIRO, 2002, p. 9.

Como mencionado anteriormente, os visitantes estrangeiros eram sujeitos oriundos de diversos países, entre eles estiveram ingleses, franceses, alemães, portugueses etc. Alguns deles produziram escritos sobre os habitantes, fauna, flora e os aspectos geográficos das regiões percorridas. Todavia, deve-se notar que as descrições feitas pelos viajantes revelam muito de suas concepções ideológicas, visto que esses sujeitos construía a imagem do Brasil de acordo com suas perspectivas eurocêntricas.

Desta forma, os elementos observados nas áreas visitadas eram comparados aos seus conceitos ideológicos, políticos, culturais e religiosos de seu local de origem. Como afirma a autora Ana Paula de Oliveira, o viajante abordava diversos temas como a natureza, a vida social rural e urbana dos habitantes das províncias, os recursos naturais das regiões percorridas, além disso, avaliavam também as relações de trabalho, a escravidão, a economia, a cultura dos nativos, bem como os acontecimentos recentes a sua estadia na província.<sup>31</sup>

Em vista disso, os relatos de viagem foram e são amplamente utilizados por estudiosos como material de pesquisa em vários campos, entre eles o da História, e em diferentes períodos históricos. Por abordarem vários aspectos das sociedades que tiveram contato, os mais diferentes temas podem ser estudados. Ao analisar e problematizar as narrativas de viagem, devemos estar atentos ao eurocentrismo nas descrições feitas pelos viajantes, pois não podemos ignorar os aspectos político-ideológicos presentes nas narrativas. Assim, sobre a literatura de viagem, de acordo com Maria Angélica Zubaran, alguns críticos do pós-colonialismo afirmam que “a produção de imagens sobre outra cultura é uma prática política que contribuiu para reforçar os valores dominantes do euroimperialismo ocidental ou para estimular a revisão das concepções do europeu sobre si mesmo”<sup>32</sup>. Desse modo, na perspectiva pós-colonialista, é necessário compreendermos de que maneira os viajantes europeus representaram os indivíduos não-europeus.

Nas palavras da historiadora Stella Maris Scatena Franco, precisamos estar atentos as “intencionalidades evidenciadas nas entrelinhas do discurso dos viajantes, o lugar de enunciação – nacional, social e ideológico – do porta-voz daquele discurso ou os interesses que mobilizaram suas representações”<sup>33</sup>. Entre os relatórios de viagens mais comuns, encontram-se os oficiais (governamentais), pessoais, científicos, comerciais etc. Diante disso, o pesquisador deve estar atento ao tipo de relato que analisa, conforme orientado pela autora Mary Anne

---

<sup>31</sup> OLIVEIRA, 2006, p. 118.

<sup>32</sup> ZUBARAN, Maria Angélica. O eurocentrismo do testemunho: relatos de viagem no Rio Grande do Sul do século XIX. *Anos* 90, v. 7, n. 12, 1999. p. 19.

<sup>33</sup> FRANCO, 2011, p. 71.

Junqueira,<sup>34</sup> a qual afirma que precisamos redobrar os cuidados ao trabalhar com este tipo de fonte histórica, visto que o relato de viagem de um cientista é muito diferente de um relato de um diplomata, por exemplo.

Além disso, o pesquisador também deve estar atento ao período em que a narrativa foi escrita, pois viajantes do século XIX tinham interesses e motivações diferentes dos do século XX. Conforme a autora Margarida Maria da Silva Corrêa, não é recente o uso dos relatos como fontes de pesquisa no Brasil, inclusive “o próprio Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), desde sua fundação, cedeu certo espaço de sua revista para divulgação de alguns relatos, além de receber visitas de viajantes que conheciam o país”<sup>35</sup>.

No Brasil, no início do século XIX, vários viajantes estrangeiros transitaram pelo interior do país. De acordo com as notícias publicadas pelo jornal *O Censor Brasileiro (RJ)* em 1828,

As grandes Potencias da Europa tem gastado avultadas sommas em expedições scientificas para exploração das immensas regiões do Brasil, e descoberta das suas innummeraveis riquezas nos tres Reinos Animal, Vegetal e Mineral. Seria superfluo relatar aqui miudamente os nomes dos homens habeis, e personagens illustres, que durantes os quinze annos ultimo-passados se illustrarao nestas interessantíssimas jornadas. MM. Langsdorff, S. Hilaire, Spix, Martius, Príncipe de Neuwitt, e outros muitos fizerao por obras, avidamente recebidas, a Europa participante das suas descobertas, e revelarao ao mundo, e ao Brasil thesouros até então desconhecidos.<sup>36</sup>

Perante o exposto, é inegável o interesse de diversos países da Europa pelo território brasileiro, pois ao “abrir-se para o mundo exterior naquele momento, o Brasil apresentava-se para esses estrangeiros como um manancial inesgotável de conhecimentos, uma fonte inusitada de reflexão, um verdadeiro laboratório vivo a ser explorado em todos os seus quadrantes”<sup>37</sup>.

É importante ressaltar que muitas viagens de cunho científico realizadas no decorrer do século XIX receberam influência de Alexander Von Humboldt, que se destacou por empreender expedições científicas na América Latina, além de contribuir de forma significativa em outras áreas de conhecimento. Dessa forma, “os viajantes-naturalistas que vieram ao Brasil reivindicavam a influência de Humboldt [...] a obra de Humboldt sobre o Novo Mundo e sua

---

<sup>34</sup> JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: \_\_\_\_\_. **Cadernos de Seminários de Pesquisa**, v. 2, p. 44-61, 2011.

<sup>35</sup> CORRÊA, 1997, p. 63.

<sup>36</sup> Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “O Censor Brasileiro (RJ).” Edição 00022(1) nº 21, 20/06/1828, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702420&pesq=%22Reinos%20animal,%20Vegetal,%20e%20Mineral.%20Seria%22&pagfis=168>> Acesso em: 12/09/ 2019.

<sup>37</sup> CORRÊA, 1997, p. 136.

aura de grande sábio são referências constantes para seus contemporâneos que vieram ao Brasil”<sup>38</sup>. Alexander von Humboldt viajou pela América Central, bem como pelo noroeste da América do Sul, entre 1799-1804. Os seus trabalhos, sem dúvidas, despertaram a curiosidade europeia pela a América, principalmente em áreas ainda pouco exploradas.

A publicação de alguns registros de viagens na Europa contribuiu na divulgação de uma "Visão do Brasil" em território europeu, como também visões sobre as províncias do interior do país, inclusive o Piauí. À exemplo disso, uma matéria publicada no jornal *Correio Braziliense: Ou Armazém Literário* (Londres, ING) em 1820, intitulada “Viajantes científicos no Brasil”, diz que

Não podemos deixar de louvar as vistas de política liberal do Governo do Brazil, em permittir e patrocinar estas viajens scientificas no seu paiz; porque estes sabios publicarão depois seus jornaes, estes serão traduzidos na linguagem do paiz, e assim a indústria estrangeira supprirá a falta nacional, porque he certo, que, sem o conhecimento cabal dos recursos naturaes do paiz, mal poderão os homens, que se acharem á testa do Governo, fazer uso dos meios phisicos, que a natureza de seu terreno lhes offerecer;<sup>39</sup>

Mediante o exposto, vale ressaltar que os estrangeiros consideravam que essas viagens científicas serviriam para suprir a escassez de informações – por meio da publicação e tradução de jornais para o português – que os próprios habitantes do país tinham sobre as suas riquezas naturais. Sendo assim, entende-se que os escritos de viajantes científicos contribuíram para construção de imagens sobre o Brasil e suas províncias na Europa.

Sobre a liberdade concedida pelo governo Português aos estrangeiros para pesquisarem as riquezas naturais no país, o jornal *O Campeão Portuguez* publicou a seguinte informação em 1820

Ao menos, o governo *Portuguêz* no Brasil não he cioso, e nem se assemelha ao cão do jardineiro da fabula, que não comia as couves, nem as deixava comer. Pois que não se resolve a hir explorar todas as especies de riquezas que aquelle vasto e rico paiz lhe offerece, consente que estrangeiros de outra parte do mundo vão por elle emprehender esta tarefa.<sup>40</sup>

<sup>38</sup> KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 8, 2001. p. 865.

<sup>39</sup> Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “Correio Braziliense: Ou Armazém Literário (Londres, ING) – 1808 a 1822”. n° 140, Edição 00024(2). Jan. 1820, p. 87. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700142&pesq=%22viajantes%20scientificos%22&pagfis=17671>. Acesso em: 12/09/2019.

<sup>40</sup> Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “O Campeão Portuguez”. Vol. II n° 14, Edição 00014 (1), jan. 1820, p. 67-68. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=891223&pesq=%22jardineiro%22&pagfis=497>. Acesso em: 12/09/ 2019.

Entende-se que até a primeira década do século XIX, os portugueses não permitiam estudos sobre a colônia, principalmente às expedições científicas. De acordo com o jornal publicado em Londres, na Inglaterra, já que governo português não aproveitara as riquezas naturais que o Brasil oferecia, pelo menos permitiu que estrangeiros realizassem tal tarefa. Ou seja, uma vez que não o fazem, pelo menos permitem que outros o façam. Ao analisar o comentário feito pelo jornal, observa-se que ele expõe o descaso do governo português pelas riquezas naturais do país.

Neste capítulo, objetivamos analisar as narrativas dos naturalistas bávaros Johann Baptist von Spix e Karl Friedrich Philipp von Martius, que estiveram no Brasil entre 1817 a 1820, buscando compreender como esses viajantes relataram os aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos da Província do Piauí no período em que percorreram a região. Além disso, pretendemos discutir como esses viajantes estrangeiros pensaram, observaram e descreveram tais aspectos sob o prisma eurocêntrico. Ou seja, como esses sujeitos construíram seus discursos acerca do “outro”, bem como se auto afirmaram como detentores de civilidade, em detrimento aos habitantes da jovem nação, considerados por eles como seres “incivilizados”.

Assim que os bávaros Spix e Martius avistaram o Rio de Janeiro, na época capital do Império português, demonstraram grande entusiasmo. Estes viajantes descreveram os vislumbres que a paisagem lhes causou, que podem ser vistos no primeiro volume de sua obra *Viagem pelo Brasil 1817-1820*, onde declararam

Do azul escuro do mar, elevam-se as margens banhadas de sol e no meio do verde vivo destaca-se a brancura das casas, capelas, igrejas e fortalezas. Atrás levantam-se audaciosos rochedos de formas imponentes, cujas encostas ostentam em toda a plenitude a uberdade da floresta tropical. Odor ambrosiano derrama-se dessa soberba selva, e, maravilhado, passa o navegante estrangeiro por entre as muitas ilhas cobertas de majestosas palmeiras.<sup>41</sup>

Diante do exposto, podemos observar o deslumbre da primeira impressão dos naturalistas ao aproximarem-se da “grandiosa entrada do porto do Rio de Janeiro”.<sup>42</sup> O cenário exposto suscitou encanto aos olhos dos viajantes, os quais chegaram a dizer que estavam diante de um “jardim paradisíaco”<sup>43</sup>. Nota-se o anseio deles em conhecer e explorar um país com

---

<sup>41</sup> SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. **Viagem pelo Brasil (1817–1820)**, 1981. p. 43.

<sup>42</sup> Ibidem., p. 43.

<sup>43</sup> Ibidem., p. 43.

notáveis riquezas naturais, mas ainda envolto em mistérios que as grandes instituições europeias cobiçavam descobrir.

Ao desembarcarem no Rio de Janeiro, alegaram que a cidade se assemelhava ao mundo europeu em alguns aspectos. Pois, segundo eles, pelo menos na capital do Império “[...] tanto fez a influência da civilização e cultura da velha e educada Europa para remover deste ponto da colônia os característicos da selvajaria americana, e dar-lhe cunho de civilização avançada”<sup>44</sup>. Notemos o ideário de civilização no discurso desses sujeitos, pois eles afirmam que somente a cultura europeia seria capaz de libertar a colônia da “selvajaria americana”. Em outras palavras, eles evidenciam em seus discursos a soberania da Europa, os “detentores da civilização”, em detrimento a essa parte do continente americano.

É importante considerar a formação acadêmica desses viajantes estrangeiros para evitar possíveis anacronismos, pois para os naturalistas/cientistas do século XIX, a ciência seria o único meio de libertar a humanidade do seu estado de barbárie. Em outras palavras, somente a ciência seria capaz de civilizar os homens. No que diz respeito ao lugar ocupado pela Ciência na primeira metade do século XIX, o autor Anderson Pereira Antunes diz que

Na busca pelo nacional e pela excelência da Nação, as ciências eram utilizadas como ferramentas que trariam o progresso. As expedições científicas tinham por fim a exploração dos territórios e a descoberta de riquezas naturais. O estudo das tribos indígenas permitiria uma maior compreensão da origem do homem americano. Na busca pelo progresso, a ciência era a ferramenta do Estado e, os museus, locais de ciência.<sup>45</sup>

Como mencionado acima, acreditava-se que o progresso só poderia ser obtido por meio da ciência. No que diz respeito a ciência no Brasil na primeira metade do século XIX “a maior parte da ciência era feita por naturalistas viajantes, que para cá vinham com o intuito de coletar espécimes e enviá-los à Europa para estudo”<sup>46</sup>.

As narrativas produzidas durante os itinerários dos viajantes nos possibilitam conhecer mais sobre o Brasil do século XIX, bem como as regiões interioranas pelas quais passaram. Convém lembrar que após a transferência da corte portuguesa para o Brasil, ocorreram mudanças significativas no âmbito político, econômico e social europeu e na colônia luso-americana, que passou a ser o centro administrativo português, proporcionando e incentivando as explorações científicas estrangeiras no território.

---

<sup>44</sup> Ibidem., p. 47-48.

<sup>45</sup> ANTUNES, Anderson Pereira. **Entre museus e ciência: o desenvolvimento da ciência viajante no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro, 2011. 75f. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro. p. 17-18.

<sup>46</sup> ANTUNES, 2011, p. 43.

Inicialmente, a expedição dos naturalistas bávaros Spix e Martius tinha como objetivo estudar a fauna, a flora e os seres humanos que ali habitavam. Entretanto, além da pesquisa científica, também fizeram importantes registros sobre diversos temas, como hábitos das sociedades que estiveram em contato, economia, política, cultura, clima, entre outros. No campo da botânica, pela sistematização das espécies vegetais, o estudo desenvolvido por esses viajantes é considerado um dos mais relevantes de sua área. Dessa forma, eles produziram valiosos documentos sobre a história brasileira. No início do primeiro volume da obra *Viagem pelo Brasil*, os autores Spix e Martius evidenciam a organização e os objetivos da expedição científica. Para entendermos essa presença estrangeira no Brasil, devemos considerar também o alto custo dessas viagens. Ou seja, não é sem motivo que estrangeiros se deslocam para outro continente, devemos analisar os possíveis interesses de tais indivíduos.

Segundo o texto de Karen Macknow Lisboa, em 1815, ocorreu a solicitação à Real Academia de Ciências de Munique pelo rei Maximilian Joseph I da Baviera, com o objetivo de organizar uma viagem científica ao interior da América do Sul. Com a vinda da Arquiduquesa austríaca, Carolina Leopoldina (1797 – 1826), ao Brasil, em virtude de seu casamento com D. Pedro I, príncipe herdeiro da coroa de Portugal, Brasil e Algarves, adveio – devido o contato familiar entre o rei da Baviera e o imperador da Áustria, chamado Francisco I, de quem era sogro – a oportunidade de incluir Spix e Martius na comitiva da noiva, com destino ao Brasil.<sup>47</sup>

Esta viagem proporcionou uma oportunidade para a Corte de Viena enviar cientista renomados ao Novo Mundo como parte da comitiva da arquiduquesa Leopoldina. Em 1817, essas informações foram publicadas no jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*, no qual foi anunciado que

O Imperador, deejando dilatar os conhecimentos uteis, e transplantar para os seus Estados os thesouros da natureza, que produz o Novo Mundo, julgou acertado aproveitar a ocasião do cazamento de S. A. I. a Arquiduqueza Leopoldina, para mandar ao Brazil certo numero de sábios, que com permissão de Sua Magestade Fidelissima, são encarregados de correr as partes mais notáves, observar nos lugares próprios as diversas produções dos tres gêneros da natureza, multiplicar as observações, e enriquecer com thesouros novos as nossas collecções de productos raros e estrangeiros [...] Está encarregado de fazer a relação dessa viagem MM. Spix e Martius, Membros da Academia das Sciencias de Munich, se ajuntarão aos sábios austríacos.<sup>48</sup>

---

<sup>47</sup> KURY, 2001. p. 74-75.

<sup>48</sup> Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal **Gazeta do Rio de Janeiro**. nº 68, 23/08/1817, p. 2-3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=749664&pesq=spix>>. Acesso em: 03/09/2019.

A partir desta matéria publicada no jornal *Gazeta do Rio de Janeiro* em 1817, podemos observar que a expedição científica que acompanharia a Arquiduquesa Leopoldina já estava sendo anunciada na capital do Brasil, Rio de Janeiro. Além disso, na citação acima, vemos que os nomes dos naturalistas bávaros Spix e Martius são proeminentes nas publicações, diferentemente de outros cientistas que também faziam parte do séquito da Arquiduquesa.

Isso também pode ser notado nas narrativas desses viajantes, onde descreveram a receptividade que receberam ao aportarem na cidade do Rio de Janeiro. Afinal, eles faziam parte da comitiva da Arquiduquesa Leopoldina, além disso, a expedição científica havia sido custeada pelo Imperador da Áustria. De acordo com os naturalistas

A Alfândega não impôs a menor dificuldade desde que soube termos vindo na fragata *Áustria* e sob o patrocínio de S.M. o Imperador da Áustria [...] parecia tudo concorrer para facilitar-nos, a nos recém-chegado, as primeiras diligências a fim de organizarmos o nosso pouso no solo americano.<sup>49</sup>

Assim sendo, vemos que um dos principais objetivos da expedição científica austríaca era a coleta de materiais botânicos, mineralógico e zoológicos para o enriquecimento das coleções austríacas de história natural. A missão científica que acompanhou a arquiduquesa Leopoldina era composta por três embarcações. Segundo o antropólogo Herbert Baldus:

Embarcaram no navio da princesa o botânico Pohl, de Praga, e o mineralogista Rochus Schüech, de Troppau, o naturalista italiano Radi e os desenhistas Frick e Johann Buchbergr. Em duas outras embarcações viajaram o zoólogo Johann Natterer, o jardineiro imperial Schott, o monteiro-mor da corte Sochor e o pintor Thomas Ender, todos os quatro de Viena; além deles, o entomologista Mikan, de Praga, e dois cientistas mandados pelo rei da Bavária para estudar, principalmente, a fauna e a flora do Brasil.<sup>50</sup>

Observa-se o grande contingente de naturalistas e cientistas participantes da incursão científica para o “Novo Mundo”, com isso, é importante considerarmos o imaginário construído na Europa sobre esse território, ou seja, as discussões acadêmicas acerca do “paraíso” da América. Dessa maneira, a função inicial da maioria dos relatos de viagens era a de revelar o Brasil à Europa. Segundo o autor Sérgio Willian de Castro Oliveira Filho

O escrito do viajante passou a ser o guia, o ponto de referência, dos que almejavam seguir seu exemplo, ou então, um aparato de lazer àqueles que não podiam viajar, mas que se divertiam em conhecer novidades acerca deste admirável mundo novo e estranho.<sup>51</sup>

<sup>49</sup> SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von, 1981, p. 43.

<sup>50</sup> BALDUS, Herbert.; SPIX, Johann Baptist von. **Viagem pelo Brasil von Spix e von Martius 1817**. 1940. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7757>. Acesso em: 15 out. 2019. p. 3.

<sup>51</sup> OLIVEIRA FILHO, 2011, p. 38.

Nessa perspectiva, a colônia portuguesa durante muito tempo foi vista pelos estrangeiros como uma terra exótica. Repleta de mistérios a serem desvendados, e esse imaginário pode ser visto em algumas literaturas de viajantes que estiveram em nosso território. Com abertura dos portos em 1808, o interesse pelo conhecimento do território brasileiro só aumentou. A chegada dos naturalistas Spix e Martius é fruto desse interesse em estudar a diversidade da fauna e da flora no Brasil, principalmente nas áreas inexploradas no território brasileiro.

No primeiro volume da obra *Viagem pelo Brasil*, os naturalistas discorrem sobre os preparativos da viagem, é possível observar o entusiasmo desses sujeitos por estarem prestes a conhecer o tão famoso “Novo Mundo”, como era conhecido a América na Europa. Spix e Martius relataram que

A América, essa nova parte do mundo apenas conhecida poucos séculos atrás, tem sido, desde a época do seu descobrimento, objeto da admiração e predileção da Europa. A feliz situação, a fertilidade e diversidade de riquezas do seu solo, atraem tanto colonos e negociantes, como pesquisadores científicos.<sup>52</sup>

Desse modo, este relato evidencia a curiosidade europeia em conhecer o Novo Mundo, tanto colonos quanto negociantes e pesquisadores científicos. Além disso, eles reiteram a ideia de que “mais do que qualquer outra porção da América, o Brasil, o seu mais belo e mais rico país, é, entretanto, pouco povoado e conhecido [...]”<sup>53</sup>. Portanto, para esses cientistas, a oportunidade de aprender mais sobre o país seria de grande proveito, pois eles ganhariam notoriedade por essa expedição científica. Segundo Karen Macknow Lisboa, o naturalista que realizasse uma viagem de exploração desse porte podia contar com uma ascensão em sua carreira.<sup>54</sup>

As pesquisas realizadas pelos dois naturalistas bávaros von Spix e von Martius, resultou na elaboração de três volumes suntuosos, denominado *Reise in Brasilien*, a obra foi publicada na cidade de Munique, capital da Baviera, entre 1823 e 1831, e é considerada pelos estudiosos uma das fontes mais ricas da história natural e cultural do Brasil.<sup>55</sup> Nas traduções subsequentes desta obra, alguns trechos foram traduzidos para o português para fins de pesquisa, mas para comemorar o centenário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), o livro foi

---

<sup>52</sup> SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von, 1981, p. 25.

<sup>53</sup> Ibidem., p. 25.

<sup>54</sup> LISBOA, Karen Macknow. O Brasil dos naturalistas Spix e Martius. **Acervo**, v. 22, n. 1, 2009. p. 181.

<sup>55</sup> LISBOA, Karen Macknow. Viagem pelo Brasil de Spix e Martius: quadros da natureza e esboços de uma civilização. **Revista brasileira de historia**, v. 15, n. 29, 1995. p. 76.

completamente traduzido para o português em 1938 e publicado no Rio de Janeiro. A obra foi traduzida por Lúcia Furquim Lahmeyer e anotada pelo historiador Basílio de Magalhães, intitulada *Viagem pelo Brasil*.

Quanto à estrutura das obras analisadas neste trabalho, cada volume de *Viagem pelo Brasil* subdivide-se em livros e capítulos. Sendo eles organizados em ordem cronológica, isto é, de acordo com o roteiro de viagem, o que constitui um trabalho amplo e detalhado sobre diferentes regiões do Brasil. O segundo livro, que contém o percurso desses estrangeiros pelo Piauí, foi organizado apenas por Martius, devido à morte de Spix aos 45 anos de idade, em 1826.

Esta obra tornou-se uma importante referência para novas pesquisas sobre a fauna e a flora brasileira. Além disso, as narrativas também possuem impressões dos viajantes-naturalistas sobre os hábitos e costumes dos habitantes das províncias por onde passaram, grupos indígenas, bem como aspectos políticos, sociais e econômicos das regiões percorridas.

A viagem dos dois estrangeiros ao interior do Brasil começou em dezembro de 1817, quando deixaram a capital, Rio de Janeiro. Ao longo do caminho, eles enfrentaram sede, estiagem, calor, chuva, febre, insetos e outras mazelas. Com a ajuda de guias nativos e tropeiros, percorreram cerca de 10.000 quilômetros no Brasil entre 1817 e 1820, o que corresponde a um amplo percurso. A partir do momento que deixaram o Rio de Janeiro, passaram pelas províncias de São Paulo e Minas Gerais. Exploraram também os arredores do Rio São Francisco no interior da Bahia, bem como a região de Ilhéus e Salvador.

Considerando os trajetos antes percorridos por outros viajantes, Spix e Martius optaram por elaborar um itinerário que atingisse regiões pouco exploradas. Por isso, os pesquisadores decidiram atravessar o sertão das províncias de Pernambuco, Piauí e Maranhão. Também se deslocaram pela província do Grão-Pará na região amazônica. Resolveram então adentrar o interior do Brasil, lugar de difícil acesso, mas que para esses pesquisadores seria um empreendimento revolucionário, uma vez que tinham como objetivo pesquisar as riquezas naturais do Brasil e seriam reconhecidos pelo sucesso de suas expedições.

Adentrar às províncias do interior do Brasil no início do século XIX era um grande desafio, tendo em vista a precariedade dos “caminhos” e muitas vezes a inexistência deles nas regiões mais longínquas. Sem dúvidas, os viajantes Spix e Martius enfrentaram muitas dificuldades e riscos para empreender a incumbência que lhes foi proposta. Ao longo de seus percursos, trilhados por desvios, pausas, avanços e recuos, por muitas vezes se deparavam com caminhos intransponíveis e eram obrigados a retornarem para tentarem outros trajetos.

Na visão dos naturalistas oitocentistas, o Brasil era um paraíso, um vasto universo pronto para ser categorizado. Ao submetermos os escritos de Spix e Martius à uma análise crítica, percebemos que eles trataram de múltiplos aspectos, não apenas da natureza. Como veremos a seguir, os aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos também fizeram parte da narrativa dos viajantes bávaros sobre a Província do Piauí.

## 1.2 O Piauí sob o olhar de estrangeiros no início do século XIX

Considerando a escassez de fontes sobre o Piauí na primeira metade do século XIX, falar sobre essa região é um desafio. No entanto, nos propomos a estabelecer um diálogo entre os relatos dos viajantes, alguns jornais da época e a bibliografia existente sobre o período, poderemos compreender certos aspectos da sociedade piauiense oitocentista. Por muito tempo o Brasil foi objeto de pesquisas estrangeiras, como já foi dito, devido à abundante flora e fauna, o “Novo Mundo” despertou a curiosidade de naturalistas e aventureiros que buscavam novas experiências.

Entre as áreas percorridas, daremos ênfase ao Piauí, que também fez parte do itinerário dos naturalistas Spix e Martius. Os relatos de viagem são importantes, pois são fontes que possibilitam novas perspectivas sobre as características descritas a respeito do território piauiense, tais como os seus aspectos políticos, econômicos, culturais e sociais da província na primeira metade do século XIX, contribuindo assim com novas percepções por meio dos escritos desses estrangeiros na historiografia piauiense.

Entretanto, ao utilizar os escritos de viajantes como fonte, o historiador deve-se atentar que “[...] os homens que os produziram são sujeitos dotados de pré-conceitos e referenciais culturais próprios, como qualquer sujeito sócio-cultural”<sup>56</sup>. Dessa forma, devemos analisar os possíveis fatores que influenciaram as interpretações feitas por esses indivíduos no Brasil. Portanto, perceber os interesses envolvidos na escrita do viajante requer mais atenção dos historiadores ao usar essas narrativas como dados históricos.

Desde o princípio, o Piauí constituiu os fundamentos de sua economia na pecuária.<sup>57</sup> Esta atividade moldou a estrutura da sociedade que estava ainda em processo de

---

<sup>56</sup> MOREIRA, Bruno Alessandro Gusmão. Os relatos dos viajantes estrangeiros no Brasil oitocentista: possibilidades historiográficas. *Ciclo de Estudos Históricos*, v. 20, 2009. p. 3.

<sup>57</sup> FALCI, Miridan B. K. *O Piauí na primeira metade do século XIX*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1986, p.24.

desenvolvimento, além de atribuir uma fisionomia à região, organizando a vida econômica e construindo o aspecto cultural do território piauiense.<sup>58</sup> Segundo Miridan Brito, “foi a criação de gado a maior e quase única fonte de riqueza do Piauí”<sup>59</sup>. Além disso, a pecuária extensiva também serviu para a abertura de caminhos, pois, de acordo com a autora, “o gado transportava-se sozinho, abrindo seus próprios caminhos”<sup>60</sup>, ou seja, essa dinâmica favoreceu as relações comerciais e socioculturais entre as províncias.

Sobre isso, Raimundo Nonato Monteiro de Santana diz que “a fazenda foi o núcleo fundamental da ocupação humana e, dentro embora de estrutura tipicamente de subsistência, o principal foco de vida e formação da sociedade”<sup>61</sup>. Porém, havia grandes distâncias que separavam uma fazenda de outra. Essa distância, para o autor, contribuiu para o isolamento entre os povoados da Província do Piauí, contato que raramente ocorria e só era possível em festas religiosas ou nas feiras de gado, prática comum na região.<sup>62</sup> Alguns aspectos econômicos, políticos e sociais do Piauí de 1818 foram relatados pelos viajantes Spix e Martius. Acerca do distanciamento entre as Províncias, esses naturalistas narraram que

Á vista da grande distância dessa cidadezinha da costa (pois a capital de Pernambuco, Recife, está a 200 léguas a leste e a capital do Maranhão, São Luís, a 100 léguas a nordeste), não é para admirar que aqui se encontre ainda menos cultura, porém, mais aquela simplicidade, bondade e hospitalidade, que se conservam tão bem nas localidades isoladas.<sup>63</sup>

Tendo em vista o excerto, observamos que esses viajantes acreditavam que, pelo fato de a província estar longe do litoral, seu nível cultural estava reduzido. Todavia, ressaltam que a bondade, simplicidade e hospitalidade, eram singularidades desses “lugares isolados”, pois conservavam essas características. Assim, nota-se que os naturalistas-viajantes relacionam o caráter das populações ao ambiente onde vivem.

No mapa abaixo, elaborado pelo primeiro tenente Infantaria do Exército Bávaro, Mr. Jos Scwarzmann e Mr. Le Chevr, de acordo com as cartas manuscritas de José Pedro Cessar de Menezes e Mathias José da Silva, traçamos em vermelho o itinerário dos viajantes von Spix e von Martius pelo Piauí, que nos ajudará a visualizar os lugares que foram percorridos pelos naturalistas estrangeiros.

---

<sup>58</sup> SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. **Evolução Histórica da Economia Piauiense**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2001. Cultura, 1964. p. 24.

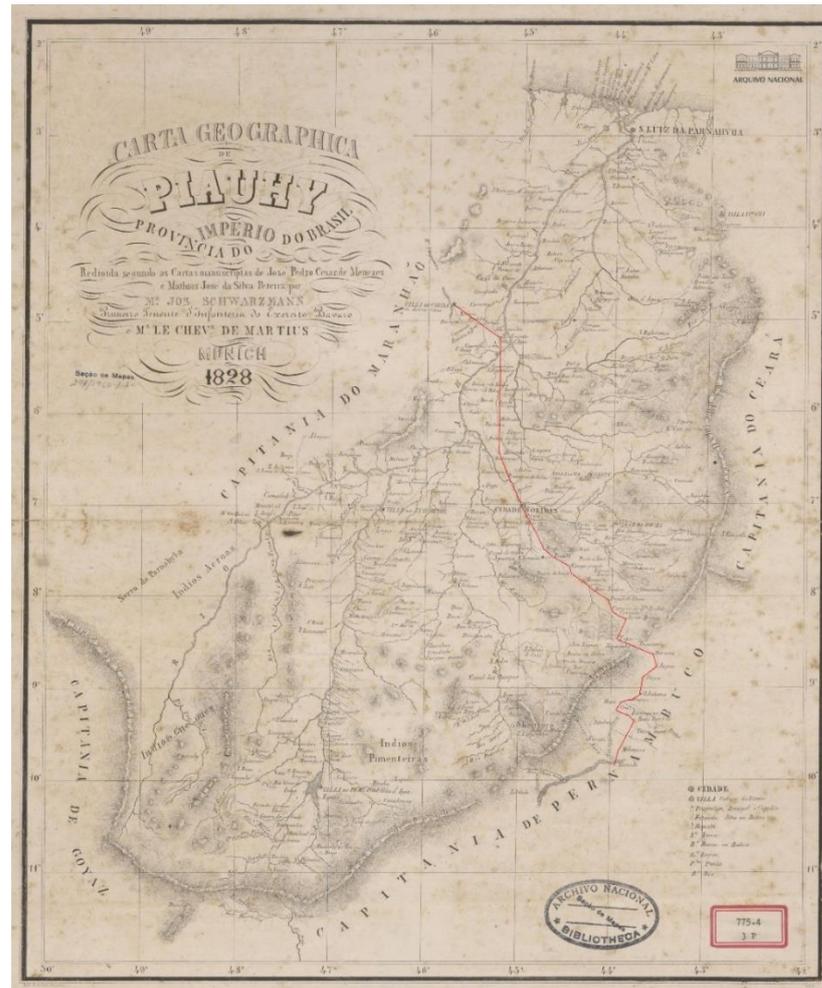
<sup>59</sup> FALCI, 1986, p. 24.

<sup>60</sup> Ibidem., 1996, p. 62.

<sup>61</sup> SANTANA, 1964, p. 33.

<sup>62</sup> Ibidem., 1964, p. 63.

<sup>63</sup> SPIX, J. B. von.; MARTIUS, C.F.P. von. **Viagem pelo Brasil (1817-1820)**, 1976. p. 218.



**Figura 1:** ARQUIVO NACIONAL. Fundo Ministério da Guerra. **Carta geographica de Piauhy, província do Império do Brasil:** redigida segundo as cartas manuscritas de José Pedro Cesar de Menezes e Mathias José da Silva Pereira por Mr. Jos Schwarzmann primeiro tenente Infantaria do Exército Bavaro e Mr. Le Chev. de M. [S. l.: s. n.], 1828. 1 mapa. (Adaptado). Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/arquivonacionalbrasil/49248550946>. Acesso em: 13 nov. 2020.

Ao saírem da área que atualmente corresponde a Petrolina-PE, os naturalistas avistaram a Serra Dois Irmãos, após contornarem a montanha, encontraram-se na Província do Piauí. Ao passarem pela Fazenda Serrinha, da qual fazem poucas descrições, apenas relatam algumas informações sobre a vegetação e o clima da região, chegaram à Fazenda da Serra Branca. Nesta região, os viajantes mencionam que foram recebidos com hospitalidade, e que os moradores daquela fazenda eram “gente de amável bondade de coração e costumes simples, não se cansavam de indagar dos estrangeiros acerca de sua pátria, da qual faziam a mais singular ideia”.<sup>64</sup> Diante disso, percebe-se a curiosidade dos habitantes da Fazenda da Serra Branca em

<sup>64</sup> SPIX, J. B. von.; MARTIUS, C.F.P. von. **Viagem pelo Brasil (1817-1820)**, 1976. p.213.

relação aos estrangeiros e sua pátria. Sendo assim, podemos afirmar que os viajantes observaram e foram analisados pelos moradores da região a partir do contato.

Prosseguindo, Spix e Martius dirigiram-se ao norte da Serra Branca para chegar à Fazenda da Cachoeira, onde descrevem a grande escala da pecuária nessa área. Segundo os viajantes “algumas centenas de vacas e bezerros estavam justamente sendo conduzidas para o curral”.<sup>65</sup> Em relação a quantidade de fazendas, relataram que após atravessarem o Rio Canindé, chegaram à Fazenda Poções de Baixo no dia 1º de maio, uma das 33 fazendas do Piauí.<sup>66</sup> Entretanto, Pereira da Costa, em sua obra *Cronologia Histórica do Estado do Piauí* vol. 2, relata que em 1811, “procede o ouvidor-geral dom Luís de Oliveira a um inventário das fazendas, do qual se reconheceu que eram em número de 35, contendo todas 489 escravos, 1.010 cavalos, 1.860 bestas e 50.670 cabeças de gado vacum [...]”<sup>67</sup>. Uma vez que estas haviam sido incorporadas ao patrimônio régio, após terem sido confiscadas pela Coroa todas as fazendas e mais bens dos jesuítas que foram expulsos e reverteu para o Estado essas posses.<sup>68</sup>

Levando em consideração que os viajantes passaram pela Província do Piauí sete anos após o ano destacado por Pereira da Costa, podemos inferir que a possível razão para essa diferença é que em anos anteriores havia sido reduzido o número de fazendas pertencentes a Coroa “por serem doadas as seguintes a particulares que tinham envelhecido paupérrimos no serviço do Estado [...]”<sup>69</sup>. Apesar de divergirem acerca da quantidade de fazendas existentes, ambos convergem sobre a administração destas, uma vez que afirmam que eram administradas por três inspeções, sendo elas: Inspeção de Nazaré, Inspeção do Piauí e Inspeção do Canindé. Estas, segundo Spix e Martius, possuíam três inspetores, os quais recebiam o ordenado anual de 300\$000. Além disso, dispõem “de vaqueiros, que dirigem cada uma das fazendas e permanecem no serviço três a cinco anos, para o qual são contratados não pelo inspetor, mas pelo governador da província”<sup>70</sup>.

Ainda de acordo com a narrativa desses viajantes, os vaqueiros recebiam como pagamento um quarto de todos os bois e cavalos criados anualmente na fazenda. Na mesma perspectiva, a autora Miridan Brito afirma que essa prática perdurara por muitos anos. Desse modo, no que diz respeito aos vaqueiros no Piauí, ela mencionou que “dos bezerros que

---

<sup>65</sup> Ibidem., p. 214.

<sup>66</sup> Ibidem., p. 215.

<sup>67</sup> COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Cronologia histórica do estado do Piauí**. Rio de Janeiro: Artenova, vol. I, 1974. p. 136.

<sup>68</sup> COSTA, 1974, p. 215.

<sup>69</sup> Ibidem., p. 136

<sup>70</sup> Ibidem., p. 215.

nascessem anualmente, um quarto era seu”<sup>71</sup>. Porém, já no fim do século XVIII, a pecuária começara a entrar em declínio,<sup>72</sup> fator que contribuiu para o aumento da pobreza da região e o isolamento do Piauí.

Além dos vaqueiros, habitavam nas fazendas os agregados, isto é, “pessoas livres e pobres, que moravam de favor, na extensa propriedade”<sup>73</sup>. Acerca disso, os naturalistas informaram que havia uma resistência por parte dos proprietários das grandes fazendas, pois não queriam ceder parte de suas terras, por “considerarem indispensável as grandes extensões para a criação do seu gado [...] atualmente na ocasião da seca, é necessário poder movimentar as boiadas em grandes espaços para que consigam achar bastante capim seco e frutas”<sup>74</sup>.

À vista disso, os estrangeiros sugerem que se alguns poços fossem construídos em áreas apropriadas e feita a irrigação artificial, os habitantes da região poderiam evitar as consequências nefastas de secas de longo prazo. Além disso, na concepção desses viajantes, isso possibilitaria o aumento da população e tornaria aquela área mais importante, por meio do aproveitamento de seus dons naturais. Podemos notar que, ao observarem a estrutura socioeconômica da região, esses sujeitos indicaram a necessidade da região de incrementar novas técnicas, baseados em ideias progressistas de seu país de origem. No entanto, os habitantes imersos nesse cenário não viam dessa forma. Isso deve-se ao fato de os viajantes verem o mundo através de sua própria viseira ideológica. Diante da situação do Brasil, que ainda estava em construção, principalmente a Província do Piauí no século XIX, eles procuraram ao máximo instruir aquilo que estava à vista, tendo como parâmetro as suas convicções.

Nessa perspectiva, Margarida Maria da Silva Corrêa ressalta que no século XVIII o pensamento racional já estava concretizado e, juntamente a filosofia iluminista, um novo paradigma foi criado. Assim, segundo a autora

A força dessas idéias progressistas fundamentadas na razão iria se desenvolver juntamente com o advento da sociedade capitalista e, já no final do setecentos, a ciência e a técnica ocupavam o centro dos interesses que conduziram à Revolução Industrial, associando a idéia de progresso à de industrialização vista como sinônimo de modernização.<sup>75</sup>

<sup>71</sup> FALCI, 1986, p. 35.

<sup>72</sup> De acordo com Alcebíades Costa Filho (2006, p. 24 apud QUEIROZ, 1998, p. 21-22) “a crise econômica agravou-se com a perda do mercado consumidor de gado em face da incapacidade da pecuária piauiense em competir no mercado, dado o crescimento e melhoria dos rebanhos de outras províncias em decorrência da implementação de novas técnicas de produção.”

<sup>73</sup> COSTA FILHO, Alcebíades. Atividades econômicas e sociedade. In: **A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí (1850–1889)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006. p. 29.

<sup>74</sup> SPIX, J. B. von.; MARTIUS, C.F.P. von, 1976, p. 216.

<sup>75</sup> CORRÊA, 1997, p. 46.

À vista disso é preciso salientar que os viajantes-naturalistas eram oriundos de um continente já transformado pelo advento da Revolução Industrial, como também eram homens de mentalidade urbana e portadores de um saber acadêmico enciclopédico.<sup>76</sup> Desse modo, quando eles enfatizaram a necessidade de novas técnicas, como a irrigação artificial, para minimizar os efeitos nocivos da seca na região do Piauí, essas ideias progressistas podem ser identificadas.

Outro episódio digno de nota na trajetória dos naturalistas Spix e Martius pelo Piauí, foi o contato que eles tiveram com um traficante de escravos que transportava para Aldeias Altas, atualmente município do Maranhão, 40 negros jovens de ambos os sexos, que haviam sido comprados na Bahia. Este encontro ocorreu quando os viajantes acamparam junto a um açude para descansar, antes de chegarem à Fazenda Poções de Baixo. Sobre isso, os viajantes relataram que “esse bando de etíopes juvenis entregou-se, segundo o costume do país, ao ar livre, à mais extravagante alegria, que com as suas danças licenciosas, atingiu a fúria bacântica, acompanhada de estalos, sibilos, assobios e cantos.”<sup>77</sup>

Diante disto, vemos que a observação feita pelos viajantes sobre os negros escravizados é carregada de estranhamento, pois se deparam com costumes que não estavam habituados e, portanto, não se enquadram em seus padrões “civilizados”. Isso é perceptível quando dizem que esses povos etíopes em suas danças agridem as normas e convenções sociais. Além disso, eles consideraram esse comportamento como algo depravado. Quando dizem que esses atos atingiram a “fúria bacântica”, podemos entender que, para as mulheres, essa seria uma forma extravagante de comportamento. Esse comportamento, para eles, representava ausência de pudor.

Assim, isso nos revela como o comportamento das mulheres negras escravizadas foram descritos pelo olhar do viajante estrangeiro nas regiões do Piauí no início do século XIX. Além disso, evidencia também a estranheza cultural do estrangeiro ao entrar em contato com o “outro” detentores de culturas diferentes. Segundo Tzvetan Todorov, o sujeito estrangeiro “não percebe o outro [...] e impõe a ele seus próprios valores”<sup>78</sup>. Isto é, partem de sua própria concepção de mundo. Na perspectiva desse autor, o “outro” sempre é visto com estranhamento,

---

<sup>76</sup> Ibidem. p. 229.

<sup>77</sup> SPIX, J. B. von.; MARTIUS, C.F.P. von, 1976, p. 214.

<sup>78</sup> TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América**: a questão do outro. 3 ed. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 30.

como algo inferior, um ser que está fora e dentro de quem vê<sup>79</sup>. O “diferente” causa estranhamento aos estrangeiros, e o “outro” torna-se objeto de observação em suas narrativas.

Apesar da pecuária ser a principal atividade econômica no século XIX, não podemos deixar de ressaltar que na Província desenvolvia-se a agricultura, porém apenas como meio de subsistência. Sobre isso, a autora Miridan Brito ressalta que

[...] a agricultura se desenvolvia de maneira ineficaz em lugares isolados, nos chamados “baixões”, onde o gado não encontrava habitat adequado. Caracterizava-se uma agricultura de subsistência com base no arroz, feijão, milho, cana-de-açúcar e algodão.”<sup>80</sup>

Dessa forma, a agricultura servia somente como uma atividade complementar, tendo em vista que a dispersão populacional também impossibilitou o desenvolvimento dessa atividade. Diante disso, vemos que a economia piauiense no início do século XIX ainda tinha como base os traços da herança colonial. Sobre a agricultura os viajantes relataram que

Embora muitas dessas fazendas empreguem uns 20 escravos, a metade dos quais basta para vigiar uma boiada de 1.000 cabeças, não cultivam elas próprias o necessário de milho e mandioca, mas dedicam-se quase exclusivamente à criação do gado.<sup>81</sup>

À vista disso, percebemos que os viajantes Spix e Martius não relacionam a pouca importância dada à agricultura pelos piauienses como resultado de sua “preguiça”, diferentemente da ideia defendida pelo português João de Amorim Pereira, governador da Capitania em 1798. Em um ofício enviado ao Ministro de Ultramar ele afirmou que “justificava a falta de gêneros de consumo em Oeiras em razão das dificuldades de transporte e da grande preguiça quase universal destes povos.”<sup>82</sup>

É necessário regressarmos a meados do século XVIII para podermos compreender como a sociedade piauiense estava organizada no início do século XIX. Para isso, podemos nos basear na discussão empreendida pela autora Miridan Brito, pois ela ressaltou o processo de instalação das primeiras vilas na região. Segundo a autora

Em 1761, com a criação da Capitania de São José do Piauí, foram erigidas à categoria de vila as primeiras povoações de Jerumenha, Campo Maior, Marvão (hoje Castelo do Piauí), Valença, Parnaíba e Parnaguá, enquanto

<sup>79</sup> Ibidem., p. 23.

<sup>80</sup> FALCI, 1986, p.28.

<sup>81</sup> SPIX, J. B. von.; MARTIUS, C.F.P. von, 1976, p. 216.

<sup>82</sup> MENDES, Felipe. Formação Econômica. In: **Piauí: formação, desenvolvimento, perspectivas**. Fundação de Apoio Cultural do Piauí, 1995. p. 66.

Oeiras, conhecida como Vila da Mocha, o mais antigo núcleo populacional, passou a cidade e capital.<sup>83</sup>

Isso foi feito através da Carta Régia datada de 19 de junho de 1761. Ainda de acordo com Miridan Brito, esses povoados eram constituídos por mecânicos, artesãos e comerciantes, e os cargos administrativos e judiciais locais eram ocupados por sujeitos vindos da metrópole portuguesa. Já em 1811, segundo Pereira da Costa, a Capitania do Piauí foi desvinculada da jurisdição do Maranhão, e os seus governadores se tornam independentes, tonando-se mais livres para decidirem o que era benéfico para o Estado.

Para analisar a sociedade piauiense oitocentista é necessário compreender que as relações sociais se entrelaçam nas disputas econômicas e políticas. Como mencionamos anteriormente, devido à longa distância e ao isolamento do espaço piauiense, as fazendas existentes na Província tornaram-se locais onde o poder estava concentrado nas mãos de um pequeno grupo dominante: os fazendeiros. Segundo as autoras Maria Célis Portella Nunes e Irlane Gonçalves de Abreu, os fazendeiros “[...] revestia-se de muito autoritarismo. Criavam e executavam suas leis e disciplinas [...] isolados e acomodados em seus latifúndios, usavam de força e poder para resolver as questões do dia-a-dia”<sup>84</sup>. Na perspectiva das autoras, a sociedade piauiense encontrava-se diante de um pequeno grupo que detinha tanto a posse de terra quanto os meios de produção e a maioria da população não detinha de nenhum poder dentro dessa estrutura sócio-política.<sup>85</sup>

As fazendas serviram como “agência de desenvolvimento econômico, social e político do Piauí [...]”<sup>86</sup>, isso porque foi um dos principais – senão o único – núcleo da sociedade que estava em desenvolvimento. Nessa perspectiva, a fazenda era um espaço em que o senhor detinha de todo poderio, e ela não servia apenas como residência, mas tinha também capela, escravos, a bolandeira, a engenhoca, entre outros elementos.<sup>87</sup> Assim, percebemos que o desenvolvimento desses primeiros povoados serviu como base para a estrutura sócio-política e econômica da sociedade piauiense.

Além dos relatos de viagens, a presença dos naturalistas Spix e Martius na Província do Piauí é confirmada pelo *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial* do Maranhão, no qual é descrito que em “1819 – Chegam a esta cidade, vindos do Piauhy, os sabios Spix e

---

<sup>83</sup> FALCI, 1986, p. 16.

<sup>84</sup> NUNES, C. P.; ABREU, I. G. Vilas e cidades do Piauí. In: **Piauí: formação, desenvolvimento, perspectivas**. Fundação de Apoio Cultural do Piauí, 1995. p. 88.

<sup>85</sup> *Ibidem.*, p. 88.

<sup>86</sup> BRANDÃO, Wilson de Andrade. Formação Social. In: **Piauí: formação, desenvolvimento, perspectivas**. Fundação de Apoio Cultural do Piauí, 1995. p. 25.

<sup>87</sup> *Ibidem.*, p.25.

Martius, que d'aqui se passam ao Pará".<sup>88</sup> Durante o percurso pelo sertão piauiense, os viajantes tiveram contato com sertanejos e os caracterizaram como sendo de

Gênio alegre, folgazão, lhano, bondoso, manifesta-se nas feições redondas dessa gente bem nutrida, forte e trabalhadora [...] o piauiense distingue-se de modo singular por sua ingenuidade, sem jactância e o gênio prosaico do mineiro airoso, polido e poético.<sup>89</sup>

Na perspectiva desses estrangeiros, isso deve-se em grande medida a ocupação dos sertanejos, pois ganham resistência por reunir um grande número de gado e protegê-los dos animais selvagens, o que não só exercita a força física, mas também a resistência dos sujeitos, além de sua alimentação provir da dieta animal. Acreditamos que essas características descritas por esses estrangeiros contribuíram para a construção de estereótipos sobre o sertanejo a partir de termos pejorativos, principalmente do “ser piauiense” no século seguinte.

Diante da escassez de dados sobre o número de residentes na Província do Piauí nos primeiros anos do século XIX, decidimos comparar alguns dados bibliográficos do fim do século XVIII com as anotações dos viajantes Spix e Martius em 1818, buscando avaliar a população da região e, portanto, também proporcionar informações sobre a província. De acordo com os autores Washington Luís de Sousa Bonfim e Raimundo Batista dos Santos Júnior, “em 1762 havia 536 fazendas, com uma população total de 14.342 habitantes”<sup>90</sup>.

De acordo com os dados utilizados pelos autores, 3.615 desses habitantes residiam nas 169 fazendas de Oeiras, ou seja, essa capitania concentrava a maior parte da população.<sup>91</sup> É válido ressaltar que, segundo Wilson de Andrade Brandão,<sup>92</sup> o primeiro recenseamento foi feito em 1762 por ordem do primeiro governador da Capitania, João Pereira Caldas, e terminou em 1854. No que tange à quantidade de habitantes na região de Oeiras durante o período em que a visitaram, em 1818, Spix e Martius relataram que “contavam-se na sua extensa freguesia 14.074 habitantes, segundo listas dadas pelo governo.”<sup>93</sup> Observa-se um aumento de 10.459 pessoas em 56 anos.

<sup>88</sup> Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial (MA) – 1858 a 1868”. Ano IX, Edição 00001(1), 1866, p. 386. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=706655&pesq=%22spix%20e%20martius%22&pagfis=3567>. Acesso em: 09/09/2019.

<sup>89</sup> SPIX, J. B. von.; MARTIUS, C.F.P. von, 1976, p. 209.

<sup>90</sup> SOUSA BONFIM, W. L.; SANTOS JÚNIOR, R. B. Formação Política. In: **Piauí: formação, desenvolvimento, perspectivas**. Fundação de Apoio Cultural do Piauí, 1995. p. 45.

<sup>91</sup> Segundo Miridan Brito, em segundo lugar estava Parnaíba em termos de concentração populacional, e em terceiro lugar ocupava a região de Campo Maior.

<sup>92</sup> O autor utiliza os dados disponibilizados por Pereira da Costa em sua obra **Cronologia histórica do estado do Piauí**. 1974.

<sup>93</sup> SPIX, J. B. von.; MARTIUS, C.F.P. von, 1976. p. 217.

No entanto, o que despertou nossa curiosidade é que no período de transição do século XVIII para o XIX, só houve um recenseamento da população piauiense em 1826<sup>94</sup>, e o último censo do século XVIII foi realizado em 1799, ou seja, há um intervalo de vinte e sete anos. Dessarte, nos dispomos a analisar como estava o Piauí no período em que os viajantes Spix e Martius estiveram na região, a fim de que possamos apresentar algumas informações que contribuam para a historiografia piauiense, tendo como base os relatos desses viajantes.

É importante ressaltarmos que, segundo o historiador Francisco Gleison da Costa Monteiro, apesar de algumas iniciativas

Os trabalhos estatísticos nunca avançaram na província. Certamente, não existia incentivo financeiro e nem pessoas qualificadas para tal empreitada. Portanto, foi comum, nos relatórios provinciais, os presidentes citarem informações dos anos anteriores, quando se referiam aos números estatísticos. Por isso, quando as autoridades responsáveis consolidavam os dados sempre as informações eram incompletas e inequívocas em relação a quantidade de pessoas que viviam nas vilas.<sup>95</sup>

Tendo em vista que a população total em 1799 era de 51.721<sup>96</sup>, não há informações sobre a quantidade de pessoas livres e escravas. Entretanto, em 1826, havia um total de 94.948 pessoas, das quais 59.734 livres e 35.214 eram escravas. Porém, de acordo com os dados fornecidos nas narrativas Spix e Martius, a população do Piauí era de 71.370 em 1819, dos quais 11.671 eram brancos, 21.526 eram negros e 38.173 eram de cor. Essas informações mencionadas pelos viajantes eram baseadas em dados provinciais oficiais. Segundo Pereira da Costa, um dos motivos do crescimento populacional foram as migrações em decorrência das secas em 1792 e 1825 que, de acordo com este autor, muitos cearenses se instalaram definitivamente no Piauí. Nessa perspectiva, o estudo do economista Felipe Mendes, contido na obra organizada pelo historiador Raimundo Nonato, afirma que embora a pecuária já estivesse em declínio nesse contexto, “a população cresceu uma taxa anual de 2,4%, caindo para 1,8% no último período, quando já era acentuada a estagnação econômica do Piauí”<sup>97</sup>.

No que diz respeito às secas, Spix e Martius mencionaram que

---

<sup>94</sup> É necessário ressaltarmos que, de acordo com Pereira da Costa, nesse recenseamento a população indígena não fora incluída.

<sup>95</sup> MONTEIRO, Francisco Gleison da Costa. “[...] **cumprindo ao homem ser trabalhador, instruído e moralizado**”: terra, trabalho e disciplina aos homens livres pobres na Província do Piauí (1850-1888).” Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2016, p. 89.

<sup>96</sup> COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Cronologia histórica do Estado do Piauí**: desde os seus tempos primitivos até a proclamação da República. vol.1. Editora: Artenova, 1974. p. 210.

<sup>97</sup> MENDES, 1995, p. 65.

Sofrem estas regiões [...] de grandes secas periódicas, como costuma acontecer de 10 em 10 anos, quando o tempo da chuva não chega de todo ou só pouco. A terra rasga-se então em grandes fendas, a vegetação morre completamente, os animais do mato e numerosos rebanhos são vítimas da fome e da sede, e os habitantes são forçados a exilar-se.<sup>98</sup>

Essas informações foram obtidas pelos viajantes a partir do contato que tiveram com os vaqueiros que transitavam a região tocando as boiadas do Piauí para a capital de Pernambuco.<sup>99</sup> Com isso, podemos dizer que as andanças dos vaqueiros tocando as boiadas para outras regiões, não transportava somente bois, mas também notícias, estabelecendo conexões entre as províncias e difundindo informações.

Em relação à sociedade piauiense, antes de chegar à cidade de Oeiras, um episódio notável foi presenciado pelos naturalistas Spix e Martius. Após enfrentarem caminhos quase intransitáveis, avistaram campos abertos e logo chegaram a Fazenda Brejo, onde residia o chefe da Inspeção de Canindé. Na narrativa, os viajantes mencionam que a família que morava nessa fazenda “acolheram-nos muito bem aqui, e fizeram ao nosso criado francês proposta para aqui se estabelecer sob a égide do himeneu.”<sup>100</sup> De acordo com os escritos, a família expressara o desejo de “aprimorar o seu sangue”<sup>101</sup>, ou seja, desejavam “embranquecer” as suas gerações futuras por meio do casamento de sua filha com o criado francês que os acompanhava.

À vista disso, podemos inferir que devido à posição social da família, por serem de condição abastada, almejavam ser mais semelhantes aos europeus por meio de um branqueamento étnico, pois os viajantes relataram que a moça filha do fazendeiro era mestiça. Esse relato contribui na medida em que nos ajuda a conhecer um pouco do imaginário dos habitantes dessa região na primeira metade do século XIX. Considerando que a filha do casal era mestiça, podemos observar que a família residente da Fazenda Brejo tinha como parâmetro civilizatório e superior o branco europeu. Assim sendo, se a moça se casasse com o francês que acompanhava os viajantes naturalistas, sua prole poderia se tornar racialmente branca.

Embora as discussões e teorias de branqueamento só comecem no Brasil no fim do século XIX, percebemos que no período em que os naturalistas percorreram o Piauí no início dos oitocentos o desejo de embranquecer a família já fazia parte do imaginário dos habitantes do interior do país, principalmente das famílias mais abastadas. De acordo com Luis Fernando

---

<sup>98</sup> SPIX, J. B. von.; MARTIUS, C.F.P. von, 1976. p. 211.

<sup>99</sup> Ibidem., p. 212.

<sup>100</sup> Ibidem., p. 216.

<sup>101</sup> Ibidem., p. 216.

Beneduzi, as questões étnico-raciais ganharam destaque a partir do processo de independência quando se buscou elaborar uma identidade nacional. Desse modo, ele afirma que

A partir de 1822, com a separação política de Portugal, o Estado que nasce precisa se construir como nação, isto é, elaborar uma identidade nacional que permita o crescimento de uma coesão interna. [...] Nesse contexto de formação de um certo povo brasileiro, a questão da escravidão africana – e a figura do negro – colocava-se como grande elemento de conflito, na busca de uma homogeneização do Brasil.<sup>102</sup>

Em síntese, podemos constatar que, no processo de construção de uma identidade nacional, a política de branqueamento racial foi defendida por meio de discursos que declaravam a inferioridade dos mestiços. No Brasil, o movimento eugênico<sup>103</sup> emergiu com o objetivo de promover uma “regeneração racial”. Segundo o historiador Vanderlei Sebastião de Souza

Tendo em vista que as questões raciais sempre constituíram um quadro controvertido da formação antropológica brasileira, é possível sugerir que a convergência da eugenia no Brasil esteve condicionada pelas ideologias raciais que aqui se desenvolveram desde o século XIX, sendo reinseridas pela eugenia a partir de 1920 sob novos termos e concepções. De maneira geral, esse modelo de eugenia agradava especialmente aqueles que viam na questão racial o principal problema do país.<sup>104</sup>

Desse modo, as ideias eugênicas relacionavam-se ao debate sobre raça, gênero, saúde, sexualidade e nacionalismo. Vale ressaltar que somente em 1914 foi apresentado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro o primeiro trabalho que abordou de forma mais ampla as questões eugênicas no Brasil, numa tese intitulada “Eugenia” do autor Alexandre Tepedino.<sup>105</sup> Na visão de muitos intelectuais estrangeiros, até mesmo para as elites nacionais “o Brasil se apresentava como uma nação marcada pela inferioridade racial, pelo atraso econômico e político e pela falta de civilidade do seu povo”.<sup>106</sup>

<sup>102</sup> BENEDUZI, Luis Fernando. Por um braqueamento mais rápido: identidade e racismo nas narrativas do álbum do cinquentenário da imigração italiana no sul do Brasil. **Antíteses**, v. 4, n. 7, 2011. p. 15-16.

<sup>103</sup> Segundo Vanderlei Sebastião de Souza (2012), em consonância com as teorias biológicas e o cenário social em que se encontrava a Europa no final do século XIX, o cientista britânico Francis Galton em 1883 empregou a palavra *eugenia* para definir a ciência da hereditariedade humana. Cf. SOUZA, Vanderlei Sebastião de. AS IDÉIAS EUGÊNICAS NO BRASIL: ciência, raça e projeto nacional no entre-guerras. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 6, n. 11, 2012.

<sup>104</sup> SOUZA, Vanderlei Sebastião de. AS IDÉIAS EUGÊNICAS NO BRASIL: ciência, raça e projeto nacional no entre-guerras. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 6, n. 11, 2012. p. 10.

<sup>105</sup> SOUZA, 2012, p. 6.

<sup>106</sup> *Ibidem*, p. 4.

Ao pôr-do-sol de 3 de maio, os viajantes chegaram à cidade de Oeiras, capital da província do Piauí. Em seguida, descreveram a estrutura da cidade declarando que ela possuía “casaria, em filas desiguais, se apresenta só ao olhar do viajante, depois de contornar em picadas muito tortuosas a última colina”<sup>107</sup>. A estrutura da cidade despertou um certo estranhamento entre os viajantes, pois eles avaliaram o pequeno contingente populacional urbano de Oeiras a partir do ideário de urbanidade que possuíam. Em outras palavras, considerando o pensamento europeu de urbanidade, as ruas tortuosas de Oeiras lhes causaram desapontamento.

À chegada, os naturalistas foram recebidos pelo capitão-mor, João Nepomuceno de Castelo Branco que, segundo o relato dos viajantes, já havia preparado uma casa para os receber. Além disso, descreveram o contato que tiveram com o governador da Capitania de São José do Piauí, o Coronel Baltazar de Sousa Botelho e Vasconcelos, sobre este eles disseram que

[...] tivemos o ensejo de apreciar um homem tão ilustrado, quanto atencioso. Embora ocupado com os preparativos de sua iminente viagem para a província do Espírito Santo, da qual havia sido nomeado governador, de nada se descuidou, a fim de tornar tão proveitosa e agradável quanto possível nossa estada.<sup>108</sup>

Baltazar de Sousa Botelho e Vasconcelos assumiu o governo da capitania em 1814. De acordo com Pereira da Costa, ele foi um dos que se empenharam na mudança da capital de Oeiras para Parnaíba, porém essa ideia não foi aceita pela Câmara e pelos povos, que apresentaram as suas oposições a essa mudança.<sup>109</sup> Diante do exposto, podemos inferir que esses elogios feitos ao governador se devem ao fato dele ser um sujeito “civilizado”, haja vista o restante da população, pois este era um português e detinha de uma cultura semelhante à dos naturalistas bávaros.

Ainda sobre a cidade de Oeiras os viajantes realizaram as seguintes observações “[...] é uma povoação insignificante, que consta de algumas ruas irregulares, com casas baixas de barro caiadas de branco”<sup>110</sup>. Na perspectiva do autor José Carlos Barreiro, os viajantes que estiveram no Brasil determinaram alguns parâmetros definidores relacionados à pobreza e indigência das classes menos abastadas. Desse modo

A forma simples da construção das casas, a partir da matéria bruta oferecida pela natureza (barro, sapé, ramos e palhas de palmeira), bem como a

<sup>107</sup> SPIX, J. B. von.; MARTIUS, C.F.P. von, 1976. p. 217.

<sup>108</sup> Ibidem., p. 217.

<sup>109</sup> COSTA, 1974, p. 239.

<sup>110</sup> SPIX, J. B. von.; MARTIUS, C.F.P. von, 1976. p. 217.

alimentação baseada na coleta e na pesca, são sintomas que atestam, para o autor, o estado de necessidade e privação desses habitantes.<sup>111</sup>

Sendo assim, o modo de viver dos povos no Brasil no século XIX, nesse caso, os povos que habitavam o sertão piauiense, foram vistos como sujeitos atrasados, incultos, carentes, entre outras designações. Porém, não esqueçamos que esses viajantes procediam de países mais desenvolvidos que o Brasil, pois este ainda se encontrava em processo de desenvolvimento, visto que recentemente havia sido elevado à categoria de Reino Unido a Portugal e Algarves. Dessa forma, devemos estar atentos às concepções ideológicas desses viajantes, pois eles possuíam ideias, valores e padrões culturais próprios.

A autora Miridan Brito, em suas análises sobre Oeiras nesse período, diz que “sua área urbana de ruas sem calçamento e iluminação espalhava-se a partir da praça da Matriz, onde ainda se encontrava a igreja Nossa Senhora da Vitória construída em 1733 com a imagem trazida de Olinda em 1696 e mais duas ermidas, a de Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora do Rosário”<sup>112</sup>. Sobre o clima e a alimentação dos habitantes da província, Spix e Martius relataram que “o clima aqui é saudável, e o frequente consumo de carne fresca de boi contribui para manter robusta a gente.”<sup>113</sup> Quanto às instalações da cidade, a historiadora Miridan Brito informa que existia apenas um hospital em 1836, que se destinava a atender escravos e indigentes em precárias condições, tendo em vista que as pessoas da classe abastada da sociedade eram tratadas em casa.

Em relação às epidemias na província, uma das que predominava nesse período era a chamada bexiga (varíola), que causou grandes danos à população.<sup>114</sup> A respeito disso, os naturalistas Spix e Martius também relataram outras doenças que afligiam a população na cidade Oeiras, bem como informaram que

Só existiam dois cirurgiões e nenhum clínico, numerosos doentes, e observamos muitos casos de fraqueza gástrica, flatulência, dispepsia, cardialgia e mal-de-engasgo, que consiste ora na irritação da cartilagem do processo xifoide, curvada para dentro, ora conseqüente catarata, nefélio na córnea e o *arcus senilis*, declaravam-se principalmente na época seca do ano.<sup>115</sup>

Diante do exposto, podemos constatar que eles analisaram as circunstâncias que a população vivia e as enfermidades que eram mais frequentes na sociedade durante sua estada

---

<sup>111</sup> BARREIRO, 2002, p. 45.

<sup>112</sup> FALCI, 1986, p. 16.

<sup>113</sup> SPIX, J. B. von.; MARTIUS, C.F.P. von, 1976. p. 218.

<sup>114</sup> FALCI, 1986, p. 17.

<sup>115</sup> SPIX, J. B. von.; MARTIUS, C.F.P. von, 1976. p. 218.

na cidade de Oeiras. Por serem também médicos<sup>116</sup>, esses estrangeiros estavam atentos a essas questões.

Ademais, esses viajantes informaram a condição que se encontrava a única farmácia existente na região e outros edifícios, como hospital e a Igreja da cidade. Isto permite-nos compreender as condições da cidade de Oeiras em 1818 a partir das descrições de Spix e Martius. De acordo com esses sujeitos, essas edificações encontravam-se

no mais deplorável estado, pois todos os medicamentos vêm da Bahia ou do Maranhão, onde às vezes já permaneceram anos. O hospital, instalado especialmente para soldados, contém 40 leitos. A principal igreja, dedicada à Nossa Senhora da Vitória, e as duas capelas, são edifícios insignificantes.<sup>117</sup>

Para os viajantes estrangeiros, esses monumentos eram desprezíveis, pois os seus olhares apreenderam vários aspectos do traçado das ruas, as pessoas, a estrutura urbana, etc., e a realidade observada conflitara com o conceito de civilização e de urbanidade que possuíam.

Os naturalistas bávaros também relataram que Oeiras possuía muitas riquezas naturais, eles descreveram que

A região de Oeiras é pitoresca, e rica em aspectos variados entre as diversas colinas e morros de grés avermelhado, ora perfilando-se acima da planície em forma de terraço, ora íngremes, ora nus ou com pastos de gramíneas altas verde-acinzentadas do agreste, ora com moitas fechadas, folhudas e árvores baixas.<sup>118</sup>

Nota-se na citação supracitada que os bávaros utilizaram-se do termo “pitoresco” para caracterizar a região de Oeiras. Segundo a historiadora Patrícia Vargas Lopes de Araujo este termo

É um vocábulo utilizado pela linguagem artística a partir de finais do século XVIII e seu uso tinha como finalidade designar uma nova categoria estética em relação tanto à paisagem natural quanto a representada, distinta da categoria sublime. O sublime convoca ao sentimento de temor reverencial diante da natureza, que se apresentaria grandiosa e hostil. O pitoresco, por outro lado, evoca as imperfeições e as assimetrias das cenas repletas de detalhes curiosos e singulares que tem como objetivo remeter a uma imagem de uma natureza acolhedora e dadivosa.<sup>119</sup>

---

<sup>116</sup> De acordo com José Carlos Barreiro (2002, p. 72), “Muitos dos viajantes que percorreram o Brasil eram médicos e também naturalistas. É o caso, entre outros, dos alemães Johann Baptist von Spix e de seu colega Martius. É o caso também do inglês George Gardner que, além de naturalista era médico”.

<sup>117</sup> SPIX, J. B. von.; MARTIUS, C.F.P. von, 1976. p. 218.

<sup>118</sup> Ibidem., p. 218.

<sup>119</sup> ARAUJO, P. V. L. A literatura de viagem e a representação do Brasil por estrangeiros no século XIX. **Saeculum – Revista de História**, v. 40, n. 40, 6 jul. 2019. p. 22.

Além disso, afirmaram que na visão do indivíduo que não é habituado com a região “ocorre o reparo que a natureza idílica da região corresponde à simplicidade do caráter dos habitantes; ele se demora de bom grado nos lugares ensombrados, circundados por extensas cercas de pés de abóboras pequenas e maracujás, ou junto das cristalinas fontes.”<sup>120</sup> Ou seja, diante do maravilhoso cenário natural da região, os viajantes estrangeiros logo assemelha-o ao caráter dos habitantes, os quais são apresentados como indivíduos simples e receptivos.

No *Relatório dos Presidentes dos Estados Brasileiros (PI)* no ano de 1912, João Luiz Ferreira, Governador do Estado do Piauí, informando as condições econômicas do Piauí, declarou que

É de todo sabido que o desenvolvimento da produção e da riqueza do Piauí assenta e se apoia, como Estado agrícola e pastoril que é, no incremento da pecuária e no fomento da lavoura. [...] No que concerne á natureza, não ha negar a uberdade da terra, e o vasto campo que ella é, azado, ao desenvolvimento de uma forte e grande policultura, por si bastante a uma riqueza invejavel. [...] E no que toca á indústria pastoril, velem as pastagens que cobrem o solo piauíense, muito mais do que aquellas de outros paizes, cuja prosperidade reside, em grande parte, no desenvolvimento da pecuária.<sup>121</sup>

Além disso, João Luiz Ferreira em seu relatório também mencionou os naturalistas estrangeiros Karl Friederich von Martius, Von Spix, George Gardner, Alcides d’Orbigny, entre outros, que descreveram a região do Piauí, comparando o clima da região com o da Amazônia, como sendo um “clima caluniado”. Ainda assim, ele diz que “a nossa natureza é vasta, capaz de cariadíssimas culturas. E se em particular se mostra, ás vezes, estéril e caprichosa, noutras, é por demais dadivosa e fecunda”.<sup>122</sup> Ao pesquisar nos Relatórios dos Presidentes da Província do Piauí a respeito da presença dos viajantes estrangeiros Spix, Martius e George Gardner, encontramos apenas este relatório de 1912.

Ainda em Oeiras, Spix e Martius fizeram algumas considerações sobre a Vila de Parnaíba, possivelmente a partir de informações obtidas pelos moradores e/ou documentos oficiais do governo, uma vez que não estiveram na Vila de Parnaíba. Eles enfatizaram a superioridade desta Vila sobre Oeiras, capital da Província do Piauí. De acordo com os seus escritos “Oeiras, em civilização e riqueza, é inferior à Vila de Parnaíba que, por sua situação na

<sup>120</sup> SPIX, J. B. von.; MARTIUS, C.F.P. von, 1976. p. 219.

<sup>121</sup> Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. “Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (PI) – 1890 a 1930”. Edição 00001(1), 01/06/ 1921, Teresina, p. 53. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720470&Pesq=%22Gardner%22&pagfis=1086>. Acesso em: 10/08/2019.

<sup>122</sup> Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. “Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (PI) – 1890 a 1930”. Edição 00001(1), 01/06/ 1921, Teresina, p. 53.

costa e pelo considerável comércio de algodão, fumo, couros, sebo e carne salgada, de todas as povoações da província floresce mais e mais<sup>123</sup>”.

Notemos que os viajantes ressaltam que, por estar localizada no litoral piauiense, a Vila de Parnaíba era mais desenvolvida social e economicamente. Em outras palavras, eles informam que embora Oeiras fosse a capital da Província do Piauí, era inferior à Vila de Parnaíba. Segundo Miridan Brito, esta Vila ganhou notoriedade no fim do século XVIII “graças ao intenso comércio que por ela se operava (comércio legal e contrabando) e às charqueadas existentes”<sup>124</sup>.

Em 1817, D. João VI criou uma alfândega em Parnaíba, que proporcionou uma maior dinâmica comercial na época, pois “exportavam carne salgada, couro, peles, chifre, algodão, fumo, açúcar e arroz. O Piauí era dos principais produtores de charque, juntamente com o Ceará e Rio Grande do Norte”<sup>125</sup> Ainda sobre a Vila da Parnaíba, os naturalistas declararam que se a Vila dispusesse de um melhor ancoradouro, o Rio Parnaíba seria mais importante para o comércio.<sup>126</sup> Durante esse período, as demais vilas não tiveram maior expressão, pois, como mencionamos, as três regiões de maior aglomeração da Província do Piauí era Oeiras, a Vila de Parnaíba e a Vila de Campo Maior.

Dessa forma, observa-se uma dispersão populacional no Piauí, o que dificultou o contato entre os habitantes, dificultando o intercâmbio cultural e social. Na concepção das autoras Maria Célis Portella Nunes e Irlane Gonçalves de Abreu, na vila da Parnaíba “a vida intelectual, social e política era bastante diferenciada da vida das outras vilas piauienses”<sup>127</sup>. Para elas, isso se deve ao contato dessa sociedade com moradores do Ceará, da Bahia e de outras províncias mais desenvolvidas, tornando-a, na concepção das autoras, uma Vila mais “sofisticada”. Em contraste a essa ideia, o autor Alcebíades Costa Filho resalta que a disseminação desses pensamentos sobre o processo histórico de Parnaíba ter sido diferente dos demais municípios do Piauí é um tanto exagerado, pois em sua opinião, “no século XIX, Parnaíba era tanto rural, quanto qualquer outra cidade ou vila.”<sup>128</sup>

Apesar de admirar a natureza da região e as características de seus habitantes em Oeiras, os viajantes estrangeiros estavam ansiosos para chegarem ao Maranhão. Tendo em vista que se encontravam impossibilitados de realizarem as suas pesquisas por aquela região porque ambos

---

<sup>123</sup> SPIX, J. B. von.; MARTIUS, C.F.P. von, 1976. p. 218.

<sup>124</sup> FALCI, 1986, p. 18.

<sup>125</sup> Ibidem., p. 19.

<sup>126</sup> SPIX, J. B. von.; MARTIUS, C.F.P. von, 1976. p. 229.

<sup>127</sup> NUNES, M. C. P.; ABREU, I. G. A, 1995, p. 94.

<sup>128</sup> COSTA FILHO, 1938, p. 48.

já estavam com a saúde debilitada, e sentindo febre diariamente, temiam que piorasse, por isso acharam melhor seguir para o Maranhão. Seguindo um conselho popular que diz que “[...] se deve sair tanto mais depressa de um lugar, quanto menos bem nos sentimos nele”.<sup>129</sup>

Desse modo, trataram de prosseguir a viagem pelo território piauiense, tendo como próximo destino o Maranhão. Ao se prepararem para deixar a cidade de Oeiras, os amigos naturalistas descreveram que receberam alguns presentes dos habitantes da cidade, os quais “haviam-se esforçado por provar-nos a sua simpatia com abundantes presentes de provisões de boca, de sorte que somente com uma tropa duas vezes maior, poderíamos carregar toda a nossa provisão de carne fresca e salgada.”<sup>130</sup> Dessa maneira, Spix e Martius enfatizaram a abundância de gado na Província do Piauí e o bom tratamento dispensado aos viajantes estrangeiros pelos moradores.

Após alguns dias de caminhada chegaram à Serra de São Gonçalo no dia 15 de maio, atual cidade de Amarante-PI. A descrição que fizeram da região é sucinta, apenas relataram que ao chegarem ao outro lado dessa serra chegaram a um “pequeno arraial do mesmo nome, um quadrado de palhoças baixas em volta de uma capela em ruína, e sede de uma colônia de índios”<sup>131</sup>. Segundo Miridan Brito, em 1831 São Gonçalo possuía apenas 6.466 habitantes.<sup>132</sup> Ou seja, mesmo depois de treze anos da passagem desses viajantes pela região, o número de habitantes ainda era baixo.

Após fazerem essa descrição, Spix e Martius narram um episódio que aconteceu no decurso de sua passagem por São Gonçalo de Amarante. Eles relataram o encontro com um cidadão da Bahia, que se encontrava em terrível estado e possuía uma expressão de terror imenso, o qual pediu aos viajantes que o deixassem acompanhá-los até Caxias, no Maranhão. Buscando entender o que teria acontecido para deixá-lo em tal estado, os naturalistas dizem que:

Observando-a mais atentamente e combinando as palavras isoladas que deixou escapar, como demente, depreendemos, enfim, que o desgraçado [...] numa viagem de mar para o Maranhão, havia naufragado e visto a sua mulher afundar nas ondas, e a filha ser engolida por um tubarão.<sup>133</sup>

Diante disso, vemos que os viajantes estrangeiros estavam sujeitos a diversas situações, pois estavam diante do desconhecido. Ao encontrarem esse homem que estava perdido e não sabia como havia vindo do litoral até aquela região, observaram e relataram esse acontecimento.

---

<sup>129</sup> SPIX, J. B. von.; MARTIUS, C.F.P. von, 1976. p. 219.

<sup>130</sup> Ibidem., p. 225.

<sup>131</sup> Ibidem., p. 225.

<sup>132</sup> FALCI, 1986, p. 108.

<sup>133</sup> SPIX, J. B. von.; MARTIUS, C.F.P. von, 1976. p. 228.

Essa trágica história contada pelo sujeito desorientado aos viajantes, durante o trajeto por São Gonçalo de Amarante, certamente chamara a atenção dos leitores europeus após a publicação dos relatos de viagens. Tendo em vista que naquela época ideias fantasiosas estavam presentes no imaginário europeu sobre os mistérios do interior do Brasil.

Assim sendo, a análise dos escritos dos naturalistas Spix e Martius sobre o Piauí na primeira metade do século XIX é de suma importância para entendermos as impressões destes viajantes sobre o que consideravam virtudes e defeitos do modelo de sociedade piauiense, pois além dos estudos da nossa natureza, descreveram também outros aspectos da nossa sociedade. Como vimos, os viajantes-naturalistas observaram e descreveram a economia, o comércio, a agricultura, os hábitos, a cultura, a alimentação, a política e construíram uma imagem peculiar da sociedade urbana e rural que conhecera bem de perto. Além disso, também escreveram sobre as características dos vaqueiros, fazendeiros e enfermidades que assolavam os habitantes da região.

Essas narrativas foram analisadas juntamente a outros elementos que permearam as observações e a escrita desses sujeitos, como por exemplo, a origem desses naturalistas, a sua formação intelectual, o momento em vivia o Brasil quando chegaram, os motivos de sua vinda Brasil, bem como os padrões culturais que possuíam. Só por meio da interpretação dos percursos desses viajantes é que podemos apreender as sutilezas que pontuam as suas narrativas do contato com a estrutura política, econômica e social da Província do Piauí pela qual passaram e descreveram a partir de sua ótica. Visto que esses sujeitos elaboraram conceitos ou preconceitos sobre os hábitos e a cultura sociedade do período em questão.

No capítulo seguinte, pretendemos analisar a narrativa de viagem do botânico George Gardner, investigando por meio de seu percurso, como ele descreveu os aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais da Província do Piauí em 1839. Tendo em vista que esse viajante-naturalista percorreu o Piauí vinte e um anos após a passagem de Spix e Martius, essa distância temporal servirá para comparar e contextualizarmos as visões de cada sujeito em determinado tempo e espaço. Além disso, veremos como George Gardner relatou o desdobramento da Balaiada nesta Província.

## 2 IMPRESSÕES DE UM VIAJANTE INGLÊS NA PROVÍNCIA DO PIAUÍ: GEORGE GARDNER

### 2.1 “Cenário talvez sem rival na face da terra”: motivos para visitar o Brasil

Como já adiantado na introdução deste trabalho, George Gardner nasceu em Glasgow (Escócia) em maio de 1812. Em termos de formação acadêmica, estudou medicina na Universidade de Glasgow, concluiu seus estudos em 1835 e, durante sua formação, desenvolveu um grande interesse pela História Natural, principalmente ao estudo da Botânica. Isso se deve à influência de seu professor de botânica William Jackson Hooker (1785-1865), de quem se tornou aprendiz. Diferentemente de Spix e Martius, os quais vieram ao Brasil como integrantes da expedição científica austríaca, George Gardner, recebeu financiamento de quatro museus e de vinte botânicos particulares para custear sua viagem ao Brasil, com o objetivo de coletar dados da flora brasileira, onde permaneceu por quase cinco anos (1836-1841).<sup>134</sup>

Motivado pelos relatos de viagens de Alexander von Humboldt, Spix e Martius e outros viajantes que o precederam, sobre o paraíso natural, a exuberância e biodiversidade dos países dos trópicos, George Gardner disse que “pelas fúlgidas descrições [...] da beleza e variedade de produções naturais dos países dos trópicos, da grandiosidade dos cenários das montanhas e do esplendor do seu firmamento, apoderou-se de mim um ardente desejo de viajar em tais regiões”.<sup>135</sup> Isso revela a influência dos escritos de viajantes estrangeiros sobre os seus leitores, tornando-se referência para os que desejavam visitar tais regiões.

De acordo com as informações relatadas por esse viajante, o seu professor William Jackson Hooker o havia recomendado a viajar para algum país da América do Sul. Então, quais foram os critérios de seleção utilizados por Gardner na escolha do país para a sua expedição exploratória? Em sua obra ele salientou que, “Recaiu a escolha no Brasil, o melhor campo para minhas pesquisas, visto que as produções vegetais daquele imenso império talvez fossem então menos conhecidas dos Ingleses, que as de qualquer outro país de igual tamanho em todo o mundo”.<sup>136</sup> Dessa forma, nota-se que a flora brasileira na década de trinta do século XIX ainda era pouco conhecida pelos ingleses. Assim sendo, a viagem seria uma excelente oportunidade para o naturalista George Gardner, pois seria reconhecido por empreender essa longa expedição

---

<sup>134</sup> PAIVA, Melquíades Pinto. *Os naturalistas e o Ceará*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2002. p. 77.

<sup>135</sup> GARDNER, 1942, p. 1.

<sup>136</sup> *Ibidem.*, p. 1.

a um território, a seu ver, ainda pouco estudado. Além de que, as viagens de cunho científico “contribuíram não apenas para a exaltação dos feitos individuais, mas, acima de tudo, glorificavam a nação a que estes heróis pertenciam [...] propiciavam-lhe uma posição vantajosa a nível político, comercial e científico à escala mundial”.<sup>137</sup>

Além disso, Gardner ressaltou o fato de que alguns naturalistas alemães e ingleses já haviam visitado o Brasil antes dele. Todavia, o que o motivou a escolher o Brasil como espaço para o desenvolvimento de suas pesquisas em História Natural, foi pelo fato de que

Nenhum inglês, com a só exceção de Cunnianham e Bowie e do intrépido Burchell, havia penetrado o interior: províncias inteiras, especialmente ao norte, ofereciam um campo virgem às investigações de futuros viajantes. E aquelas eram as que me interessava explorar.<sup>138</sup>

Assim, Gardner resolveu empreender sua viagem optando por um roteiro que privilegiasse as províncias do interior do Brasil, principalmente as Províncias do Norte – que atualmente corresponde a região Nordeste – pois elas ofereciam um “campo virgem” para as pesquisas dos naturalistas viajantes.

Após preparar-se para efetuar a viagem, ele deixou sua cidade natal, Glasgow, em 14 de março de 1836, e embarcou no dia 20 do mesmo mês na barca *Memnon* com destino ao Rio de Janeiro, capital do Brasil. Ao avistar a natureza do território brasileiro, a reação do naturalista britânico não difere do deslumbramento que tomou de conta dos viajantes europeus que o antecedeu. Sobre isso, Gardner escreveu que seria “impossível exprimir os sentimentos que dominam o observador enquanto os seus olhos contemplam o cenário, cenário talvez sem rival na face da terra, e em que a natureza parece ter exaurido todas as suas energias”.<sup>139</sup> A frase “[...] cenário talvez sem rival na face da terra”, contida na citação supracitada, é título deste tópico do trabalho, pois de acordo com este viajante, mesmo depois de deixar o Brasil e visitar outras regiões famosas pela sua beleza, nenhuma delas pode-se comparar ao sentimento singular causado pela paisagem do território brasileiro.

Durante sua visita ao Brasil, Gardner optou por incluir áreas não percorridas pelos naturalistas Spix e Martius, para isso, ele elaborou seu próprio roteiro de viagem, começando pela província do Rio de Janeiro e seguindo viagem para o interior do país, como Bahia, Pernambuco, Alagoas, Ceará, Piauí, Tocantins, Goiás, Minas Gerais e Maranhão. Diferindo de algumas regiões visitadas pelos viajantes naturalistas, Spix e Martius, que percorreram as

---

<sup>137</sup> DOMINGUES, Ângela. O Brasil nos relatos de viajantes ingleses do século XVIII: produção de discursos sobre o Novo Mundo. **Revista Brasileira de História**, v. 28, n. 55, 2008. p. 253.

<sup>138</sup> GARDNER, 1942, p.1-2.

<sup>139</sup> *Ibidem.*, p. 2.

províncias do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Piauí, também os arredores do Rio São Francisco no interior da Bahia e Maranhão. Nota-se, como mencionado anteriormente, que o itinerário de George Gardner privilegiava as províncias do interior do Brasil, principalmente as províncias do Norte, pois considerava essas regiões ainda pouco exploradas pelos naturalistas.

Ao pesquisarmos nos periódicos da época informações sobre a chegada de George Gardner ao Brasil em 1836, encontramos apenas a notícia de sua saída do Rio de Janeiro para a Bahia no Jornal *Diário do Rio de Janeiro*, que comunicou a lista de pessoas despachadas na Secretaria da Polícia no dia 6 de setembro de 1837. De acordo com a notícia: “I. B. Falco, Sardo, para Genova, leva sua mulher Júlia Falco, da mesma Nação; George Gardner, inglês, para a Bahia”.<sup>140</sup>

Em relação as descrições feitas pelos viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil, o *Jornal do Brasil (RJ)*, noticiou em 1972 a visita de George Gardner e o seu itinerário pelas províncias do Brasil, incluindo o Piauí. Assim dizia a notícia:

Botânico e geólogo, outro inglês que se encantou por a gente foi George Gardner que visitou o Brasil de 1836 a 1841. Vieira de Ceilão (da Trapobana camoniana) de cujo Jardim Botânico fora diretor. Do Rio embarcou para Pernambuco via Bahia. Daí viajou por Alagoas até o São Francisco, visitou o Ceará e o Piauí. Depois internou-se por Goiás e por Minas, cuja lembrança lhe deixou marca saliente, embora, de regresso à Inglaterra, ainda houvesse passado pelo Maranhão.<sup>141</sup>

As descrições elaboradas em sua expedição ao Brasil, deram origem ao livro intitulado: *Viagens no interior do Brasil: principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*, publicado originalmente em 1846, sendo traduzido para o português apenas em 1942 e reeditado em 1975. Nesta obra, encontram-se informações importantes sobre o Brasil, incluindo seus aspectos físicos, costumes, economia, fauna, flora, educação, e outros aspectos das regiões e das populações com as quais o autor esteve em contato. Em relação a isso, em 1943 o periódico *Diário de Notícias (RJ)* informou que

A Cia. Editora Nacional entregou ao público, em cuidada tradução do sr. Albertino Pinheiro, a magnífica obra de George Gardner – “Viagens no Brasil”, descrição minuciosa e atraente das excursões culturais que o autor

<sup>140</sup> Biblioteca Nacional / Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “Diário do Rio de Janeiro”. Edição 0900006 (1), nº 6, 07/09/1837, p. 1. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170\\_01&pesq=%22George%20Gardner%22&pagfis=19802](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_01&pesq=%22George%20Gardner%22&pagfis=19802). Acesso em: 10/08/2019.

<sup>141</sup> MACHADO, Edgar da Mata. **Estrangeiros “por” Minas e “em” Minas**. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31/10/1972, p. 13. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&pesq=%22George%20Gardner%22&pagfis=71182](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pesq=%22George%20Gardner%22&pagfis=71182). Acesso em: 13/01/2019.

realizou pelas províncias do Norte e distritos do ferro e do diamante. O trabalho de Gardner é de grande utilidade para todos que, mestres ou simples curiosos, aspiram bem conhecer o passado nacional, no que ele tem de belo, pitoresco e real.<sup>142</sup>

Na citação acima, pode-se perceber que a obra de Gardner é mencionada como referência, não apenas para pesquisadores, mas também para aqueles que possuem curiosidade sobre o território brasileiro e desejam conhecer mais sobre a sua história. Assim sendo, além de divulgar o Brasil no exterior, a obra deste viajante também exerceu a função de apresentar o Brasil aos seus próprios moradores pelos olhos de um estrangeiro.

A expedição de Gardner lhe rendeu reconhecimento, pois em sua bagagem, além das experiências vividas, levou muitos espécimes de animais e plantas. Ao retornar à Europa, tornou-se professor de Botânica e História Natural na Andersonian University (Glasgow). Ele também foi assistente do professor Henry Barron Fielding (1805-1851), na Oxford University, e em 1843 ocupou o cargo de superintendente do Jardim Botânico de Piradenia, no Ceilão, onde permaneceu até a sua morte em 10 de março de 1849.<sup>143</sup> À vista disso, vemos que ele ocupou cargos de prestígio devido as pesquisas empreendidas no Brasil. Portanto, percebemos que os viajantes que tiveram a oportunidade de realizar pesquisas científicas no território brasileiro, ao retornarem ao seu país de origem, obtiveram reconhecimento notório em sua profissão.

No Jornal *Diário de Pernambuco*, encontramos uma matéria de 1960 sobre os cientistas/naturalistas que se tornaram famosos após desenvolverem pesquisas no Brasil, principalmente na região Nordeste. Nessa matéria, o autor, professor Octávio Domingues, menciona um episódio que ocorreu com um de seus alunos recém-formado que havia sido convidado para trabalhar no Instituto de Pesquisas Agrícolas em São Gonçalo na Paraíba, interior do Nordeste. Segundo o professor, o jovem expressou dúvidas sobre aceitar a proposta, por se tratar de uma região longínqua. Porém, ele disse ao seu ex-aluno que acreditava firmemente que “o Nordeste é a região do Brasil mais fecunda em material para imortalizar qualquer pesquisador [...] Todos os que se serviram dele como motivo para seus estudos e observações no campo das ciências e das artes, até hoje, projetaram-se definitivamente na posteridade”.<sup>144</sup>

---

<sup>142</sup> Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “Diário de Notícias (RJ)”. Ano XIII nº 6205, Edição 06218(1), 31/01/1943, p. 2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718\\_02&pesq=%22George%20Gardner%22&pagfis=13081](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&pesq=%22George%20Gardner%22&pagfis=13081). Acesso em: 12/03/2020.

<sup>143</sup> PAIVA, 2002. p. 77-78.

<sup>144</sup> DOMINGUES, Octavio. **Nordeste fecundo e feiticeiro**. Diário de Pernambuco. Pernambuco, 21/09/1960. p. 4. Disponível em:

À exemplo disso, ele mencionou alguns viajantes estrangeiros como Saint-Hilaire, Martius e Spix, Lubbock, entre outros, os quais já eram notáveis como naturalistas quando vieram ao Brasil. No entanto, ele ressaltou outros dois viajantes que se destacaram após suas expedições no Brasil, especialmente no atual Nordeste, sendo eles Henry Koster e George Gardner, “cujo renome foi adquirido por via de seus livros de viagens, livros famosos, dos quais o Nordeste é a melhor porção. Sem esses livros, como nos lembraríamos deles?”.<sup>145</sup>

Diante disso, podemos afirmar que os relatos de viagens de George Gardner, especialmente pelas províncias do Norte do Brasil, lhe proporcionaram um reconhecimento notável – mesmo depois de um século de sua passagem pelo país – tornando-se referência para os demais pesquisadores que desejam empreender pesquisas pela região Nordeste. A obra *Viagem no interior do Brasil* de George Gardner, tornou-se tão célebre que o *Jornal do Brasil (RJ)*<sup>146</sup> em 1978 divulgou um anúncio da Editora Itatiaia Limitada, no qual continha nomes de obras que eram indispensáveis para quem desejasse conhecer mais sobre a história do Brasil. O título do anúncio era “A melhor coleção de livros sobre o Brasil”, nomes como Auguste de Saint-Hilaire, John Luccock, Thomas Ewbank fizeram parte da lista. Além destes, havia também a obra “Viagem ao interior do Brasil” de George Gardner.

Na primeira metade do século XIX, o Brasil foi palco de uma série de acontecimentos. Nos seus últimos dias de colônia “seguiu-se o fim do reinado de D. João VI, o início do reinado de D. Pedro I, a proclamação da Independência com a instauração de Império Brasileiro sob a égide da monarquia unitária dos Bragança, a abdicação de D. Pedro I, o período regencial”.<sup>147</sup> Assim, ao contrário de quando Spix e Martius visitaram o Brasil, quando Gardner chegou em 1836, o país já não estava mais sob o governo de D. João VI, pois encontrava-se no período chamado pela historiografia brasileira de Período das Regências (1831-1840). Segundo Marco Morel “o período regencial foi, portanto, tempo de esperanças, inseguranças e exaltações, tempo de rebeldia e de repressão, gerando definições, cujos traços essenciais permanecem na sociedade”.<sup>148</sup> Foi em meio a esse contexto instável que o viajante George Gardner visitou o

---

[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\\_14&pesq=%22nordeste%20fecundo%20e%20feiticeiro%22&pagfis=5456](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&pesq=%22nordeste%20fecundo%20e%20feiticeiro%22&pagfis=5456). Acesso em: 15/05/2020.

<sup>145</sup> DOMINGUES, Octavio. **Nordeste fecundo e feiticeiro**. Diário de Pernambuco. Pernambuco, 21/09/1960. p. 4. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718\\_02&pesq=%22George%20Gardner%22&pagfis=13081](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&pesq=%22George%20Gardner%22&pagfis=13081). Acesso em: 12/03/2020.

<sup>146</sup> Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “Jornal do Brasil (RJ)”. Ano LXXXVI n° 112, 5/11/1977. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&pesq=%22a%20melhor%20cole%C3%A7%C3%A3o%20de%20livros%20sobre%20o%20Brasil%22&pagfis=170259](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pesq=%22a%20melhor%20cole%C3%A7%C3%A3o%20de%20livros%20sobre%20o%20Brasil%22&pagfis=170259). Acesso em: 15/03/2019.

<sup>147</sup> CORRÊA, 1997, p. 99-100.

<sup>148</sup> MOREL, 2003, p. 10.

Brasil. Na manhã do dia 23 de julho de 1836, o botânico inglês George Gardner chegou ao Brasil, aos 24 anos de idade.

Era comum entre os viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil nos séculos anteriores, compararem os aspectos semelhantes ou diferentes do Brasil com as referências de seu país de origem para tornar a narrativa de viagem mais compreensível para os leitores. A narrativa de George Gardner não foi diferente, pois ao chegar ao Rio de Janeiro, capital do Brasil, o viajante comparou a população e os aspectos naturais com os habitantes e a vegetação de sua terra natal, ressaltando o estranhamento que sentiu ao ver os moradores do país. Sobre isso, ele declarou que “quão mais estranhos eram os seres humanos que ao desembarcar se me depararam”.<sup>149</sup> Termos como “estranho” eram utilizados frequentemente pelos viajantes para referirem-se aquilo que era diferente de seu padrão sociocultural.

Conforme escreveu o autor Sérgio Willian de Castro Filho,

A vivência destes estrangeiros no Brasil intensificava as tensões antes amenas enquanto tais sujeitos apenas postavam seus olhares sobre os outros; o encontro fazia as veias da alteridade pulsarem com maior vigor. Ora, o encontro direto com a alteridade tende a possibilitar reações como o estranhamento, o confronto [...] <sup>150</sup>

Dessa forma, o estranhamento ao que é diferente era comum nos escritos de viajantes estrangeiros, pois eles carregavam consigo uma série de normas culturais, então tudo o que observavam era descrito de acordo com seu próprio universo ideológico e cultural. Diante da realidade brasileira na primeira metade do século XIX, George Gardner teceu vários comentários sobre os aspectos das cidades e seus costumes. Vale ressaltar a surpresa do naturalista ao desembarcar, no que diz respeito a cidade do Rio de Janeiro e seus habitantes.

Aos poucos, Gardner foi formando seu conceito sobre a capital do Império, revelando também os seus preconceitos. Partilhando do mesmo sentimento descrito pelo poeta Lord Byron em seu poema “A Peregrinação de Childe Harold”, ele escreveu “Quem quer que entre nesta cidade, que, cintilando ao longe, parecia ser celestial, desconsolado errará em meio de tanta coisa repugnante a olhos estranhos: porque palácio e choupana são igualmente imundos: os esquálidos habitantes na imundícia se criam”.<sup>151</sup>

Assim sendo, fazendo uso das palavras do poeta, Gardner expressa a desilusão que sentiu ao ver o cenário urbano da capital brasileira. Esse era um sentimento comum entre os

---

<sup>149</sup> GARDNER, 1942, p. 3.

<sup>150</sup> OLIVEIRA FILHO, 2011, p. 172-173.

<sup>151</sup> GARDNER, 1942, p. 4.

viajantes estrangeiros da época, pois faziam a leitura da realidade tendo como referência os ideais eurocêntricos, bem como os princípios científicos do período em questão. Continuando a sua narrativa sobre a urbe, ele relatou que “as ruas são estreitas e sórdidas e, pela catimba de milhares de negros, como pelas emanações dos armazéns de provisões davam uma impressão que podia ser tudo, menos agradável”.<sup>152</sup>

Ao comparar a descrição de George Gardner sobre a cidade do Rio de Janeiro com os discursos de Spix e Martius, percebemos que os viajantes bávaros enfatizaram as semelhanças entre certos aspectos da cidade e do mundo europeu, e elogiaram a influência da civilização e da educação europeia, por meio da qual seria possível remover a "selvajaria" americana da colônia. Nessa mesma perspectiva, Gardner relatou que

O grande desejo dos habitantes da cidade parece que é dar-lhes ares europeus, o que até certo ponto já acontece, parte pelo influxo dos próprios europeus, parte pelos próprios brasileiros que tem visitado a Europa para se educarem ou para outros fins. [...] Hoje em dia senhoras e cavalheiros se trajam ao rigor da moda parisiense e todos mostram excessivo pendor para a ostentação de joias.<sup>153</sup>

Perante o exposto, percebe-se o desejo de parte da população brasileira em dar à cidade um aspecto europeu. Nesse sentido, o autor José Carlos Barreiro declarou que, na visão dos viajantes, os espaços urbanos das cidades brasileiras deveriam ser reconstituídos de acordo com os padrões de limpeza, vigilância e regularidade característicos das sociedades modernas.<sup>154</sup> Além disso, aos olhos de George Gardner, os trajes da elite brasileira vestidos ao estilo parisiense foram vistos como um símbolo da civilização, pois tinham como parâmetro a Europa. Assim, na percepção dos estrangeiros, o continente europeu era o berço da civilização que todos deveriam imitar.

De acordo com Carla Paulino, baseando-se nas ideias de Michael Adas,

Para além das questões socioeconômicas implícitas no processo da industrialização, o desenvolvimento de novas técnicas de produção e a invenção de máquinas cada vez mais sofisticadas, bem como a sustentação de teorias embasadas no cientifismo oriundas principalmente da Inglaterra e França, serviram como instrumentos de poder, na medida em que, na visão dos europeus, tais características indicavam sua superioridade com relação a outros povos.<sup>155</sup>

<sup>152</sup> Ibidem., p. 4.

<sup>153</sup> GARDNER, 1942, p.5-6.

<sup>154</sup> BARREIRO, 2002, p. 83.

<sup>155</sup> PAULINO, C. V. **O “Império do atraso”: Etnologia, política e religião nas impressões sobre o Brasil elaboradas pelo viajante norte-americano Thomas Ewbank (1846-1856)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2010, p. 108.

Segundo o artigo “Os viajantes ingleses e a escrita de uma história no Brasil Oitocentista” da autora LÍlian Martins de Lima, a produção textual inglesa sobre o Brasil foi significativa, no que diz respeito a escrita da história “coube aos ingleses os primeiros relatos, em meados do século XIX, que procuraram ordenar uma série de eventos, até então desconexos em uma narrativa coesa [...] redigem, no decorrer dos anos joaninos, uma *história do Brasil*”.<sup>156</sup> Desse modo, a compreensão do Brasil e de sua história baseava-se na produção escrita de viajantes que, em momentos distintos, teceram comentários sobre diversos aspectos do país, sendo reproduzidos entre os letrados europeus, como também pelos próprios brasileiros na escrita da história nacional. A esse respeito, a autora LÍlian Martins de Lima aponta que

No campo da escrita da história, a apreciação realizada ao longo dos séculos pelos viajantes foi incorporada nas “histórias do Brasil” elaboradas entre 1809 a 1821. Mais dos que breves anotações, os viajantes legaram para os séculos seguintes toda uma forma de compreender o Brasil e sua história.<sup>157</sup>

Mediante o exposto, podemos perceber que viajantes ingleses produziram escritos relevantes para a história do Brasil, sendo as suas visões e pareceres acerca dos mais diversos aspectos publicados na Europa, divulgando os costumes, as tradições religiosas, o clima e a natureza do território brasileiro. Desta maneira, vemos que os relatos de viajantes se tornaram uma das principais fontes de informações sobre o Brasil entre os letrados europeus.

Em relação aos viajantes ingleses que decidiram empreender pesquisas no Brasil, o jornal *Diário Carioca (RJ)* de 1948 menciona alguns nomes que contribuíram para o conhecimento e divulgação de nossa história, entre eles “John Armitage (“History of Brazil from 1808 to 1831”), Richard Burton e R. B. Cunningham”.<sup>158</sup> Segundo este jornal

Charles Darwin, que a bordo do “Beagle” percorreu o nosso litoral fazendo observações de história natural, especialmente de entomologia, devemos-lhe também observações geológicas. Seguiram-se lhe os naturalistas Henry W. Bates. Alfred Wallace, George Gardner, Richard Spruce e vários viajantes que deram em língua inglesa as suas impressões e observações sobre o Brasil.<sup>159</sup>

---

<sup>156</sup> LIMA, LÍlian M. Os viajantes ingleses e a escrita de uma história no Brasil Oitocentista. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA-ANPUH, XXVI., 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ANPUH-SP, 2011. p. 1.

<sup>157</sup> LIMA, 2011, p. 10.

<sup>158</sup> Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “Diário Carioca (RJ)”. Ano XXI nº 5937, Edição 06105(1), 23/05/1948, p. 3. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092\\_03&pesq=%22George%20Gardner%22&pagfis=32653](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_03&pesq=%22George%20Gardner%22&pagfis=32653) Acesso em: 12/08/2020.

<sup>159</sup> Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “Diário Carioca (RJ)”. Ano XXI nº 5937, Edição 06105(1), 23/05/1948, p. 3. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092\\_03&pesq=%22George%20Gardner%22&pagfis=32653](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_03&pesq=%22George%20Gardner%22&pagfis=32653). Acesso em: 12/08/2020.

Como visto acima, George Gardner fez parte da lista de naturalistas ingleses que percorreram o Brasil e fizeram observações importantes, contribuindo cientificamente para a história brasileira. Até meados do século XIX, a maior parte do trabalho científico no Brasil era feita por naturalistas viajantes, cujo objetivo era coletar espécimes e enviá-los à Europa para pesquisas.<sup>160</sup> Para que consigamos compreender o pensamento dos naturalistas/cientistas desse século, é necessário entendermos um pouco sobre o desenvolvimento da ciência no Brasil na primeira metade do século XIX.

O cenário da Europa na primeira metade do século XIX estava passando por muitas mudanças, em razão de que “com a Revolução Industrial, a vida foi transformada num ritmo acelerado antes inimaginável, acarretando inúmeras mudanças socioeconômicas e culturais. A vida tornava-se mais rápida e, o mundo, ainda mais complexo”.<sup>161</sup> Segundo o trabalho do autor Anderson Pereira Antunes, no século XIX o mundo estava mais complexo, pois “foi durante este século que a humanidade viu o surgimento dos modernos Estados-Nação, com a consequente criação de identidades nacionais locais e o sentimento de pertencimento a um todo: a nação”<sup>162</sup>.

No tocante à ciência no Brasil, como uma atividade organizada e regular, só apareceu tardiamente no país. No decorrer do século XIX, algumas iniciativas de grande relevância ocorreram nesse âmbito com o estabelecimento de várias instituições significativas e o progresso de outras já existentes.<sup>163</sup> Como naturalista do século XIX, as descrições de Gardner eram baseadas em suas ideologias e em princípios científicos que norteavam os pesquisadores da época, afinal, ele era um homem do seu tempo. Assim, os seus discursos não eram isentos do referencial do que se compreendia como “progresso” e “civilidade”, como veremos em sua narrativa sobre a província do Piauí. Devemos considerar também que George Gardner viveu na Inglaterra, evidentemente vivenciou os efeitos da Revolução Industrial. Além disso, ele viveu em um contexto histórico fortemente influenciado pelo Iluminismo, esse período também se caracterizou pelas mudanças no modo de vida resultante do desenvolvimento da ciência, tecnologia e indústria.

Desta maneira, a ciência era considerada ferramenta indispensável, que auxiliava no caminho para o desenvolvimento, isto é, somente através da ciência seria possível se obter o progresso da Nação. De acordo com os autores do texto *Breve história da ciência moderna*,

---

<sup>160</sup> ANTUNES, 2011, p.43.

<sup>161</sup> Ibidem., p. 10.

<sup>162</sup> Ibidem., p. 9.

<sup>163</sup> FILGUEIRAS, Carlos Alberto Lombardi; PEDRO, II Origens da ciência no Brasil. *Química Nova*, v. 13, n. 03,1990. p. 228.

“para o homem do século XIX, a ciência podia tudo, seria a ferramenta da redenção”.<sup>164</sup> Na concepção de Oliveira Filho,

O ofício do naturalista George Gardner no Brasil já trazia consigo uma representação clara desta consciência de execução de uma missão civilizadora, tendo em vista que a motivação de sua viagem à América do Sul inseria-se em uma perspectiva nos moldes iluministas na medida em que trazia em seu bojo a valorização da ciência e da racionalidade.<sup>165</sup>

Através do olhar crítico típico do cientista britânico do século XIX, Gardner registrou importantes informações sobre as regiões percorridas durante sua estada no Brasil. Assim sendo, o relato de viagem torna-se uma fonte relevante visto que aborda aspectos comuns dos moradores do Brasil de então, assim, por meio dele, torna-se possível “[...] abordar de maneira incisiva aspectos que passam de maneira involuntária, ou até mesmo se fazem ausentes, em outros tipos de fontes”.<sup>166</sup>

A questão da definição dos Estados Nacionais fez parte do século XIX, envolvendo não apenas a demarcação dos limites territoriais, mas também a formação da identidade nacional. A respeito disso, comentou Carollina Carvalho Ramos de Lima que

No Brasil, a independência política esteve pautada na manutenção de antigos valores (ou seja, na continuidade do sistema monárquico), contudo, a instauração de novos laços com o mundo europeu – estabelecidos em decorrência da forte presença estrangeira no país – inspirou as elites brasileiras no processo de construção dos pilares da identidade nacional.<sup>167</sup>

É neste contexto – quando o recém-estabelecido Império brasileiro tenta construir-se como um Estado-nação – que várias tendências ideológicas da Europa serão debatidas entre a elite brasileira da época. Deste modo, no processo de consolidação do Estado-nação, iniciou-se também um projeto para pensar sistematicamente a história do Brasil. Segundo Maria Regina Cotrim Guimarães, “as instituições imperiais do Brasil consolidaram-se nos meados dos Oitocentos, com a produção de um conhecimento científico ao mesmo tempo local e legitimado por pressupostos europeus”.<sup>168</sup>

<sup>164</sup> BRAGA, Marco; GUERRA, Andreia; REIS, José Claudio. Breve história da ciência moderna. In: **Breve história da ciência moderna: a belle-époque da ciência (séc. XIX)**. vol. 4, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 14.

<sup>165</sup> OLIVEIRA FILHO, 2011, p. 75.

<sup>166</sup> MOREIRA, 2009, p. 4.

<sup>167</sup> LIMA, 2010, p. 10.

<sup>168</sup> GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. A primeira viagem científica brasileira: a Comissão Científica do Império. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 20, n. 1, 2013.p. 332.

À exemplo disso, “a criação, em 1838, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) vem apontar em direção à materialização deste empreendimento”.<sup>169</sup> Coincidentemente ou não, a criação do instituto se deu enquanto George Gardner ainda estava no Brasil. É importante ressaltar que a ideia de criação de um instituto histórico estava ligado a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), criada em 1827, marcada por ideais iluministas, típicos das instituições semelhantes criadas na Europa durante os séculos XVII e XVIII.<sup>170</sup> Após o estabelecimento do Estado Nacional, tornou-se necessário o delineamento de um perfil para a “Nação brasileira”, que fosse capaz de lhe proporcionar uma identidade singular no conjunto mais amplo das “Nações”.<sup>171</sup> Manoel Luís Salgado Guimarães afirmou que o IHGB havia herdado a tradição iluminista, bem como propôs-se a “dar conta de uma gênese da Nação brasileira, inserindo-a contudo numa tradição de civilização e progresso, ideias tão caras ao iluminismo”.<sup>172</sup>

Em 1838, no jornal *Correio Oficial: In Medio Posita Virtus (RJ)*, os membros do Conselho da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN) publicaram uma nota sobre a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). De acordo com a matéria, o Brasil necessitava de um Instituto Histórico e Geográfico que

Se ocupe em centralizar imensos documentos preciosos, ora espalhados pela Províncias, e que podem servir à História e Geographia do Império, tão difícil por falta de hum Tombo ou Promptuário, de que se possam aproveitar os nossos Escriutores, desejão e pedem a sua pronta instalação [...]<sup>173</sup>

Com base no exposto, percebemos que a criação do IHGB tinha como proposta inicial organizar os documentos dispersos pelas províncias do Brasil, bem como construir uma história brasileira homogênea. Analisando a obra de George Gardner, podemos constatar que quando ele esteve no Rio de Janeiro em 1836, o Brasil já possuía algumas instituições científicas, sendo elas: o Jardim Botânico e o Museu de História Natural. Sobre o Museu Nacional de História Natural, ele ressalta que “foi fundado por D. João VI. Dá uma ideia muito apoucada da grande

<sup>169</sup> GUIMARÃES, Manoel Luis Lima Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Revista Estudos Históricos*, v. 1, n. 1, 1988. p. 6.

<sup>170</sup> GUIMARÃES, 1988, p. 8.

<sup>171</sup> *Ibidem.*, p. 6.

<sup>172</sup> *Ibidem.*, p. 8.

<sup>173</sup> Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “Correio Oficial: In Medio Posita Virtus (RJ)”. Vol. I nº 1, Edição 00062(1), 15/09/1838, p. 246. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=749443&pesq=%22Instituto%20Hist%C3%B3rico%20e%20Geogr%C3%A1fico%20Brasileiro%22&pasta=ano%20183&pagfis=6154>. Acesso em: 15/10/2020.

cópia de produtos naturais existentes no país. [...] A coleção está encerrada em um edifício de tamanho regular no Campo de Santana”.<sup>174</sup>

Além disso, o viajante fez também uma descrição da organização do Museu, bem como dos objetos que ele possuía. Ainda segundo Gardner, “O Museu abre-se ao público às quintas-feiras, das 10 às 16 horas, e parece ser bem frequentado”.<sup>175</sup> Certamente, o museu era visitado por intelectuais da elite brasileira da época, uma vez que a maior parte da população do Brasil ainda era analfabeta. Vale ressaltar que o estabelecimento de algumas instituições de pesquisas no Brasil iniciou-se com a instalação da Corte joanina na colônia. No entanto, somente após a criação do IHGB, é que se iniciou os primeiros planos para se escrever, do ponto de vista científico, a “História do Brasil”.

A princípio, muitas dessas instituições tiveram como referência os estudos realizados por viajantes estrangeiros no Brasil nos séculos anteriores, os quais serviram como base para construção de uma “História do Brasil”, como foram os escritos de von Martius, Adolfo Varnhagen, sendo este último considerado por alguns estudiosos o “Heródoto brasileiro”. Nessa perspectiva, o autor José Carlos Reis diz que Varnhagen pode ser considerado “o fundador da história do Brasil”<sup>176</sup>, embora alguns intelectuais de seu tempo tenham feito críticas a respeito de suas concepções.

Tendo em vista a necessidade da jovem nação independente de um passado do qual pudesse se orgulhar, em 1840 o IHGB estabeleceu um prêmio para aquele que produzisse o melhor projeto para a escrita da história do Brasil. E o texto premiado foi o do botânico alemão von Martius, com sua monografia intitulada *Como se deve escrever a história do Brasil*,<sup>177</sup> publicada na *Revista do IHGB* em 1845.<sup>178</sup> A proposta historiográfica de von Martius certamente teve um impacto sobre as gerações de historiadores do século XIX, como também da primeira metade do século XX. Com isso, observemos que mesmo estando na Europa, Martius ainda manteve relações com o Brasil, principalmente no que diz respeito às instituições de pesquisa.

No entanto, no processo de construção de uma identidade nacional, os letrados do Império do Brasil não se contentaram com as impressões dos viajantes naturalistas sobre o país,

---

<sup>174</sup> GARDNER, 1942, p. 27.

<sup>175</sup> *Ibidem.*, p. 28.

<sup>176</sup> REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. 9 ed. Rio de Janeiro: editora FGV, 2007. p. 24.

<sup>177</sup> MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. Como se deve escrever a história do Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 6, n. 24, p. 381-403, 1845.

<sup>178</sup> REIS, 2007, p. 25.

pois, segundo Maria Regina Cotrim Guimaraes, as representações feitas pelos pesquisadores estrangeiros não eram mais suficientes.

Desse modo, o governo do Império do Brasil reconheceu a necessidade de constituir uma comissão de naturalistas brasileiros com o objetivo de explorar as províncias menos conhecidas do país e proporcionar autonomia à ciência nacional. Diante disso, Maria Regina Cotrim Guimarães ressaltou que “o IHGB se encarregou de formar a primeira comissão nacional de cientistas brasileiros”. A Comissão Científica de Exploração, realizada entre 1859 e 1861, foi considerada

A primeira viagem científica composta exclusivamente por brasileiros, a Comissão Científica reuniu alguns dos intelectuais e naturalistas mais renomados da época, tendo como área de exploração a província do Ceará, partes de Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte, além da região do Rio Negro.<sup>179</sup>

À vista disso, percebemos que as Províncias do Norte ainda eram pouco conhecidas entre os próprios brasileiros até o ano da expedição científica nacional. Ademais, o governo imperial decidiu dividir os estudos dos naturalistas integrantes da Comissão Científica brasileira em cinco seções, botânica, zoologia, geologia, mineralogia, astronomia, geografia e etnografia.<sup>180</sup> De fato, a Comissão Científica procurou realizar estudos abrangentes de vários aspectos das regiões a serem percorridas, visando comprovar que o Império tinha pessoas capacitadas para produzir conhecimento de seu próprio território, não se restringindo às narrativas de viajantes naturalistas estrangeiros.

Essa iniciativa evidencia o esforço do governo em promover o desenvolvimento científico no país visando uma nação civilizada. Nessa perspectiva, a autora Karoline Viana Teixeira afirma que

A Comissão Científica contribuiu decisivamente no desenvolvimento da ciência nacional, ao aliar o levantamento das condições materiais de regiões pouco exploradas do país e contribuir com o movimento de “mobilização do mundo” promovido pelas ciências naturais no período moderno [...]<sup>181</sup>

Assim, observa-se que a ciência foi considerada pelo governo da época como instrumento indispensável na busca pelo progresso. Nas palavras do autor Anderson Pereira Antunes, “na busca pelo nacional e pela excelência da Nação, as ciências eram utilizadas como

---

<sup>179</sup> GUIMARÃES, 2013, p. 333.

<sup>180</sup> Ibidem., p. 333.

<sup>181</sup> TEIXEIRA, Karoline Viana. Dizer do outro, dizer de mim: o diário de viagem de Francisco Freire Alemão (1859-1861). In: **Anais do XI Encontro Regional Nordeste de História Oral: Ficção e poder: oralidade, imagem e escrita**. Fortaleza, 2017, p. 1.

ferramentas que trariam o progresso. As expedições científicas tinham por fim a exploração dos territórios e a descoberta de riquezas naturais”.<sup>182</sup>

Apesar disso, a institucionalização e o apoio à ciência no Brasil se desenvolveram lentamente, pois mesmo após a independência, o país passou por diversos levantes internos, deixando-o em estado de instabilidade política e econômica. No ano de 1830, o Brasil foi marcado pelo conturbado período regencial e as diversas revoltas em algumas províncias. Assim, foi nessa quadra histórica em que o naturalista George Gardner escreveu o seu relato de viagem.

Esses episódios podem ser vistos na narrativa deste viajante, à medida que ele expôs o medo dos moradores do Brasil de haver revoltas de escravos. Na concepção de Gardner, esse medo era justificável, tendo em vista a superioridade numérica de negros em relação aos brancos. Em sua opinião, se “estivessem eles unidos pelos laços da simpatia comum e o fato já se teria dado de há muito tempo; mas os preconceitos hostis existentes entre as várias raças africanas o têm evitado até o presente”.<sup>183</sup>

Posto isso, constatamos que, ao contrário de outros viajantes europeus que estiveram no Brasil, Gardner não descarta a diversidade dos grupos étnicos do continente africano que estavam no Brasil. Pelo contrário, no fragmento exposto acima, vemos o reconhecimento da pluralidade entre os escravos, ou seja, ele não os coloca como um grupo homogêneo só porque eles eram do mesmo continente. Nesse caso, este naturalista considerou que eram povos de regiões diferentes da África e possuíam as suas particularidades culturais. E, de acordo com Gardner, por esse motivo ainda não havia acontecido uma insurreição geral no Brasil, pois havia divergências entre eles.

Em relação aos movimentos contrários ao governo no interior do país, Gardner ressaltou que

Nas Províncias do Norte e do interior largo estímulo à insubordinação se tem oferecido pelo sentimento generalizado que anima grande parte da população livre, constituída em grande parte dos mestiços, e desejosa de sacudir o jugo da monarquia e substituí-lo por uma forma de governo republicano.<sup>184</sup>

Esse sentimento, segundo o viajante inglês, não se restringia apenas as classes inferiores, mas também a uma parte da elite letrada da época, como “os magistrados, sacerdotes, oficiais do exército e donos de terras”.<sup>185</sup> Sobre a instauração de um governo republicano no Brasil, o

---

<sup>182</sup> ANTUNES, 2011, p. 18.

<sup>183</sup> GARDNER, 1942, p. 16.

<sup>184</sup> *Ibidem.*, 16-17.

<sup>185</sup> *Ibidem.*, p. 17.

viajante afirmou que, em sua opinião, isso aconteceria em breve, e o Brasil logo acompanharia o destino dos demais países da América do Sul.

Durante a análise crítica dos relatos de viagens de Gardner, surgiu o questionamento de quem se enquadrava no termo “brasileiro” por ele utilizado na época em que esteve no Brasil. A este respeito, em seus escritos sobre a composição da população do Rio de Janeiro, ele declarou que a população era composta por portugueses e seus descendentes, sejam brancos ou de cor, porém “só os nascidos no país são chamados brasileiros; e desde a independência, em 1822, tem reinado forte animosidade entre estes e os nativos de Portugal”.<sup>186</sup> Esse ponto deve ser enfatizado, pois para entendermos a descrição do viajante estrangeiro é necessário atentarmos para a terminologia utilizada de acordo com o contexto histórico que o sujeito produziu a narrativa. A seguir, analisaremos a viagem do naturalista George Gardner pela província do Piauí em 1839. Além disso, buscaremos entender os motivos e objetivos de sua passagem por essa região do país.

## **2.2 O percurso de Gardner em uma das Províncias do Norte: o caso do Piauí**

Após percorrer o Rio de Janeiro e arredores, George Gardner decidiu iniciar a sua expedição pelas Províncias do Norte do Brasil. Acompanhado de quatro pessoas, sendo

Um deles, Pai Felipe, crioulo sexagenário, era o guia. Este velho era um dos mais ativos, não só dentre os pretos, mas entre quaisquer indivíduos de sua idade, que tenho conhecido. Afeito às selvas desde menino, era um dos melhores caçadores da fazenda. Os três outros deviam cuidar das provisões e ajudar-me a conduzir para casa as coleções.<sup>187</sup>

O naturalista deixou a cidade do Rio de Janeiro em 15 de setembro de 1837, navegou por 13 dias e, com mau tempo e ventos contrários, chegou à Bahia. Após sua breve estada na região, às três horas da tarde do dia 31 partiu para Pernambuco. Nessa província, ele foi orientado por dois comerciantes portugueses residentes da Província do Ceará, os quais sugeriram que ele seguisse viagem pelo mar até a cidade Aracatí, no Ceará, e desse local ele poderia adentrar o interior, pois as estradas eram melhores do que outros lugares da costa. Poucos dias antes de partir para o Ceará, Gardner foi acompanhado pelo Mr. Goring, o Vice-cônsul, até a residência do presidente da província de Pernambuco, o Senhor Francisco de Paula Cavalcante d’Albuquerque, porém este encontrava-se no Rio de Janeiro. Assim, o viajante

---

<sup>186</sup> Ibidem, p. 10.

<sup>187</sup> Ibidem., p. 50.

procurou o vice-presidente, o qual emitiu um passaporte para Gardner e enviou algumas cartas de recomendação aos presidentes do Ceará e do Piauí.

É válido ressaltar que as cartas de recomendação era algo comum entre os viajantes estrangeiros, pois lhes proporcionavam uma boa recepção, visto que eram escritas pelas autoridades das províncias. Conforme a autora Olívia Biasin Dias, “Frequentemente os visitantes portavam cartas de apresentação ou portarias de autoridades, pois esses documentos lhes ajudavam a conseguir hospedagem tanto na cidade como no campo”.<sup>188</sup> Segundo George Gardner, era difícil para os viajantes estrangeiros no Brasil encontrarem acomodações por isso as cartas de recomendação eram fundamentais. Sobre a hospitalidade dos brasileiros ele declarou

Os brasileiros são particularmente atenciosos com qualquer estrangeiro que lhes é recomendado; e, durante todas as minhas peregrinações, poucas vezes fui de um lugar para outro sem cartas, nem me lembra uma só vez que não fosse cortesmente recebido por aqueles a quem assim me apresentei.<sup>189</sup>

À vista disso, podemos afirmar que as cartas de recomendação facilitaram o itinerário dos viajantes no Brasil, pois elas apresentavam recomendações de autoridades renomadas das províncias por onde passaram e, assim, proporcionavam uma boa recepção, uma vez que estas eram destinadas a pessoas influentes das regiões percorridas.

Continuando sua jornada, Gardner chegou a Icó, uma das principais cidades do Ceará no século XIX. Segundo a descrição do viajante, logo após sua chegada, a maioria dos moradores da cidade o visitou, estabelecendo relações de amizade com eles. A respeito disso, escreveu Gardner “um de meus mais assíduos visitantes era um velho sacerdote, muito curioso de saber tudo o que dizia respeito à Inglaterra”.<sup>190</sup> A primeira pergunta do sacerdote ao viajante estrangeiro foi se ele havia sido batizado e em qual religião. Para a surpresa do clérigo, Gardner respondeu que era protestante, e logo o sacerdote anunciou, sem hesitação: “Ah! Então o sr. é pagão!”.<sup>191</sup>

De acordo com Gardner, essa ideia era comum entre quase todo o clero que ele encontrou nas Províncias do Norte. Sobre isso, o historiador Sérgio Willian de Castro Oliveira Filho diz que

---

<sup>188</sup> DIAS, Olívia Biasin. Viagens Oitocentistas: a hospedagem no interior do Brasil e na cidade da Bahia. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**, v. 1, 2007. p. 4. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/turismocultural/olivia.pdf>. Acesso em: 02/09/2020.

<sup>189</sup> GARDNER, 1942, p. 94.

<sup>190</sup> Ibidem., p. 139.

<sup>191</sup> Ibidem., p. 139.

A presença de protestantes neste momento do Brasil não era algo de total desconhecimento por parte da população do Império. Isso não significa dizer que houvesse um conhecimento profundo acerca da fé protestante, mas a maior presença de estrangeiros que professavam tal fé, principalmente nos centros urbanos, possibilitou a criação de certos estereótipos acerca destes sujeitos.<sup>192</sup>

Como se vê, ainda que não houvesse no Brasil do século XIX um conhecimento amplo sobre a fé protestante, a presença de adeptos dessa religião no país não era algo incomum. Segundo este autor, depois do processo de Independência e da ratificação da Constituição do Império do Brasil de 1824, a Religião Católica Apostólica Romana foi estabelecida como a oficial do país, no entanto foi concedida a liberdade religiosa aos professantes de outras crenças. Desse modo, eles poderiam se reunir e praticar a sua fé, porém seus templos não poderiam ter aparência externa.<sup>193</sup>

Inicialmente, quando era questionado sobre sua religião, Gardner informava que era protestante, ao perceber que os seus ouvintes logo o associavam ao paganismo, ele optou por se apresentar apenas como cristão e, em suas palavras, “isso era o bastante para merecer respeito”.<sup>194</sup> Embora George Gardner não tenha vindo ao Brasil como missionário, suas crenças não passaram despercebidas pelos moradores das regiões percorridas. Os protestantes, nesse período, muitas vezes eram tidos como hereges e/ou pagão, como vimos no episódio relatado pelo viajante na Província do Ceará.

Depois de percorrer as localidades próximas à Vila do Crato, Gardner se preparou para continuar sua jornada para a Província do Piauí em janeiro de 1839. Após demitir um de seus criados, pois este não quisera deixar aquela região no dia determinado, o viajante recebeu a visita de um jovem inglês chamado Mr. Edward Walker, que chegara ao Crato para cuidar de um engenho de rapadura, enquanto o seu proprietário realizava estudos eclesiásticos na cidade de Olinda. De acordo com Mr. Walker, ele havia aceitado desempenhar essa função pelo fato de que “dois meses antes de vir para Crato fora roubado de tudo quanto possuía, não tendo outro remédio senão aceitar a situação que ora ocupava para ganhar os recursos de que precisava afim de se transportar para a costa”.<sup>195</sup>

Como a sua ocupação atual não lhe agradara, logo se ofereceu para ser ajudante de seu conterrâneo inglês, George Gardner, durante a sua jornada. Na narrativa deste naturalista referente ao seu encontro com comerciante Edward Walker, notamos que este jovem inglês já

---

<sup>192</sup> OLIVEIRA FILHO, 2011, p. 56.

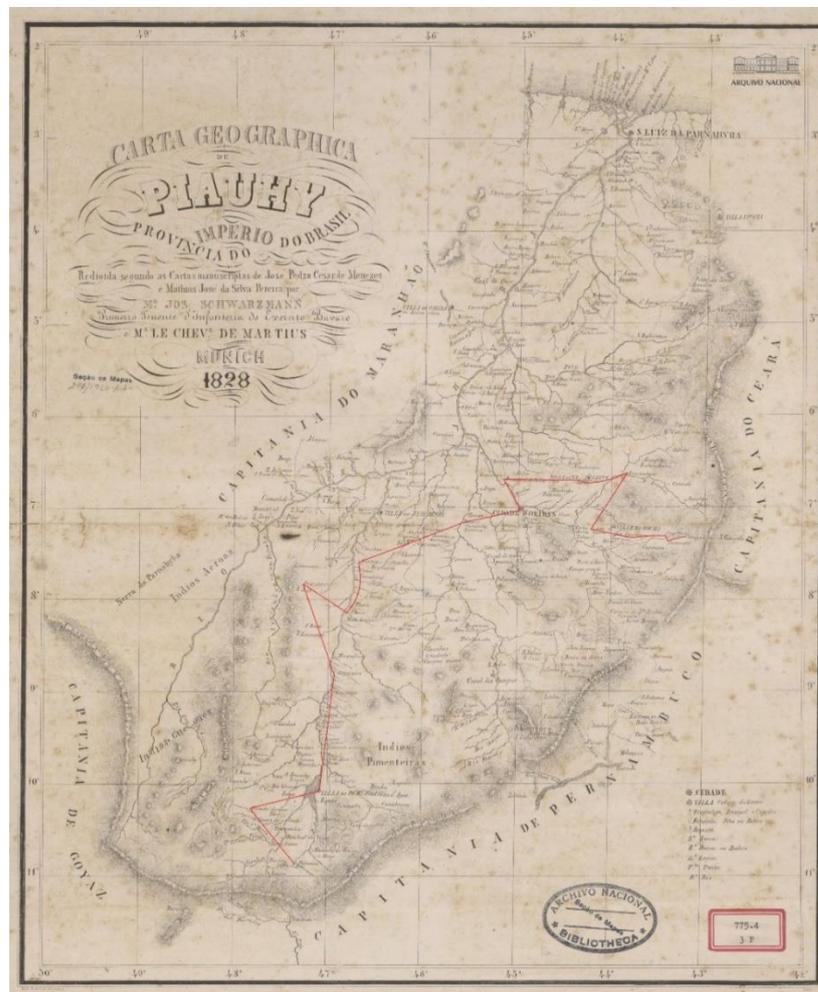
<sup>193</sup> Ibidem., p. 34.

<sup>194</sup> GARDNER, 1942, p. 139.

<sup>195</sup> Ibidem., p. 184.

havia viajado pelo norte do Piauí dois anos atrás para comercializar mercadorias europeias na região. À vista disso, embora Mr. Walker não tenha escrito nenhuma informação sobre sua visita ao Piauí, por meio do relato de George Gardner podemos constatar que além dos viajantes estrangeiros analisados neste trabalho, outros viajantes vindos da Europa também estiveram na Província do Piauí em épocas e finalidades distintas.

Como veremos no mapa abaixo, ao contrário dos bávaros von Spix e von Martius que se deslocaram da província do Pernambuco até o Piauí, o naturalista George Gardner optou por atravessar a província do Ceará até o Piauí. Assim, ele poderia explorar outras locais que não fizeram parte do itinerário de viagem desses naturalistas bávaros.



**Figura 2:** ARQUIVO NACIONAL. Fundo Ministério da Guerra. **Carta geographica de Piauhy, província do Império do Brasil:** redigida segundo as cartas manuscritas de José Pedro Cesar de Menezes e Mathias José da Silva Pereira por Mr. Jos Schwarzmann primeiro tenente Infantaria do Exército Bavaro e Mr. Le Chevr. de M. [S. l.: s. n.], 1828. 1 mapa. (Adaptado). Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/arquivonacionalbrasil/49248550946>. Acesso em: 13 nov. 2020.

Conforme mostrado acima, o mapa utilizado para traçar a trajetória de George Gardner é o mesmo que usamos para analisar as trajetórias de Spix e Martius, pois acreditamos que além dele expor as principais localidades, ele corresponde ao nosso recorte temporal, a primeira metade do século XIX. Desse modo, acreditamos que serve para observarmos as diferenças e semelhanças nos percursos desses viajantes.

Ao do Ceará com destino a capital da Província do Piauí, a cidade de Oeiras, Gardner portava diversas cartas de recomendação e tinha como propósito encontrar-se com Presidente da Província do Piauí, na época Manuel de Sousa Martins, com o objetivo de conseguir autorização e possivelmente auxílio para sua pesquisa e coleta da flora da região. No decorrer de sua jornada, Gardner avistou um pequeno lago, que fazia fronteira entre as províncias do Ceará e do Piauí.

Continuando o percurso, chegou a São Gonçalo. De acordo com seu relato, onde existiam apenas “duas casas, ambas pertencentes a criadores de gado, pai e filho”<sup>196</sup>, que se dedicavam a pecuária, com cerca de trezentas cabeças de gado. No entanto, devido à seca, haviam perdido quase todo rebanho. Faz-se necessário destacar que a seca foi um elemento frequentemente mencionado em relatos de viajantes estrangeiros que visitaram as Províncias do Norte. No decorrer de sua viagem, George Gardner narra as dificuldades enfrentadas em sua trajetória por causa da seca, bem como os prejuízos causados por ela aos fazendeiros das regiões percorridas.

À exemplo disso, podemos mencionar a experiência que ele relatou quando ficou hospedado por uma noite em uma fazenda de gado denominada Lagoa Comprida, já na Província do Piauí. Segundo Gardner, era a maior fazenda que ele havia visto deste que deixou Brejo Grande, no Ceará. Conforme informado pelo proprietário da fazenda, devido à grande seca que afligiu a região no ano anterior a passagem de Gardner, quase todo o rebanho de gado da fazenda havia morrido. Em consequência da seca em Campos e Lagoa Comprida, Gardner e seus companheiros ficaram sem provisões, pois não tinham como adquirir nesses locais aves, carneiros, cabras ou bois, nada que se pudesse comprar.

Em seguida, ao sair da Lagoa Comprida, Gardner continuou sua expedição e logo chegou à fazenda Curumatá. Segundo o viajante, o dono não morava ali, mas a deixara aos cuidados de um vaqueiro. Isso era comum nas províncias do interior do Brasil, pois Spix e Martius também relataram que no decorrer de seus percursos visitaram algumas fazendas que

---

<sup>196</sup> GARDNER, 1942, p 194.

estavam sob os cuidados de vaqueiros, conforme mostrado no primeiro capítulo deste trabalho. Em relação ao vaqueiro que cuidava da fazenda Curumatá, Gardner descreveu que

A fazenda, ao que ele me informou, produz anualmente cerca de duzentos bezerros; o gado interna-se a grande distancias nas matas e campos; mas nesta época do ano, que é a da produção dos bezerros, o vaqueiro e seus ajudantes, geralmente escravos, estão sempre campeando as vacas paridas.<sup>197</sup>

De acordo com a discussão da autora Miridan Britto sobre o papel dos vaqueiros no Piauí na primeira metade do século XIX, eram “mestiços em sua maioria se empregavam nas fazendas de gado como vaqueiros”.<sup>198</sup> A autora afirma que a condição de trabalho do vaqueiro não era de escravo de fazendeiro, pois de modo geral eles possuíam alguns ajudantes e alguns escravos. Nessa perspectiva, o autor Valfrido Viana de Sousa diz que

Desde os primórdios da ocupação do Piauí a maior parte dos fazendeiros era absenteísta, entregavam suas fazendas a vaqueiros de confiança, ou arrendando a terceiros, no entanto a renda da pecuária e os lucros extraídos pelos poucos fazendeiros que detinham as propriedades, eram aplicados fora do Piauí, onde moravam, ou na aquisição de mais fazendas e gado [...]<sup>199</sup>

É interessante observar a função desempenhada pelo vaqueiro no episódio mencionado por Gardner, pois ele era da confiança do fazendeiro, ficando na administração da fazenda e dos demais ajudantes e escravos. Além disso, desde o início da ocupação do Piauí e ao longo do século XIX, era comum o fazendeiro deixar a fazenda sob os cuidados dos vaqueiros de confiança. Essa relação entre fazendeiros e vaqueiros não passou despercebida do olhar atento do viajante estrangeiro.

Conforme as impressões deixadas por George Gardner, não era fácil adentrar o interior do Piauí. Ele enfatizou as dificuldades que enfrentou ao sair da fazenda Curumatá, pois lhe informaram um atalho para não ter que atravessar o rio, porém “estava tão coberto de moitas, por pouco frequentado, que a muito, custo pudemos conduzir por ele os cavalos com suas cargas”. Depois de muitas dificuldades, Gardner e seus ajudantes chegaram a uma grande fazenda chamada Canabrava. Ao pedirem acomodação para passar a noite na fazenda, lhes

---

<sup>197</sup> Ibidem., p. 194.

<sup>198</sup> FALCI, 1986, p. 35.

<sup>199</sup> SOUSA, Valfrido Viana. Piauí: apossamento, Desenvolvimento e Integração (1684-1877). In: **Anais I Seminário Pós-Graduação**. Goiânia: UFG, v. 01. p. 1-26, 2008. p. 6.

indicaram um rancho antigo, que segundo as descrições de Gardner o “teto, em vários pontos, estava quase em ruína”.<sup>200</sup>

Entretanto, depois que o proprietário percebeu que o visitante não se tratava de qualquer viajante, era um “viajante inglês”, rapidamente providenciou abrigo em sua residência e preparou um banquete para recebê-lo. À vista disso, percebemos que apesar de George Gardner não mostrar nenhuma carta de apresentação ao fazendeiro, este ao saber que Gardner era um estrangeiro, logo mudou a forma de tratamento e tentou lhe oferecer o máximo de conforto e comida que podia. De acordo com a autora Carollina Carvalho Ramos de Lima, um novo *status* foi fornecido aos viajantes estrangeiros após o estabelecimento da Corte no Brasil em 1808, haja vista que antes disso os nacionais enxergavam o estrangeiro com desconfiança, porém depois do desembarque da Corte “o estrangeiro passou a ser aquele que vem contribuir para o progresso cultural e a civilização do Brasil”.<sup>201</sup>

Quando Gardner estava a caminho da fazenda Boa Esperança, ficou indignado por ter de atravessar um rio por oito vezes, uma vez que era o único meio para chegar ao seu destino. Na concepção desse viajante, seria possível “com um pouco de trabalho construir uma estrada que não cortasse o rio”.<sup>202</sup> A observação feita por Gardner afirmava criticamente a falta e a precariedade das estradas. Assim, o comentário feito por ele constitui-se como uma crítica perante o atraso da região. Desse modo, da mesma forma que os viajantes Spix e Martius criticaram a precariedade das estradas e muitas vezes a inexistência delas no interior do Brasil, em seu itinerário Gardner também precisou adentrar as matas, seguindo as trilhas dos nativos e dos gados que eram transportados entre as Províncias.

No que diz respeito à construção de estradas na Província do Piauí, foi publicado em 1839 nos *Annaes do Parlamento Brasileiro (RJ)*, a necessidade da construção de uma estrada da Vila da Cachoeira, na província da Bahia, para a província do Piauí até o Maranhão. No entanto, o projeto não foi aceito, pois na perspectiva do deputado Sr. Rezende, seria em vão abrir-se uma estrada e o mato fechá-la. Em seu discurso ele declarou

Para que abrir-se uma estrada que atravessasse o Brazil de norte a sul? Para quem andar nella? Seis indivíduos cada anno.– No Piauhy, diz o orador, onde ninguém tem feito estradas, ha muito boas estradas feitas pelos pés dos bois (risadas); e de facto se os bois não abrirem esta estrada, pés humanos não abrirão; servirá para dar passagem a seis índios cada anno.<sup>203</sup>

<sup>200</sup> GARDNER, 1942, p. 197.

<sup>201</sup> LIMA, 2010, p. 52.

<sup>202</sup> GARDNER, 1942, p. 198.

<sup>203</sup> Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “Annaes do Parlamento Brasileiro (RJ)”. Assembleia Geral Legislativa vol. I, 23/04/1839, p.630. Disponível

Observa-se que ele ressaltou a ausência da construção estradas no Piauí, e as que tem, falou sarcasticamente, são “estradas feitas pela passagem do gado”. Além disso, afirmou ser desnecessário abrir uma estrada no local proposto, pois acreditava que quase não havia fluxo de pessoas pela região. Continuando o seu discurso, ele declarou que momentaneamente não era necessário a criação de estradas, pois isso ocorreria de acordo com o desenvolvimento da indústria e da agricultura. Ademais, ele utilizou como parâmetro países mais desenvolvidos, como a Inglaterra, pois segundo o Sr. Rezende “na Inglaterra, por exemplo, quando se abre uma estrada, dá-se logo providencias para a sua conservação; há quem se encarregue de pôr uma pedra no lugar onde faltar outra”.<sup>204</sup> Diante disso, nota-se que a crítica feita pelo deputado se estende também ao governo, pois não adiantaria criar estradas se não houvesse meios para conservá-las.

Conforme abordado pelo historiador José Carlos Barreiro, era comum os viajantes estrangeiros relatarem em seus diários de viagens a precariedade das vias de comunicação no Brasil. Como vimos no capítulo anterior, os alemães Spix e Martius, na primeira década do século XIX, também denunciaram o isolamento das províncias do interior do Brasil. Portanto, conforme visto nos escritos de George Gardner em 1839, esse ainda era um tema recorrente nos relatos de viajantes estrangeiros.

Em fevereiro de 1839, o naturalista George Gardner chegou à fazenda de Boa Esperança. Apesar de sua passagem por essa localidade ter sido demasiadamente curta, pois ficou por apenas oito dias, foi tempo suficiente para descrever a afável acolhida do seu proprietário. O viajante surpreendeu-se ao encontrar pessoas habituadas aos costumes e a instruções eurocêntricas em uma região remota como o Piauí. É notória a sua admiração em relação ao Reverendo Padre Marcos de Araújo Costa, então proprietário da fazenda Boa Esperança. Além deste, Gardner também mencionou seu filho adotivo, Dr. Alarico de Macedo, que havia recentemente regressado da França e da Inglaterra, onde fora estudar a manufatura de porcelana financiado pelo governo. Acerca do caráter e reputação do padre Marcos de Araújo Costa, Gardner destacou que

É o padre Marcos de Araújo Costa bem conhecido em todo o norte do Brasil, não só por sua inteligência e saber, como por seu excelente caráter moral e

---

em:<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=132489&pesq=%22onde%20ninguem%20tem%20feito%20estradas%22&pasta=ano%20183&pagfis=12301>. Acesso: 08/10/2020.

<sup>204</sup> Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “Annaes do Parlamento Brasileiro (RJ)”. Assembleia Geral Legislativa vol. I, 23/04/1839, p. 630. Disponível em:<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=132489&pesq=%22onde%20ninguem%20tem%20feito%20estradas%22&pasta=ano%20183&pagfis=12301>. Acesso: 08/10/2020.

benévola disposição, qualidades que vi amplamente confirmadas durante os oito dias que em sua fazenda me hospedei. Se todos os sacerdotes do país tivessem metade de sua cultura, bem como de sua atividade e zelo pela difusão do ensino, a condição do Brasil se tornaria bem diferente do que é e do que receio continue a ser por longo tempo, dada a presente situação.<sup>205</sup>

A partir da análise da citação acima, nota-se que Gardner evidencia a popularidade do padre Marcos de Araújo Costa, bem como a sua erudição e moral. Na concepção do viajante, se todos os sacerdotes do Brasil tivessem metade de sua cultura, bem como o seu empenho em difundir a educação, o país seria bem mais desenvolvido do que a situação que se encontrara e permaneceria por muito tempo. Tal registro enuncia críticas à sociedade brasileira da época, visto que expõe a necessidade de um processo civilizatório que transformasse o país e reorganizasse as relações sociais através da educação.

No que diz respeito a Fazenda Boa Esperança, George Gardner narrou que era uma das maiores que ele já havia visitado no Brasil. Além disso, ele afirmou também que a pecuária era muito próspera no local, pois mais de cinco mil cabeças de gados e centenas de carneiros pastavam nessas terras. Como as demais regiões do sertão, embora a fazenda sofresse a estação seca eventualmente, havia bastante água devido a existência de uma represa na área.

Quanto a este empreendimento, Gardner enalteceu esta construção, visto que a represa era uma excelente ferramenta de abastecimento de água para a região. Sobre isso, ele disse que “esta represa, posto construída há mais de cinquenta anos, é ainda tão eficiente como quando foi feita, circunstância bastante admirável em país como o Brasil onde as obras desta natureza são geralmente tão mal executadas”.<sup>206</sup> Podemos observar que a represa já existia há muito tempo, sendo assim, quando os viajantes Spix e Martius visitaram a Província do Piauí, a represa já existia. No entanto, o roteiro de viagem escolhido por esses viajantes não incluiu a passagem pela região onde está localizada a Fazenda Boa Esperança, pois vieram da Província de Pernambuco e seguiram em direção a Oeiras. Na citação acima, vemos também que Gardner admirou-se ao ver uma obra tão bem executada numa remota localidade do interior do Brasil, pois em seus percursos contemplou que as demais obras dessa natureza não eram devidamente executadas em outras partes do país.

Sob o mesmo ponto de vista, os viajantes naturalistas Spix e Martius, ao passarem pela Fazenda Poções de Baixo, destacaram a necessidade de construir poços e irrigação artificial na área, pois essa seria uma forma de evitar os danos e as calamidades causados pelas secas

---

<sup>205</sup> GARDNER, 1942, p. 200.

<sup>206</sup> *Ibidem.*, p. 199.

rigorosas na província. Desta maneira, percebemos que as ideias progressistas foram enfatizadas pelos viajantes estrangeiros que estiveram na Província do Piauí na primeira metade do século XIX. Além disso, esses comentários também serviram como uma crítica aos habitantes por não usufruírem dos recursos naturais do território por meio da instituição de novas técnicas para o progresso da Província. De acordo com a historiadora Carla Viviane Paulino,

O referencial primordial, que orientava os diagnósticos e determinavam se uma sociedade era desenvolvida, ou não, era o advento da técnica e do progresso instalados no país, bem como sua postura adotada com relação ao trabalho, símbolo de uma sociedade que valoriza o esforço pessoal, o progresso e a civilização.<sup>207</sup>

Tendo em vista que nas últimas décadas do século XVIII até a primeira metade do século XIX, com o triunfo da Revolução Industrial, o mundo foi impactado pelo desenvolvimento de técnicas e máquinas que afetaram todos os aspectos da vida, principalmente do ponto de vista econômico.<sup>208</sup> À vista disso, notamos que a descrição e enaltecimento do viajante inglês George Gardner acerca da existência da represa na fazenda Boa Esperança, também está relacionado as ideias difundidas na Europa devido o desenvolvimento científico, tecnológico e industrial decorrentes da Revolução Industrial.

Ainda sobre a fazenda, Gardner mencionou que “a casa é edificada numa pequena elevação e, como há atrás dela cerca de trinta habitações menores pertencentes aos escravos, o lugar tem ares de pequena vila. Perto da casa o padre erigiu bonita capela onde diz missas todas as manhãs para seu povo”. Observa-se que a residência do padre Marcos de Araújo Costa se situava numa parte mais elevada em relação as outras residências dos escravos que moravam na fazenda.

Isso nos mostra a atuação do padre Marcos não apenas como educador, pois nas entrelinhas da descrição de Gardner sobre as características da fazenda, percebemos também outras particularidades do padre, ele como fazendeiro e escravocrata. A localização da moradia do reverendo se assemelha ao lugar característico que ficava as residências dos senhores das terras, chamada de “casa grande”. Além disso, Gardner informou que “perto da casa o padre erigiu bonita capela onde diz missas todas as manhãs para seu povo”<sup>209</sup>. Formando assim a estrutura básica de uma fazenda, composta pelo casarão, currais, agregados, escravos e

---

<sup>207</sup> PAULINO, 2010, p. 107.

<sup>208</sup> Ibidem., p. 107.

<sup>209</sup> GARDNER, 1942, p. 199.

normalmente uma capela. Desse modo, vemos que em 1839 ainda se encontrava uma sociedade com características da estrutura colonial brasileira.

Não temos como intuito discutir as diversas funções exercidas pelo padre Marcos de Araújo Costa, mas é de suma importância percebermos a imagem construída em torno dele a partir dos escritos do viajante Gardner, imagem esta que permaneceu na historiografia piauiense.<sup>210</sup> No que diz respeito a atribuição política do Padre Marcos, o autor Marcelo de Sousa Neto diz que

O primeiro registro de função pública desempenhada por Padre Marcos na administração provincial data de 16 de agosto de 1824, quando é instalado o Conselho de Governo da Província, assumindo a vice-presidência do Conselho e vice-presidência da Província. O Conselho governou o Piauí até o dia 13 de fevereiro de 1829.<sup>211</sup>

Acrescenta-se também que, em 1829/33, ele foi membro do Conselho Geral da Província, eleito também deputado da primeira legislatura da Assembleia Legislativa Provincial em 1835/37.<sup>212</sup> Isto pode ser verificado no jornal *A Imprensa: Periódico Político (PI)*, publicado em 1885, no qual consta os nomes das vinte pessoas que compuseram a primeira legislatura da Assembleia provincial, no biênio de 1835-1836, entre eles estava o Padre Marcos de Araújo Costa.<sup>213</sup> Assim, vemos que ele atuou em diversos espaços do cenário sócio-político no Piauí oitocentista.

No que se refere a região em que a fazenda está situada, Gardner ressaltou que assim como parte oriental do Piauí e quase toda a província do Ceará “é chamada pelos habitantes *Sertão Mimoso*, em contra distinção das zonas centrais e ocidentais a que dão o nome de *agreste*”. De acordo com esse viajante, os campos do Piauí eram divididos em campos mimosos e campos agrestes, sendo que os campos mimosos se distinguiam

Pela delicadeza da fibra, rigidez das folhas, presença de pelos, espinhas ou puas e suco leitoso, espesso e frequente. A grama dos pastos é pela maior parte anual, geralmente de um verde mais vivo, e de folhas mais flexíveis que as dos campos agrestes, de que falarei depois. O gado criado no sertão mimoso

<sup>210</sup> Para mais informações sobre o padre Marcos de Araújo Costa, Cf. SOUSA NETO, Marcelo. **Entre vaqueiros e fidalgos: sociedade, política e educação no Piauí (1820-1850)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2009. Este trabalho aborda o Padre para além de “educador”, mas também “clérigo” e “político”, evidenciando seu papel como articulador das redes de poder no Centro-Sul piauiense, na primeira metade do século XIX.

<sup>211</sup> SOUSA NETO, 2009, p. 42.

<sup>212</sup> Ibidem., p. 42.

<sup>213</sup> Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “A imprensa: Periódico político (PI)”. Ano XX nº 850, 29/04/1885, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=783765&pesq=%22torpemente%20calumniado%22&pagfis=2907>. Acesso em: 11/11/2020.

engorda logo após as chuvas e sua carne é muito mais apreciada que a dos que se alimentam nas rudes pastagens dos distritos agrestes.

Sobre os campos agreste, o autor Francisco Helton de Araujo Oliveira Filho afirma que eles se caracterizam por ter o clima mais seco e mais quente, sendo mais propícios à lavoura. Apesar disso, “em tempos de seca, tanto os campos agrestes, quanto mimosos sofriam com a falta d’água”.<sup>214</sup>

Outro elemento presente na narrativa de Gardner foi o estado da educação do Piauí. De início, falar da instrução formal nessa província, assim como em todo o Brasil, em seu período colonial e imperial ainda é um desafio, devido à escassez de fontes. De acordo como autor Marcelo de Sousa Neto, a constituição e desenvolvimento da instrução formal deve ser analisada a partir do contexto-histórico-econômico da Província do Piauí nos séculos XVIII e XIX, uma vez que o processo educacional esteve vinculado ao seu processo de colonização. Conforme este autor, a instrução pública no Piauí

Em seus primeiros séculos ela se caracterizou por sua condição precária, inconstante e pelo reduzido alcance social, como resultado de uma série de fatores que interpenetraram, podendo ser destacadas as distâncias entre as escolas e alunos, distâncias físicas e de interesses; a inadequação da estrutura do sistema de ensino em relação à estrutura socioeconômica; a falta de recursos a serem investidos e a carência de pessoal qualificado e interessado no exercício do magistério.<sup>215</sup>

Diante dos fatores mencionados, vemos que a organização escolar no Piauí foi um processo lento e muitas vezes insuficiente para o atendimento da população. Além disso, “as Cadeiras de Instrução, quando criadas, não eram providas ou, se providas, muitas vezes não funcionavam, resultado do modelo adotado de Instrução Pública inadequado aos interesses da maioria da população”.<sup>216</sup>

Em relação as iniciativas privadas de ensino na Província, conforme analisa o autor Marcelo de Sousa Neto, devido as dificuldades com a Instrução na Colônia, bem como em outras partes do Reino fez como que as Cortes Constitucionais permitissem, por meio do Decreto de 30 de junho de 1821, que qualquer cidadão poderia abrir escolas particulares de Primeiras Letras. Dessa maneira, surgiram diversas escolas particulares em todo o país, porém

---

<sup>214</sup> OLIVEIRA FILHO, Francisco Helton. **Cativos do Sertão: A família escrava na freguesia de N. S. do Carmo de Piracuruca, Piauí - (1850-1888)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2016. p. 49.

<sup>215</sup> SOUSA NETO, 2009, p. 126.

<sup>216</sup> Ibidem., p. 122.

no Piauí “a única escola particular que se te referênciava, diz respeito à escola de Boa Esperança, que iniciou seus trabalhos já em 1820”<sup>217</sup>.

Deve-se ressaltar que o trabalho educacional em Boa Esperança não iniciou-se com o Padre Marcos, pois anteriormente seu pai, Marcos Francisco de Araújo Costa, já ensinava Primeiras Letras a alguns alunos na localidade. Todavia, com a continuação do ofício pelo seu filho Padre Marcos, “Boa Esperança firmava-se, para toda a Província, como a principal escola de Primeiras Letras e de Instrução Secundária”.<sup>218</sup> Segundo o *Correio Oficial: In Medio Posita Virtus (RJ)*, a instrução nas Províncias do Piauí e Mato Grosso no ano de 1839 encontrava-se de maneira precária, pois “na primeira pela inabilidade dos Professores; na segunda pela falta quase absoluta de pessoas que se dediquem ao Magistério”.<sup>219</sup>

No que tange ao padre Marcos como educador, George Gardner declarou que no período em que esteve na Província do Piauí “como os meios de educação só estão ao alcance de muito pouca gente neste vasto país de tão escassa população, tem este velho mantido por anos o hábito de sustentar a educar em sua casa, livre de despesa, vinte meninos, até que adquiram sofrível conhecimento de latim, filosofia e matemática”.<sup>220</sup> Percebe-se o elogio direcionado a este reverendo por ensinar sem receber nenhuma remuneração.

Elogios ao Padre Marcos enquanto “benemérito educador” é algo recorrente na historiografia piauiense. Em grande medida deve-se aos escritos de George Gardner, considerado por alguns estudiosos como o primeiro biógrafo do padre Marcos, por ter convivido por alguns dias com esse clérigo na Fazenda Boa Esperança em 1839. Assim, os estudos posteriores sobre a vida desse sujeito tomaram como parâmetro os escritos do botânico Gardner, muitas vezes reproduzindo-os e/ou intensificando os elogios sobre ele enquanto educador e sacerdote. Portanto, faz-se necessário compreender que muitas vezes as descrições de viajantes estrangeiros foram apropriadas e a partir delas foi se produzindo uma memória regional.

Antes de partir da Fazenda Boa Esperança, Gardner registrou o seu encontro com o deputado da Província do Piauí, Francisco de Sousa Martins, sobrinho do presidente Barão da Parnaíba, que estava acompanhado de seu irmão, Major Clementino Martins. Segundo a narrativa do viajante, esses sujeitos estavam de passagem com destino para o Rio de Janeiro.

---

<sup>217</sup> Ibidem., p. 145.

<sup>218</sup> Ibidem., p. 126.

<sup>219</sup> Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “Correio Oficial: In Medio Posita Virtus (RJ)”. Vol. I nº 112, Edição 00112(1), 21/05/1839, p. 246. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749443&pesq=%22passando%20agora%20a%20considera r%22&pagfis=6953>. Acesso em: 24/11/2020.

<sup>220</sup> GARDNER, 1942, p. 200.

O sentimento de Gardner ao se despedir do Padre Marcos e seu filho Dr. Alarico de Macedo foi de profundo pesar, pois afirmou que “é raro nestas remotas regiões que um amante de estudos da natureza encontre um espírito afim”<sup>221</sup>. Desse modo, o viajante expõe que encontrar pessoas instruídas naquela região era algo raro, considerando que a maioria da população piauiense oitocentista era iletrada. Assim, percebemos que ele se sentia acolhido em ambientes com padrões próximos às suas experiências culturais, como o tempo em que conviveu com o Padre Marcos e o seu filho.

Um fato interessante é que, diferentemente do contato com outros indivíduos, Gardner não cortou os laços com o Padre Marcos mesmo após retornar ao seu país de origem. Isso pode ser verificado em sua narrativa, na qual afirmou que “depois de meu regresso à Inglaterra temos mantido correspondência, havendo-me ele enviado espécimes de objetos de história natural, muitos dos quais diferente dos que me fora dado obter na curta estada ali”<sup>222</sup>. À vista disso, percebemos que para além das correspondências trocadas, o Padre Marcos também enviara espécimes da flora da região, acrescentando o acervo natural do naturalista inglês, além dos estudos desenvolvidos sobre diferentes espécimes que Gardner não conseguiu obter devido a curta estada na localidade.

Continuando a viagem, ao pôr do sol, o viajante chegou à Vila de Santana das Mercês, atual município de Jaicós. Por meio de seu relato, torna-se possível conhecermos algumas características da Vila de Santana das Mercês (Jaicós) naquele período. Nessa ocasião, Gardner relatou que

A vila de Santana das Mercês ou Jaicós, como é geralmente chamada, fica situada a cinco léguas ao oeste de Boa Esperança e contém de setenta a oitenta casas edificadas em uma grande praça quadrada, da qual apenas três lados estavam então completos, com uma bela igreja ao centro. Os arredores contêm muitas choças da gente mais pobre, feitas principalmente do tronco e folhas da carnaubeira, que é abundante nas vizinhanças.<sup>223</sup>

Diante disso, vale ressaltar o distanciamento entre os núcleos populacionais, pois a Vila de Jaicós ficava a cinco léguas, correspondente a aproximadamente 24 quilômetros da Fazenda Boa Esperança. De fato, uma distância considerável entre esses núcleos populacionais da Província do Piauí. Chamou a atenção do visitante estrangeiro a organização urbana da Vila, pois esta possuía entre setenta a oitenta casas em uma grande praça quadrada, tendo no seu

---

<sup>221</sup> GARDNER, 1942, p. 202.

<sup>222</sup> *Ibidem.*, p. 202.

<sup>223</sup> *Ibidem.*, p. 203.

centro uma Igreja, e em seus arredores existia muitas choças, nas quais residiam as pessoas menos abastadas.

De acordo com o autor Marcelo de Sousa Neto, o Padre Marcos de Araujo Costa foi um participante ativo na criação e edificação da Vila de Jaicós. Dado que foi devido aos seus esforços e influência que Jaicós foi elevada a condição de Vila, instalada em 1834, pois “como membro do Conselho de Governo da Província, articulou as diligências necessárias à inclusão da freguesia ao pedido feito à Assembleia Nacional para a criação de novas vilas no Piauí”<sup>224</sup>. Segundo este autor, esta Vila constituiu-se como cenário da atuação política do Padre Marcos, além disso, ela também possuía uma localização favorável para os negócios do padre como fazendeiro, visto que “no período em estudo, Jaicós constituiu-se em um importante rota comercial, sobretudo com Pernambuco e Bahia, o que a colocou em uma condição privilegiada em relação a outras vilas da província para o comércio do gado e, especialmente, em relação à circulação de informações”<sup>225</sup>.

Dando continuidade à sua narrativa, Gardner registrou que na Vila de Jaicós apenas “uns poucos de vendeiros e comerciantes, como alfaiates, sapateiros e outros, residem permanentemente na vila; mas a maioria das casas pertencem aos fazendeiros vizinhos que apenas as ocupam durante o natal e outros festivais”<sup>226</sup>. Esta prática herdada de tempos coloniais foi comentada pelo autor Marcelo de Sousa Neto, o qual afirma que “era comum que os ricos senhores possuíssem casas nos núcleos urbanos, que funcionavam mais como um símbolo de poder que uma necessidade de fato, preferindo residir no campo onde granjeavam suas posses”<sup>227</sup>. Desta forma, percebe-se que, assim como em outras partes do Brasil, a Vila de Jaicós possuía muitas residências na área urbana, porém elas só eram ocupadas em dias de festas ou passagens curtas. Assim, vemos que os núcleos urbanos no Piauí da primeira metade do século XIX encontrava-se com sua população reduzida e o seu desenvolvimento era lento.

Depois de três léguas de caminhada, Gardner e seus ajudantes chegaram à Fazenda de Santo Antônio. Sobre essa localidade, Gardner descreveu algumas características, dando enfoque principalmente ao desenvolvimento da pecuária nesta região. De acordo com este viajante, a fazenda “é pequena e os seus rebanhos produzem cerca de cento e cinquenta bezerros por ano; muitos deles e mesmo o gado crescido, segundo me informou o proprietário, caem

---

<sup>224</sup> NETO, Marcelo de Sousa. O padre, a vila e o galo da torre: padre Marcos de Araújo Costa e a vila de Jaicós (Piauí, 1832-1850). **Topoi**. Revista de História, Rio de Janeiro, v. 19, n. 38, p. 241-262, mai./ago. 2018. Disponível em: [www.revistatopoi.org](http://www.revistatopoi.org) Acesso em: 04/03/2020.

<sup>225</sup> NETO, 2018, p. 245.

<sup>226</sup> GARDNER, 1942, p.203.

<sup>227</sup> SOUSA NETO, 2009, p. 47. Cf. ARAÚJO, Emanuel O. **O teatro dos vícios: transgressão e transigência na sociedade urbana colonial**. Rio de Janeiro: J. Olympio Editora, 1993.

vitimas das onças que não são raras na região”.<sup>228</sup> Além disso, segundo o viajante, o proprietário da fazenda tinha o costume de colocar a cabeça de animais que matara espetadas na ponta de altos postes à entrada do curral. Repara-se que essa prática não passou despercebida aos olhos do viajante.

Passando pela povoação chamada Samambaia, Gardner expõe que havia “cerca de vinte casas esparsas. A principal ocupação dos habitantes é a fabricação de redes para serem vendidas principalmente aos viajantes que por ali passam. Fazem-se de algodão que se produz muito bom nos arredores”.<sup>229</sup> Dois aspectos importantes são evidenciados por Gardner nesse trecho de sua obra. Primeiramente, ele expõe a atividade predominante era a fabricação de redes, que eram vendidas aos viajantes que transitavam por ali. Esta informação é relevante para o conhecimento das atividades econômicas do Piauí oitocentista.

Outro aspecto que ele relata é que apesar de ser um povoado pequeno, com apenas vinte casas, os habitantes utilizavam como matéria-prima o algodão, que, conforme Gardner, tinha uma boa produção na região. Nessa perspectiva, a autora Ivana Campelo Cabral expressa que “a produção de algodão se estabeleceu em sua maioria nos sítios, e destinava-se a comercialização tanto no interior da própria província quanto nas províncias próximas, como o Ceará e o Maranhão com as quais já se comercializava o gado e os demais produtos da pecuária”.<sup>230</sup>

Como já mencionado no capítulo anterior, apesar da pecuária ainda continuar sendo a principal atividade econômica no século XIX na Província do Piauí, nesse período já se desenvolvia a agricultura como meio de subsistência. A informação obtida a partir da análise do percurso de George Gardner contrapõe as afirmações inconsistentes de que na província do Piauí não existia agricultura, e que toda a população se ocupava tão somente a criação de gado.

No que diz respeito a agricultura no Piauí, o jornal *Correio Oficial: In Medio Posita Virtus (RJ)* em 1839, mencionou que esta encontrava-se em atraso visto que

A criação de gados, principal riqueza da Província do Piauí, poucos braços deixa desembaraçados para os trabalhos da lavoura, e por isso esta ali se acha em considerável atrasamento. A exceção do algodão, do qual se exporta pequena quantidade, todos os mais gêneros se cultivam em tão diminuta escala, que mal chegam para o consumo interno. A introdução de instrumentos, e máquinas agrárias, que suprissem a falta de braços em muitos

---

<sup>228</sup> GARDNER, 1942, p. 204.

<sup>229</sup> Ibidem., p. 206.

<sup>230</sup> CABRAL, Ivana Campelo. Os agregados e a produção agrícola piauiense na segunda metade do século XIX. In: LIMA, Nilsângela Cardoso (org.). **Páginas da História do Piauí colonial e provincial**. Teresina: EDUFPI, 2020. p. 129.

dos trabalhos da lavoura, seria um dos benefícios mais importantes, que se podiam fazer à Província. Eis aqui quanto desde 1835 se tem podido colher até agora sobre um objeto, que é de vital interesse para o Brasil.<sup>231</sup>

Constata-se que a carência de instrumentos e máquinas agrarias na Província teve destaque nos jornais da época. É válido ressaltar que os viajantes Spix e Martius, no início do século XIX, já haviam comentado a necessidade de investir em novas técnicas para o desenvolvimento da Província, como por exemplo a implantação de irrigação artificial. Acerca do atraso da Província do Piauí em 1839, o jornal *O Sete d’Abril (RJ)* escreveu que esta Província era “uma das mais atrasadas, das mais faltas de recursos da Províncias do Império”<sup>232</sup>.

Depois de percorrer algumas léguas, Gardner chegou a uma plantação chamada Canavieira pertencente ao Major Clementino, onde dispunha de um rancho desocupado. Nessa ocasião, o naturalista enfatizou o contraste entre a acomodação que teve na fazenda do Coronel Martins na noite anterior e sua desafortunada estadia nesse rancho. Estas situações imprevisíveis eram comuns nas expedições de viajantes estrangeiros que decidiam viajar a um lugar desconhecido, enfrentando situações desagradáveis, diferentes do conforto que estavam acostumados. Muitas vezes enfrentando secas intensas ou chuvas torrenciais. Assim, os viajantes dependiam da sorte de encontrar locais que pudessem passar a noite e descansar para prosseguir a viagem. E, quando não encontravam uma residência – habitada ou abandonada – passavam a noite ao relento.

### **2.3 “[...] eu sempre me hei de lembrar de minha passagem por Oeiras”: George Gardner na capital da Província do Piauí**

Continuando a sua jornada, Gardner chegou a um lugar chamado Passagem de Dona Antônia que ficava aproximadamente 7 quilômetros da cidade de Oeiras. Nesse percurso, o viajante relatou as péssimas condições dos caminhos, e como já era tarde, ele e seus acompanhantes decidiram passar a noite em uma casa das barcas<sup>233</sup> com outros viajantes que

<sup>231</sup> Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “Correio Oficial: In Medio Posita Virtus (RJ)”. Vol. I nº 112, Edição 00112(1), 15/09/1838, p. 446. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749443&pesq=%22passando%20agora%20a%20considera%22&pagfis=6954>. Acesso em: 14/10/2020.

<sup>232</sup> Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “o Sete d’Abril (RJ)”. Vol. I nº 680, Edição 00680, 01/02/1839, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709476&pesq=%22o%20brasileiro%20que%20nasce%22&pagfis=2874>. Acesso em: 05/11/2020.

<sup>233</sup> Um espaço onde ficava pequenas canoas e servia de abrigo para os viajantes passarem a noite e atravessar o rio no dia seguinte.

ali se abrigaram. Na manhã seguinte, datado 12 de março de 1839, a bagagem do viajante foi transportada para a outra margem do rio em uma pequena canoa. Além disso, conforme os escritos de Gardner, “os cavalos foram levados a nado um a um. Atravessando a arenosa planície coberta de pequenas árvores e belos arbustos floridos”<sup>234</sup>. Assim, às onze horas da manhã, chegou à cidade de Oeiras, capital da Província do Piauí.

Ao contrário dos viajantes Spix e Martius que teceram elogios sobre o encontro que tiveram com o então governador da Capitania do Piauí, Coronel Baltazar de Sousa Botelho e Vasconcelos, afirmando que este era um homem notável e atencioso, Gardner não esconde o seu desapontamento ao encontrar-se com o presidente da Província do Piauí, Manoel de Sousa Martins. Assim, percebemos o contraste entre as experiências dos viajantes bávaros Spix e Martius com o governador da Capitania e o encontro do inglês George Gardner com o presidente da província em 1839.

Ao chegar à cidade, o viajante procurou primeiramente a residência do Presidente, conhecido como Barão da Parnaíba, para apresentar as diversas cartas de recomendação que trazia, para que pudesse conseguir autorização para sua estadia na capital. A respeito disso, ele relatou:

Indaguei da sua residência ao entrar na cidade e fui informado a este respeito por um soldado. O palácio, como lhe chamam, está situado na parte mais alta da cidade, tem um só andar e é de aspecto muito ordinário. Ao chegar à porta, encontrei-a guardada por uma sentinela, criatura da mais abjeta aparência imaginável.<sup>235</sup>

Diante do exposto, observa-se que o viajante descreveu a residência do presidente como sendo um lugar insignificante, mas que era chamado pela população de “palácio”, termo que denota como o Barão da Parnaíba era visto pela população e como ele gostava de ser tratado, isto é, como um sujeito nobre. Porém, ao olhar de um estrangeiro, o tratamento dado pelos habitantes ao presidente devia-se ao fato da relação de poder que ele mantinha com a sociedade, pois o “palácio” não fazia jus ao significado da palavra, ou seja, não era um edifício suntuoso digno de admiração. Segundo a narrativa deste naturalista, na entrada da residência do Barão havia um guarda, sendo ele um jovem mulato que aos olhos de Gardner possuía uma aparência desprezível.

Sobre o vestuário do sujeito, ele descreveu que

estava vestido com o uniforme de tropa de linha, que parecia ter-lhe estado colado ao corpo pelos últimos seis anos; o boné de pano era velho e ensebado;

---

<sup>234</sup> GARDNER, 1942, p. 209.

<sup>235</sup> Ibidem., p. 210.

a jaqueta azul, metade remendos, metade buracos, estava aberta na frente, mostrando-lhe o peito nu, porque o homem não podia gabar-se de possuir uma camisa; as calças eram pouco melhores que a jaqueta; e os seus pés estavam metidos até os calcanhares num velho sapato, com os dedos à mostra. Não fora a sua posição ereta e o uso do mosquete e eu o teria sem dúvida tomada por mendigo.<sup>236</sup>

À vista disso, observa-se que a imagem humilde da sentinela serve para corroborar, na visão do viajante, com a modesta residência do Barão. Ao deixar o seu cavalo próximo à entrada da residência do Barão, imediatamente o guarda o levou para a rua. Da mesma forma, Gardner relata que ao se dirigir a porta e “pisar no pavimento, fui tratado precisamente como o fora meu cavalo, mais a informação de que não era permitido entrar de esporas no palácio. Tirei-as imediatamente e, havendo perguntado se algo mais era necessário, tive enfim licença de entrar”.<sup>237</sup> Isso nos revela a imponência com que o presidente, Manoel de Sousa Martins, era tratado. Além disso, mostra-nos a dificuldade para ter acesso ao Barão, autoridade que comandava todo o contexto político da província naquele período.

Embora tenha conseguido entrar no palácio, Gardner não contactou imediatamente o Barão, pois um sargento lhe recebeu e perguntou o motivo da sua visita. O viajante respondeu-lhe informando que trazia consigo cartas de recomendação para apresentar ao presidente, porém o sargento declarou ser necessário entregá-las primeiramente a ele para que ele pudesse repassá-las ao governante. Enquanto isso, Gardner ficou no saguão do palácio e, cerca de quinze minutos depois, foi direcionado a uma grande sala, porém o Barão ainda não estava presente. A demora do presidente da província em receber o viajante demonstra a soberania exercida por ele sobre as demais pessoas.

Em sua narrativa, ele descreveu característica do seu encontro com o Presidente da Província dizendo que apesar de Manoel de Sousa Martins, o Barão da Parnaíba, ser o mais influente político do Piauí na época, ele se vestia de forma muito simples. A respeito disso, o viajante disse que

o vestuário era, com efeito, bastante ligeiro, o que geralmente usavam em casa os habitantes da província: consistia em uma leve camisa branca de algodão, solta por cima das calças do mesmo estofó e que desciam pouco abaixo dos joelhos; nuas as pernas e os pés, mas estes metidos num para de chinelos velhos; em volta do pescoço diversos rosários, com crucifixo e outros berloques de ouro a eles presos.<sup>238</sup>

---

<sup>236</sup> Ibidem., p. 210-211.

<sup>237</sup> Ibidem., p. 211.

<sup>238</sup> Ibidem., p. 211.

Certamente, após perceber que Gardner não era um viajante comum, mas sim um estrangeiro, o Barão se desculpou pelo seu vestuário simples com a justificativa de que os seus trajés era devido à alta temperatura daquele dia. Além de analisar o vestuário do Presidente, o viajante também comentou sobre a sua condição física

Era de baixa estatura e vigorosa constituição, embora não corpulento, e seu semblante traía muito mais energia de corpo e de espírito do que é comum em homens de sua idade no Brasil. Era homem de setenta anos aproximadamente; cabeça extraordinariamente grande e, segundo os princípios de frenologia, bem proporcionada na parte anterior e posterior, mas deficiente na região de sentimentos morais de considerável largura de ouvido a ouvido.<sup>239</sup>

Considerando que Gardner também era médico, ele tomou como base os princípios da frenologia<sup>240</sup> para descrever os aspectos físico do Barão da Parnaíba, tecendo críticas ao apontar a deformidade da região que corresponde aos “sentimentos morais”, ironizando também o caráter do indivíduo. Ou seja, a análise que o viajante fez sobre o Barão não se restringiu apenas aos aspectos evidentes, como roupas ou baixa estatura, mas também foi destacado características que estão além do que podia ser observado por outras pessoas que não tivessem conhecimento dessa área de estudo. Além disso, Gardner declarou que

Enquanto ele lia minhas cartas, não pude deixar de analisar o aspecto de um indivíduo cujo nome é mais celebre que o de qualquer outro ao norte do Brasil e cujo governo despótico da província, de que é presidente, lhe granjeou o apelido de Francia do Piauí[...] na conversação seu rosto tinha uma expressão desagradável e sinistra, embora modificada por um esboço de sorriso.<sup>241</sup>

À vista disso, nota-se que o viajante mencionou que o governo de Manoel Sousa Martins na Província do Piauí era despótico, sendo denominado por muitos como “Francia do Piauí” – comparando-o ao ditador Paraguai José Gaspar Rodriguez Francia que governou de 1814 até a sua morte, em 1840 – e expondo a sua expressão desagradável. Em relação a isso, consultamos nos jornais sobre o governo do Barão da Parnaíba e encontramos algumas informações no jornal do Rio de Janeiro *O Brasil: Vestra res agitur* de 1841, no qual há menções sobre o Barão – que

<sup>239</sup> Ibidem., p. 212.

<sup>240</sup> Frenologia, segundo Fernando Barbosa, “pode, então, definir-se como um sistema de inferência das aptidões mentais e, até, das qualidades morais de cada indivíduo por via do estudo do tamanho e das formas exteriores do seu crânio, com base em supostas relações entre esses atributos cranianos, as áreas cerebrais que lhes subjazem e presumíveis evidências a propósito do papel funcional dessas áreas, decorrentes do estudo comparativo do seu tamanho e forma em diferentes indivíduos, por referência às aptidões e predisposições comportamentais diferencialmente manifestadas por cada um deles.” Cf. BARBOSA, Fernando. Frenologia. **Dicionário crime, justiça e sociedade**, 2016. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/125906/2/382026.pdf>. Acesso em: 13/11/2020.

<sup>241</sup> GARDNER, 1942, p. 211-212.

nesse período já havia recebido o título de Visconde da Parnaíba – acusando-o de despotismo. Observamos que Manoel de Sousa Martins foi alvo de artigos publicados na imprensa do Rio de Janeiro, em que seus adversários fizeram diversas críticas às suas práticas governamentais.

De acordo com o jornal, as acusações partiram de seu sobrinho, também deputado da Província, Francisco de Sousa Martins, sendo noticiado da seguinte forma “o nobre deputado o Sr. Sousa Martins com os accents da verdade e da energia levantou a ponta do véo que encobre esse tecido de horrores conhecido com o nome de administração do Piauí”<sup>242</sup>. No entanto, conforme a notícia, o discurso do deputado sobre o governo do Barão não revelou nenhuma novidade ao país, pois

Desde ha muito que o nome do visconde da Parnahyba é proverbial sempre que se quer designar um governo patriarchal, não pelas bondades que são inherentes a essa espécie de governo primitivo, mas pela extensão indefinida dos seus poderes. O nobre visconde tem sido considerado pelo paiz como um Francia, mas de uma esphera muito secundaria, obrando mais em conformidade da ausência total de toda idéa administrativa, do que de planos políticos bem combinados.<sup>243</sup>

Entende-se que a fama do Visconde da Parnaíba era amplamente conhecida no Brasil, e por muitas vezes o seu governo foi utilizado como exemplo para se referir a governos autoritários e patriarcais. Além disso, podemos constatar que o apelido a ele atribuído, como “Francia” do Piauí, era amplamente conhecido em várias parte do país. Todavia, de acordo com a notícia supracitada, diferentemente do ditador Paraguai, José Gaspar Rodriguez Francia, o governo de Manoel de Sousa Martins não possuía planos políticos bem elaborados.

Ainda sobre o presidente da província, o jornal anunciou que

O procedimento da opposição e da imprensa governista a este respeito é verdadeiramente notavel. De um lado apresentam-se defendendo as brutalidades de um presidente tyrannico os que se intitulam defensores das publicas liberdades, e do outro são os inculcados absolutistas os que o agredem em razão de seu despotismo.<sup>244</sup>

Assim, o governo do Visconde da Parnaíba tornou-se um assunto repercutido não apenas nas províncias do Norte, mas também nos periódicos da época. Portanto, a narrativa do botânico

<sup>242</sup> Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “O Brasil: Vestra res agitur”. Vol. II nº 78, Edição 00200(1), 23/11/1841, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709565&pesq=%22visconde%20da%20Parna%C3%ADba%22&pagfis=801>. Acesso em: 12/12/2020.

<sup>243</sup> Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “O Brasil: Vestra res agitur”. Vol. II nº 78, Edição 00200(1), 23/11/1841, p. 2.

<sup>244</sup> Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “O Brasil: Vestra res agitur”. Vol. II nº 78, Edição 00200(1), 23/11/1841, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709565&pesq=%22visconde%20da%20Parna%C3%ADba%22&pagfis=802>. Acesso em: 12/12/2020.

George Gardner tornou-se uma importante fonte documental para analisar aspectos da vida do Visconde sob a perspectiva de um estrangeiro, que não fazia parte do meio sociocultural do período.

Depois da leitura das cartas de apresentação, o presidente dialogou com o viajante sobre os motivos de sua visita à Província do Piauí. Sobre isso, Gardner declarou que

Foi-me impossível fazer-lhe compreender que minhas coleções botânicas podiam servir a qualquer outro proposito que não o de se converterem em mezinhas ou drogas secas. Que se estudassem os produtos da natureza com objetivo diverso de mera utilidade prática para o homem, era coisa de que não tinha a mais fugitiva ideia.<sup>245</sup>

Considerando a sua realidade, homem da primeira metade do século XIX no Piauí, não era incomum o Visconde não ter conhecimento sobre a botânica. Segundo o historiador Pedro Vilarinho Castelo Branco, Manoel de Sousa Martins era “homem sertanejo, de pouca educação formal, um político forjado nas relações cotidianas, nas práticas do exercício do poder [...] não tinha formação militar e nem carta de bacharel e, possivelmente, não ambicionava fazer carreira na burocracia imperial e galgar posto na corte”<sup>246</sup>. Desse modo, ao perceber que o Visconde era o oposto do erudito Padre Marcos, causou um certo desapontamento ao viajante. Todavia, Gardner enfatizou seus esforços para fazer com que o presidente entendesse a importância dos estudos botânicos. Porém, o Visconde, assim como outras pessoas com pouca instrução, só tinha conhecimento daquilo que lhe era prático, como usar a madeira para produzir mesas, cadeiras etc., e usar plantas para a produção de remédios.

Contudo, quando o presidente da província soube do desejo do viajante inglês em permanecer alguns dias na cidade, logo providenciou uma casa vaga para o hospedar, enviando-lhe “duas cadeiras, uma mesa e um grande pote de barro para água”<sup>247</sup>. Assim como Spix e Martius, os quais descreveram a estrutura da cidade evidenciando a irregularidade e tortuosidade de suas ruas, Gardner também narrou que a cidade era “de construção muito irregular e formada principalmente de uma grande praça, e umas poucas ruas que partem do lado leste e oeste”<sup>248</sup>.

De acordo com José Carlos Barreiro, o traçado tortuoso das ruas caracterizava, na concepção dos viajantes estrangeiros, a desorganização das cidades brasileiras. Assim, seria necessário reformular os espaços urbanos, os quais deveriam ser “reconstituídos em

---

<sup>245</sup> GARDNER, 1942, p. 212.

<sup>246</sup> BRANCO, Pedro Vilarinho Castelo. O Visconde de Parnaíba e a construção da ordem imperial na província do Piauí. *Revista Clio*. Recife, v. 38, 2020. p. 225.

<sup>247</sup> GARDNER, 1942, p.212.

<sup>248</sup> Ibidem., p. 213.

consonância com os padrões de vigilância, limpeza e regularidade característicos das sociedades modernas”<sup>249</sup>. Sobre as obras públicas na Província do Piauí em 1839, o jornal *Chronica Maranhense (MA)* informou que no Piauí “apenas se está tratando de duas cadeias e uma matriz; todas as mais obras se acham paralyzadas havendo falta de officiais mechanicos, até mesmo de pedreiros e carpinteiros, na província”<sup>250</sup>.

Segundo Miridan Brito, Oeiras até 1852 representava a maior cidade da Província do Piauí. Em relação aos seus habitantes, Gardner mencionou que “a população não vai além de três mil almas, e é constituída em sua parte mais respeitável, com exclusão dos funcionários do governo, por comerciantes varejistas de produtos europeus”<sup>251</sup>. Porém, segundo com o censo geral da Província do Piauí de 1831 disponibilizado pela autora Miridan Brito, a cidade de Oeiras possuía 4.629 habitantes. Sobre essa incompatibilidade entre os dados dos autores, devemos ressaltar que não era fácil fazer um levantamento demográfico por parte das autoridades da Província, pois alguns fatores dificultavam o empreendimento, “como as grandes distancias e difficil acesso das moradias dos habitantes do interior”.<sup>252</sup> De acordo com Gleison Monteiro, somente em 1872 foi realizado o primeiro censo do Império no Piauí.

Todavia, ao buscarmos informações nos periódicos sobre a população na província do Piauí na época em que George Gardner a visitou, encontramos alguns dados no jornal *Correio Official: In Medio Posita Virtus (RJ)* de 1839. De acordo com o relatório do Exm. Ministro do Império

O Presidente da Província do Piauhy, em Offício de 14 de Maio do anno passado, estima a população daquella Província em mais de 80.000 pessoas livres, e de 12.000 captivas, o que forma a totalidade de 92.000 pessoas; declarando haver crescimento a respeito das primeiras, e irem diminuindo as segunda em consequência da abolição do tráfico da escravatura.<sup>253</sup>

Em sua perspectiva sobre a população, Gardner afirmou que a parte mais respeitável – exceto os funcionários do governo – era composta por comerciantes que vendiam produtos

---

<sup>249</sup> BARREIRO, 2002, p. 83.

<sup>250</sup> Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “*Chronica Maranhense*”. Vol. II nº 132, Edição 00001, 09/05/1839, p. 531. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749990&pesq=%22nossa%20civilisa%C3%A7%C3%A3o%22&pagfis=538>. Acesso em: 01/12/2020.

<sup>251</sup> GARDNER, 1942, p. 213.

<sup>252</sup> MONTEIRO, 2016, p. 90.

<sup>253</sup> Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “*Correio Official: In Medio Posita Virtus (RJ)*”. Vol. I nº 112, Edição 00112(1), 21/05/1839, p. 447. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749443&pesq=%22passando%20agora%20a%20considera%22&pagfis=6955>. Acesso em: 07/09/2020.

européus. A respeito disso, o viajante apontou algumas atividades econômicas desenvolvidas na capital da Província nesse período, dizendo que

a maior parte da mercadoria vem do Maranhão, levada em grandes canoas pelo rio Itapicurú acima a Caxias, e daí para Oeiras no lombo dos cavalos. Outra parte vem da Bahia pelo mesmo meio de transporte, mas a distância é grande demais para que tais expedições deem lucro: trazem-na os boiadeiros que lá vão anualmente vender seu gado.<sup>254</sup>

Logo se vê, pelas descrições do viajante, que a falta de estradas dificultou as relações comerciais da Província, pois “essa situação tornou-se séria para os produtores, que, por não terem outra opção para transportar as mercadorias, avaliavam que essa forma de transporte em lombos de animais onerava as despesas e encarecia os produtos”.<sup>255</sup> Entre esses produtos destacava-se o sal, que era um produto raro e vendido por um alto preço na região.

Semelhantemente aos viajantes Spix e Martius, Gardner não esteve na vila da Parnaíba, no entanto, fez algumas considerações sobre o local, possivelmente por meio de informações obtidas pelos moradores da cidade de Oeiras. Observemos o seu relato sobre isso

Por vezes uma lancha solitária, deslocando vinte toneladas, chega carregada de sal ao rio Canindé, em frente de Oeiras, procedente da vila do Parnaíba, florescente cidade perto da costa na margem oriental de um grande rio do mesmo nome, que divide as províncias do Maranhão e Piauí, e pelo qual se faz a navegação.<sup>256</sup>

Observa-se que o viajante inglês, assim como Spix e Martius, apresenta a vila do Parnaíba como “florescente”, ou seja, uma vila mais desenvolvida. No que tange a cultura do algodão e do açúcar na zona central e meridional do Piauí, Gardner afirmou que talvez “jamais se tornem mais populosas do que ora são, visto que, pelas grandes secas anuais a que estão sujeitas, a cultura do algodão ou do açúcar nunca poderá ser praticada”<sup>257</sup>. Assim, na época em que esteve em Oeiras, ele mencionou que as principais exportações eram de couros e gado.

Concernente a navegação do rio Canindé, ele relatou que

Foi proposto por Mr. Sturz, cônsul-geral do Brasil, na Prússia, navegar o rio em pequeno bote de vapor; mas há muitos motivos para concluir que a proposta nunca será posta em execução [...] pelo que toca à importação de mercadorias europeias, não é provável que tão cedo o tráfico se mude do Maranhão para o Parnaíba.<sup>258</sup>

---

<sup>254</sup> GARDNER, 1942, p. 213.

<sup>255</sup> MONTEIRO, 2016, p. 80.

<sup>256</sup> GARDNER, 1942, p.213.

<sup>257</sup> Ibidem., p. 213.

<sup>258</sup> Ibidem., p. 213-214.

Vê-se que, aos olhos do viajante, este projeto – o tráfico de mercadorias europeias mudasse do Maranhão para o Rio Parnaíba – jamais seria empreendido, ressaltando a falta de navegabilidade fluvial na região. O que Gardner não imaginara é que, onze anos após o seu retorno à Inglaterra, ocorreu os primeiros indícios de navegação a vapor no rio Parnaíba a começar em 1852.<sup>259</sup> Vale ressaltar que, desde o período colonial, a discussão sobre o aproveitamento do rio Parnaíba para uma navegação interior já estava em pauta, e se intensificou no período imperial.

Considerando que parte das mercadorias que chegava à província do Piauí vinham do Maranhão, determinados grupos do Piauí desejavam “antes de tudo, tirar de Caxias o seu comércio com o Piauí por meio da navegação a vapor no rio Parnaíba”<sup>260</sup>, pois isso possibilitaria o estabelecimento de relações políticas e comerciais diretamente com a Corte e demais centros do Império. Para a historiadora Gercinair Silvério Gandara, este foi um dos principais fatores que impulsionou o aproveitamento do rio Parnaíba e conseqüentemente a implantação da navegação a vapor. Segunda a mesma autora, “foi no governo de João José de Oliveira Junqueira (1857-1858) que se iniciou a fundação de uma companhia que deveria explorar a navegação no rio Parnaíba”.<sup>261</sup>

No que diz respeito as atividades de importação e exportação na Província do Piauí, o jornal *Correio Official: In Medio Posita Virtus (RJ)* escreveu que

As relações remetidas pelo Presidente da Província do Piauhy em Maio de 1838 comprehendem as importações, e exportações entre aquella Província, e os paizes estrangeiros, desde o anno de 1830 até o anno de 1834. Deste anno por diante até ao de 1838 não houve commercio directo entre a Província, e os ditos paizes.<sup>262</sup>

Referente a estrutura física da cidade de Oeiras, Gardner descreveu os seguintes aspectos

A cidade tem três igrejas, duas das quais, embora já velhas, estão inacabadas. Há ainda vários outros edifícios públicos, como cadeia, quartel, a casa da assembleia da província, a câmara municipal e um hospital, nenhum deles, porém, merece menção, exceto a cadeia que acaba de ser construída.<sup>263</sup>

<sup>259</sup> GANDARA, G. S. **Rio Paranaíba... Cidades-Beira**. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília. Brasília, p. 155, 2008.

<sup>260</sup> GANDARA, 2008, p. 147.

<sup>261</sup> *Ibidem.*, p. 159.

<sup>262</sup> Biblioteca Nacional/Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “Correio Official: In Medio Posita Virtus (RJ)”. Vol I n° 112, Edição 00112(1), 21/05/1839, p. 448. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749443&pesq=%22passando%20agora%20a%20considera r%22&pagfis=6956>. Acesso em: 15/11/2020.

<sup>263</sup> GARDNER, 1942, p. 214.

Comparando esta descrição com as de Spix e Martius, vemos que todos eles consideraram essas construções insignificantes. Além disso, há outra característica da declaração de Gardner que não foi mencionada pelos viajantes bávaros. De acordo com este viajante inglês, duas das três igrejas encontravam-se inacabadas. Em sua concepção, todos os edifícios públicos, como o quartel, a casa da Assembleia da Província, a câmara municipal e o hospital eram monumentos desprezíveis, com exceção da cadeia que acabara de ser construída, pois considerava este edifício como o único significativo. Isso porque foi construída sob a supervisão de um engenheiro alemão, que residia na província trabalhando a serviço do governo. Segundo as descrições do viajante “o prédio é de dois andares, havendo na cidade apenas dois outros edifícios que lhe são iguais neste particular; a parte inferior serve de cárcere e casa de correção; a parte de cima é usada como tribunal de justiça”.<sup>264</sup>

Percebe-se que Gardner só considerou essa edificação elogiável por ser um monumento que foi construído há pouco tempo e teve como supervisor um engenheiro alemão. Ou seja, na visão deste viajante, este sujeito era capacitado para empreender tal obra seguindo os padrões avançados. Outro edifício elogiado pelo botânico Gardner como sendo grande e belo, apesar de encontrar-se em uma situação decadente, “foi o colégio dos jesuítas antes de sua expulsão do Brasil”.<sup>265</sup>

Sobre as principais enfermidades na capital da Província, Gardner relata que

são as febres malignas e intermitentes, máxime no começo e no fim da estação chuvosa; depois que as chuvas cessam e enquanto prevalece o vento sudeste, não são raros os incômodos pulmonares e também a oftalmia; e neste último caso, ou por motivo de inadequado tratamento ou por negligência dos doentes, muitos perdem a vista [...] mas a doença predominante, para a qual fui chamado e tive de receitar mais vezes, era a dispepsia, sob as várias formas em que ataca estas populações. A asma e a paralisia ali prevaleciam.<sup>266</sup>

Em comparação com as descrições de Spix e Martius sobre as enfermidades na cidade de Oeiras em 1818 – mencionadas no capítulo anterior deste trabalho – vemos que apenas a dispepsia foi mencionada tanto no relato de viagem de Spix e Martius, como também no de Gardner, sendo considerada a principal enfermidade que assolava a cidade de Oeiras ainda em 1839. Ademais, Gardner enuncia que “ao tempo em que a visitei, Oeiras podia gabar-se de ter dois médicos e uma farmácia; esta, porém, era pobremente provida de drogas que nem eram novas, nem de melhor qualidade”.<sup>267</sup> Vemos que vinte e um anos após a visita dos viajantes

---

<sup>264</sup> Ibidem., p. 214.

<sup>265</sup> Ibidem., p. 214.

<sup>266</sup> Ibidem., p. 215.

<sup>267</sup> Ibidem., p. 215.

Spix e Martius, Oeiras continuava apenas com dois médicos. Da mesma forma, Spix e Martius também ressaltaram que a farmácia se encontrava em estado deplorável. Diante disso, percebemos que mesmo depois de duas décadas, esses aspectos continuaram os mesmos, sem nenhuma melhoria.

De acordo com o jornal *Annaes do Parlamento Brasileiro (RJ)* publicado em 1830, a situação da saúde pública na Província do Piauí era lamentável. Em sua fala na Assembleia Geral da sessão 12 de julho de 1830, o deputado e médico Sr. Lino Coutinho declarou

Sr. Presidente, se approvamos a parcella de vaccina para o Rio de Janeiro, não sei porque as outras Províncias não hão de tambem gozar desse beneficio, a comissão é de perecer que sim. [...] Entretanto não tem havido disto utilidade alguma. Vemos que no Piauhy está morrendo immensa gente sem que alli se saiba ainda o que é vaccina: e como apparece sete contos e novecentos mil réis para a instituição vaccinica no Rio de Janeiro?<sup>268</sup>

Perante o exposto, percebemos a reclamação feita pelo o médico e deputado Sr. Lino Coutinho, que em sua fala denunciou o desconhecimento dos piauienses sobre vacina, ressaltando a necessidade das outras Províncias, além da capital do Brasil, usufruir desse benefício.

Diferentemente de Spix e Martius, que não relataram muitas informações sobre os dois médicos da cidade de Oeiras, Gardner informou que

O mais velho dos dois médicos, o senhor José Luiz da Silva, cavalheiro inteligente e amável de quem recebi muitas gentilezas, exerce o ofício de cirurgião-mor e tem a seu cargo um hospital que é quase inteiramente dedicado ao serviço militar. Português de nascimento, fora em sua mocidade cirurgião na marinha de seu país. Residia em Oeiras trinta e seis anos e era pai de numerosa família.<sup>269</sup>

À vista disso, deve-se ressaltar que Spix e Martius relataram em 1818 que o hospital era especialmente para soldados e continha 40 leitos. No período em que Gardner esteve na província, o hospital ainda era quase inteiramente dedicado ao serviço militar. Sobre o outro médico, esse viajante escreveu que era “um jovem brasileiro, educado na Bahia, bem instruído e de índole amável, foi assassinado na rua pouco meses depois de minha partida”.<sup>270</sup> Nota-se

---

<sup>268</sup> Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. Jornal “Annaes do Parlamento Brasileiro (RJ)”. Rio de Janeiro. Edição 00002(1), 12/07/ 1830, p. 102. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=132489&Pesq=%22parcella%20de%20vacina%22&pagfiss=5026> Acesso em: 14/12/2020.

<sup>269</sup> GARDNER, 1942, p. 215.

<sup>270</sup> Ibidem., p. 215-216.

que mesmo após deixar a cidade de Oeiras, o viajante ainda teve notícias dos acontecimentos da capital da província do Piauí.

Tendo em consideração que além de naturalista, Gardner também era médico, provavelmente os habitantes aproveitaram a sua estada na cidade, pois, segundo este viajante, ele realizou várias cirurgias enquanto esteve na cidade. Em suas palavras, eram “operações que poucos jovens cirurgiões da Inglaterra podem tentar”.<sup>271</sup> Isso foi possível devido os dois médicos da cidade, segundo Gardner, possuírem “perícia, nem conseguente o ânimo de empreender qualquer operação séria, embora houvesse numerosos casos chamando desde muito tempo por socorro profissional”.<sup>272</sup>

Sobre as cirurgias realizadas, ele declarou “as mais sérias destas foram de catarata e litotomia: da primeira espécie tive três casos, dos quais um apenas bem sucedido produziu tal admiração da parte desta gente simples ao ver um cego recobrar a vista, que comentavam o fato quase como miraculoso”.<sup>273</sup> A reação dos moradores chamou-lhe a atenção, pois algo que lhe era comum, foi considerado como algo quase miraculoso pela população de Oeiras. Isso revela-nos a mentalidade da população da época, pois demonstra o pouco conhecimento que possuíam acerca desses procedimentos, uma vez que essas cirurgias não eram realizadas pelo cirurgião da cidade.

Durante a sua estadia em Oeiras, observamos que o médico e botânico Gardner atendeu tanto os de classe mais abastada, como também os menos abastados, algo digno de nota. Como podemos verificar na citação abaixo

Meu primeiro paciente era um preto forro, de cerca de trinta anos, de boa saúde geral. Admirável de ver a rapidez com que a ferida sarou, o que aliás ocorre uniformemente com a gente de sua cor. O segundo doente era um pobre mulato que morava numa choça nos arredores da cidade: os dois pobres pretos fizeram quanto lhes cabia para mostrar sua gratidão, prontos a dar quanto possuíam para me pagar os serviços recebidos, mas eu naturalmente nada lhes quis levar. O terceiro caso, o mais extraordinário de todos, era o de um homem de cerca de quarenta e cinco anos, dos mais respeitáveis negociantes estabelecidos na cidade.<sup>274</sup>

Diante disso, podemos afirmar que esse viajante aproximou-se não somente das autoridades, mas também das pessoas menos abastadas, compreendendo assim a realidade social da cidade de Oeiras no período analisado. Apesar de Spix e Martius exercerem o ofício

---

<sup>271</sup> Ibidem., p. 216.

<sup>272</sup> Ibidem., p. 216.

<sup>273</sup> Ibidem., p. 216.

<sup>274</sup> Ibidem., p. 216.

como médicos em outras províncias, eles não relataram o exercício desta função na cidade de Oeiras, diferentemente de George Gardner. Provavelmente deve-se ao pouco tempo que os naturalistas bávaros ficaram na cidade, tendo passado apenas alguns dias no mês de maio de 1818, em detrimento a estadia de Gardner que foi mais demorada, ficando por cerca de quatro meses.

No que diz respeito ao governo do Barão da Parnaíba e a política na Província do Piauí, no período correspondente a sua passagem, ele informou “A província do Piauí manda dois membros à Câmara nacional de deputados no Rio; mas, em tudo o que se refere ao seu governo interno, o Barão de Parnaíba governa despoticamente”<sup>275</sup>. Nota-se que mais uma vez Gardner refere-se ao governante como este sendo um déspota, pois diferente de quase todas as outras províncias brasileiras que os seus Presidentes eram trocados periodicamente, Manoel de Sousa Martins conseguiu permanecer na presidência da província do Piauí por vinte anos.

Sobre isto, o viajante narra que “tem sido ele seu presidente desde o estabelecimento da independência do império, com exceção do curto período, em que outra pessoa foi mandada substituí-lo; mas o enviado não exerceu a função longo tempo, porque morreu subitamente, em circunstâncias duvidosas”.<sup>276</sup> À vista disso, percebemos que o viajante buscou conhecer mais a história de vida do Barão, talvez por curiosidade, buscando entender a trajetória política daquela figura enigmática. De acordo com as suas observações e informações coletadas, – provavelmente em suas conversas com os moradores da cidade – Gardner relatou que a imponência do Barão não lhe proporcionava respeito por parte da população, mas sim temor. No entanto, devido seu poderio, ele “em casos de emergência, pode reunir dentre os seus amigos e dependentes mais de dois mil vigorosos defensores: tem sempre à mão quem esteja pronto a executar-lhe as ordens de qualquer natureza sem discuti-las”<sup>277</sup>.

Embora Manoel de Sousa Martins tenha recebido várias críticas de George Gardner, este mesmo viajante o elogia pelo fato de que “algumas leis provinciais que, seja dito a seu favor, tendem sempre a beneficiar as classes destituídas da população. Entre outras coisas, proibiu que a carne de vaca e a farinha, os dois principais artigos de alimentação, se vendem na cidade acima de certo preço prefixado e que é bem módico”.<sup>278</sup> Como resultado dessas ações, Gardner relatou que o governo do Barão suscitou muitos inimigos.

Em relação a instrução do Barão, o viajante-naturalista dissertou que

---

<sup>275</sup> Ibidem., p. 217.

<sup>276</sup> Ibidem., p. 217.

<sup>277</sup> Ibidem., p. 217.

<sup>278</sup> Ibidem., p. 218.

Ignorante de quase tudo, possui todavia grande atilamento e astúcia, qualidades altamente propícias à manutenção do despotismo com que tem regido a província, dando-lhe, é certo, com este regime mais paz e sossego do que fruem as outras províncias do império. E é admirável que, apesar de seus numerosos inimigos, só houve até aqui um atentado para assassiná-lo, isto no ano anterior à minha chegada ali.<sup>279</sup>

Nessa perspectiva, o autor Pedro Vilarinho Castelo Branco afirma que os interesses de Manoel de Sousa Martins estavam voltados para a inserção na vida de criador, de vaqueiro e “suas experiências de vida se passam no meio rural, dando conta da existência de práticas diversas, de sociabilidades construídas, em grande parte, fora dos quadrantes escolares [...] esse era o percurso natural a ser seguido, dar continuidade aos estudos era a exceção, não a regra”<sup>280</sup>. Apesar de ressaltar a pouca instrução do Barão, Gardner elogiou a sua astúcia e sagacidade, pois considerava características indispensáveis para a manutenção de um governo autoritário.

Em sua narrativa, Gardner demonstrou surpresa pois, apesar dos inúmeros inimigos, o Barão só havia sofrido uma tentativa de assassinato. De acordo com a narrativa deste viajante sobre este episódio:

Em 17 de janeiro de 1838, de volta de uma das suas fazendas e a meia légua da cidade, foi alvejado por um tiro desfechado por detrás de umas moitas e que o atingiu no ombro direito. Os assassinos era dois, fugiram sem perda de tempo e um deles veio dar parabéns ao Barão em sua chegada depois de tão felizmente escapo. Bandos armados foram enviados imediatamente para bater as matas em procura dos delinquentes e um preto escondido nas moitas e que não soube explicar sua presença ali foi conduzido à cidade, onde ao ser interrogado, se confessou como um dos criminosos, embora não fosse o autor do tiro, que disse haver sido disparado por um tal Joaquim Seleiro, mulato, morador na casa do Barão.<sup>281</sup>

Tendo em vista que Gardner só chegou em Oeiras em 1839, provavelmente este episódio foi relatado pelos residentes da cidade. Segundo as informações repassadas ao viajante, o suspeito Joaquim Seleiro era “de índole viciosa e paixões violentas”<sup>282</sup>. Quanto aos possíveis motivos que o levaram a tentativa de assassinato, disseram ter sido porque o Barão o havia maltratado sem causa justa poucos dias antes do incidente. Apesar de negar firmemente a sua culpa, Joaquim Seleiro foi preso e morreu vinte e cinco dias depois em circunstâncias que, segundo Gardner, deram motivos a comentários suspeitosos.

---

<sup>279</sup> Ibidem., p. 218.

<sup>280</sup> BRANCO, 2020, p. 207-208.

<sup>281</sup> Ibidem., p. 218.

<sup>282</sup> Ibidem., p. 218.

Ao pesquisarmos informações nos periódicos sobre o atentado contra o Presidente da Província do Piauí em 1838 – depois de uma busca perseverante – encontramos a notícia sobre esse evento em dois jornais, sendo eles *Chronica Maranhense* e *Diário de Pernambuco*, ambos de 1838. Vejamos o que diz a matéria do jornal *Chronica Maranhense*

Do Piauí, sabemos que o presidente Barão da Parnaíba, levava dois tiros de que ficara gravemente ferido, mas não mortal. Os assassinos estavam já todos presos, e a causa deste atentado foi haver o Barão repreendido um dos assassinos por haver deflorado uma moça.<sup>283</sup>

Comparando essa notícia publicada no jornal com o relato de George Gardner, vemos que enquanto o relato do viajante informa que o suspeito Joaquim Seleiro havia sido maltratado pelo Barão sem causa justa, o jornal divulga que o Barão havia repreendido o sujeito Joaquim Seleiro por ter deflorado uma moça. Já o artigo publicado segundo as informações anunciadas pelo presidente da Província para o periódico *Diário de Pernambuco*, não faz menção ao motivo que havia incitado os dois sujeitos a tentarem assassiná-lo. O nome do primeiro suspeito que foi pego escondido próximo ao local do crime foi exposto nesta notícia, diferentemente das informações relatadas por Gardner e pelo jornal do Maranhão. Como pode ser visto na citação a seguir

Prendendo-se hum delles [...] declarando ser o cabra Antonio Rodrigues da Costa de condição livre, conhecido pela antonomazia de Antonio Substancia, e que fora convocado pelo Selleiro Joaquim de Souza Barros natural da Província do Ceará, de quem fora agregado, prometendo lhe 100\$000 réis em prata [...] e sendo logo no mesmo dia preso o referido Selleiro, não só em consequencia do que declarara seu cumplice, como por se ter reconhecido, que o Cavallo, de que este se servira, era da casa do referido Selleiro.<sup>284</sup>

Ainda nesta notícia, o Presidente relata quem lhe acompanhava no momento do ocorrido e o local de onde estava vindo. Conforme descrito no jornal, o Barão “regressava das suas Fazendas para seu Palácio acompanhado de seu filho o Coronel Raimundo de Souza Martins, de seu Sobrinho Candido de Souza Martins, hum Ordenança, e mais tres domesticos”<sup>285</sup>. Observa-se que no discurso oficial, emitido pelo governo da Província do Piauí, não é mencionado os motivos que poderiam ter desencadeado esse atentado à vida do Barão. Por que

<sup>283</sup> BN/HDB. Jornal “*Chronica Maranhense*”. Vol. I nº 1, Edição 00001(4), 01/01/1838, p. 56. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749990&pesq=%22levava%20dois%20tiros%22&pagfis=56>. Acesso em: 02/06/2019.

<sup>284</sup> BN/HDB. Jornal “*Diário de Pernambuco (PE)*”. Edição 00069(1) nº 69, 27/03/1838, p. 5. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\\_01&pesq=%22Seleiro%20Joaquim%22&pagfis=11514](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_01&pesq=%22Seleiro%20Joaquim%22&pagfis=11514). Acesso em: 01/05/2019.

<sup>285</sup> BN/HDB. Jornal “*Diário de Pernambuco (PE)*”. Edição 00069(1) nº 69, 27/03/1838, p. 5. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\\_01&pesq=%22Seleiro%20Joaquim%22&pagfis=11514](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_01&pesq=%22Seleiro%20Joaquim%22&pagfis=11514). Acesso em: 01/05/2019.

ele não noticiou o motivo de Joaquim Seleiro mandar um de seus antigos agregado lhe assassinar? Seria por vingança devido os maltrato? Ou pela sua repreensão devido um dos acusados ter sido repreendido pelo Barão por deflorar uma moça? São questionamentos que surgiram ao analisar as três versões.

Assim, consideramos que os discursos nas fontes apresentadas – o relato do viajante, o jornal do Maranhão e o de Pernambuco – servem para expor três diferentes perspectivas sobre um mesmo acontecimento. As diferentes interpretações sobre o mesmo evento devem-se aos diferentes interesses por quem a história é contada, bem como o ponto de vista de cada um dos narradores. Ademais, vemos que as informações descritas por Gardner em seu relato de viagem, podem ser corroboradas pelos periódicos da época, comprovando assim a sua passagem pela cidade de Oeiras.

A narrativa do botânico segue apresentando mais detalhes da vida de uma das figuras mais importante da província naquela época, pois tinha como objetivo relatar tais informações para os leitores que se interessassem pela história do Brasil, visto que considerara a vida do presidente da província do Piauí, Manoel de Sousa Martins, digna de respaldo. Assim, o viajante buscou informações sobre o Barão da Parnaíba, descrevendo brevemente sua biografia e algumas características de sua vida – como a sua família, sua pouca instrução, sua primeira ocupação como vaqueiro ao serviço do pai etc. Sobre a sua inserção na política da Província do Piauí, Gardner disse que

Logo após a morte do pai foi alistado, como era o costume, na milícia de cavalaria, subindo logo ao posto de cabo de esquadra em que permaneceu por longo tempo. Foi depois promovido a alferes e por esse mesmo tempo. Foi depois promovido a alferes e por esse mesmo tempo nomeado tesoureiro das rendas nacionais. Assim ocupado, continuou até a proclamação da independência, época em que seu nome tinha pouco prestígio na província, sendo mais conhecido por sua índole astuta e maneiras rudes que por quaisquer predicados mais dignos de notas. Era seu costume distribuir presente e favores e mostrava-se obsequioso para com todas as altas autoridades, governadores, juízes e outras [...] Não media esforços para ganhar em todas as ocasiões a opinião favorável dos religiosos da comunidade, timbrando em ser amigo de quantos pertenciam à igreja, ansioso sempre por se fazer nomear diretor de suas festa, nas quais despendia dinheiro à larga para captar a simpatia e amizade do clero.<sup>286</sup>

A partir do excerto acima, compreende-se que Manoel de Sousa Martins soube conquistar aceitação por meio de suas estratégias políticas, uma vez que buscou obter aprovação tanto de governantes, autoridades e juízes – independentemente da orientação política do

---

<sup>286</sup> GARDNER, 1942, p.220.

governador vigente na província, como também do clero da Província do Piauí, por meio de contribuições abundantes. Ou seja, ele utilizou-se da sua sagacidade, empenhando-se em conseguir apoio tanto da esfera governamental quanto da Igreja.

Além disso, em sua narrativa, Gardner também mencionou outros acontecimentos do período que contribuíram para a ascensão de Manoel Sousa Martins no âmbito político. Sobre isto, ele relatou que no período joanino

O governo da província de Piauí fora posto nas mãos de Elias José Ribeiro de Carvalho, português de nascimento; mas, aos ser proclamada a constituição na metrópole, este governador foi imediatamente afastado e a província entregue aos cuidados de um governo provisório, composto de seis membros, um dos quais o atual presidente.<sup>287</sup>

De acordo com Pereira da Costa, Elias José Ribeiro de Carvalho foi empossado na administração da Província do Piauí em 1819 e governou até o dia 24 de outubro de 1821, ano no qual tomou posse da administração da Província a primeira junta constitucional eleita e instalada. No ano de 1822, foi nomeado governador das armas no Piauí o sargento-mor João José da Cunha Fidié, que logo se mostrou contrário a causa da Independência. Nesse contexto, D. Pedro I proclamou a independência do Brasil, como narra Gardner em seu relatório de viagem. A respeito desse acontecimento, o viajante destacou

Passou-se naturalmente longo tempo antes que a notícia deste acontecimento, que tinha ocorrido no Rio, chegasse a esta remota província e, quando chegou, Fidié, fiel à autoridade de D. João, que para ali o mandara, e supondo que se tratava apenas de uma perturbação passageira, firmemente se opôs à sua proclamação em Oeiras.<sup>288</sup>

Mediante o exposto, entende-se que as notícias aclamadas na capital do Brasil – naquele tempo o Rio de Janeiro – tardavam chegar às províncias do interior do país. Ao pesquisar sobre o atraso das notícias na Província do Piauí nos periódicos, deparamo-nos com um discurso do deputado Francisco de Sousa Martins no jornal *Annaes do Parlamento* proferido em 1839, no qual declarou “Na sessão passada não compareci, fiquei na minha província. Na província do Piauí, Sr. Presidente, distante da capital do império pouco mais ou menos 400 léguas, aonde os discursos publicados nas folhas já chegam frios [...]”.<sup>289</sup>

<sup>287</sup> Ibidem., p.220.

<sup>288</sup> Ibidem., p. 220-221.

<sup>289</sup> BN/HDB. Jornal “Annaes do Parlamento Brasileiro (RJ)”. Assembleia Geral Legislativa vol. I, 10/06/1839, p. 350. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=132489&Pesq=%22me%20parece%20que%20o%20paiz%20tem%20razao%22&pagfis=11434>. Acesso em: 12/12/2020.

Em sua narrativa, Gardner narrou o processo de adesão à causa da Independência no Piauí. De acordo com as informações transmitidas ao viajante, Manoel de Sousa Martins nesse tempo ainda não tinha influência, todavia, soube aproveitar a oportunidade em meio a esse embate. O contexto abordado pelo viajante Gardner expõe a participação de Manoel de Sousa Martins na vida política da província, durante as lutas de independência.

Em seu relato de viagem ele escreveu que

Para dar mais força à sua própria autoridade, proclama-se antes de tudo, presidente da província, e sob o pretexto de que Fidié estava prestes a voltar para Oeiras, e que era preciso pôr a bom recado os fundos do tesouro municipal, que diziam serem então vultuosos, deles se apoderou [...] Sem perda de tempo mandou ao Rio de Janeiro informações de como tinha agido: em troca disso D. Pedro confirmou-o na presidência [...] Depois de sua volta de Caxias elevou-o o imperador ao posto de brigadeiro e fê-lo Barão de Parnaíba.<sup>290</sup>

Neste trecho, o viajante narra as estratégias utilizadas por Manoel de Sousa Martins para ascender à a presidência da província, evidenciando a sua astúcia ao utilizar como pretexto a necessidade de enfrentar os “inimigos da causa” para se autoproclamar presidente da província. Além disso, Gardner informa que “ao tempo da coroação do atual imperador o barão foi feito visconde”<sup>291</sup>. Compreende-se que, os acontecimentos descritos pelo viajante retratam como o personagem Manoel de Sousa Martins – sujeito de pouca instrução intelectual – conseguiu ocupar cargos importantes gradativamente, até conquistar a administração da Província.

Todavia, não é o nosso intuito analisar especificamente o processo de independência no Piauí, mas entender como o inglês George Gardner narrou esse evento a partir das informações cedidas pelos habitantes da cidade de Oeiras – isso pode ser visto quando o viajante usa a expressão “ao que dizem”.

Outra questão abordada pelo viajante, foi o comércio de gado em leilões públicos, sendo apresentado como uma das principais fontes de renda do tesouro provincial, devido ao rendimento proveniente da venda de gado nas 30 fazendas pertencentes à coroa. É importante notar que essa informação se difere da quantidade de fazendas mencionada por Spix e Martius, pois estes relataram que haviam 33 fazendas do Piauí e, assim como Gardner, foram informados de que as ditas fazendas tinham sido incorporadas ao patrimônio régio depois que foram confiscadas pela Coroa após a expulsão dos jesuítas. Observa-se que há uma correlação entre os assuntos abordados pelos bávaros Spix e Martius e o inglês George Gardner.

---

<sup>290</sup> Ibidem., p. 222.

<sup>291</sup> Ibidem., p. 223.

Sobre o comercio dos gados dessas fazendas, Gardner conta que

Vendem-se anualmente, em média, umas três mil cabeças de gado. A venda se faz em leilão público a quem mais der e, posto que os preços variem em diferentes anos, seis mil réis ou, digamos, quinze chelins podem ser dados como seu valor mínimo.<sup>292</sup>

A respeito da administração dessas fazendas, acompanhemos os comentários do viajante sobre o assunto: “fossem estas propriedades bem administradas e muito maior seriam os lucros delas derivados”<sup>293</sup>. A queixa que o viajante faz a má administração das fazendas refletem em suas concepções econômicas, pois, a seu ver, se estas possuíssem um melhor gerenciamento mais lucro teriam. A má administração das fazendas da Coroa, segundo Miridan Brito, pode ser considerada como uma das primeiras causas do declínio da pecuária no século XIX no Piauí, juntamente “a política imperial que concedia ao Maranhão as vantagens da arrematação, até 1836”<sup>294</sup>.

Ademais, o viajante Gardner fez uma avaliação relevante sobre o ofício dos vaqueiros nas fazendas nacionais da Província do Piauí na primeira metade dos oitocentos. Segundo este estrangeiro

Estas posições são muito disputadas, por isso que, no decurso de poucos anos, os que as exercem fazem grandes economias de dinheiro, não tendo de pagar aluguel de casa, e podendo auferir lucros de todos os mais produtos da fazenda, tais como, carneiros, cabras, porcos, queijo e outros.<sup>295</sup>

É importante ressaltar que, segundo Gleison Monteiro, dentre as ocupações/profissões existentes no Piauí o vaqueiro “era a única ocupação que se destacava dentro da complexa hierarquia social”<sup>296</sup>. Conforme os escritos de Gardner, “para ajudá-los a vigiar o gado o governo lhes dá escravos, a quem se obrigam a alimentar e vestir, sendo o alimento todo produzido na fazenda e o vestuário, escasso e grosso, comprado por uma ninharia”<sup>297</sup>. A partir desta descrição torna-se possível perceber que aos vaqueiros que administravam essas fazendas, o governo lhes concedia escravos aos quais deveriam fornecer alimentação – segundo o viajante toda a alimentação era produzida na fazenda para subsistência – e a vestimenta era comprada por um valor insignificante, além de ser escassa e de consistência densa. Nos estudos de Miridan

---

<sup>292</sup> Ibidem., p. 223.

<sup>293</sup> Ibidem., p. 223.

<sup>294</sup> FALCI, 1986, p. 26.

<sup>295</sup> Ibidem., p. 223-224.

<sup>296</sup> MONTEIRO, 2016, p. 98.

<sup>297</sup> Ibidem., p. 224.

Brito pudemos averiguar que “com a venda dos bezerros recebidos os vaqueiros chegavam a adquirir alguma pequena fazenda, o que lhe elevava a categoria de vaqueiro a fazendeiro”<sup>298</sup>.

A partir da narrativa de George Gardner também podemos compreender as suas perspectivas sobre determinados movimentos políticos no Brasil oitocentista, tendo em vista que presenciou o conturbado período regencial. À exemplo disso, pode-se observar a sua descrição sobre o movimento popular denominado Balaiada que se iniciou na província do Maranhão durante os anos de 1838 e 1841, porém não ficou restrita somente a esta Província, visto que esse movimento se difundiu também no Piauí e no Ceará tendo proporções distintas em cada uma dessas regiões.

Segundo os escritos deste viajante, ele teve de mudar o seu itinerário, pois tinha como objetivo prosseguir em direção oeste para o rio Tocantins, porém devido as agitações na Província do Maranhão ele teve que seguir por outra rota. Assim, o naturalista inglês se propõe a narrar de forma concisa a origem e o desenvolvimento do que ele caracterizou como “desordens”. Percebe-se que o viajante se refere de forma pejorativa a Balaiada, pois em sua concepção eurocêntrica os participantes desse movimento – escravos, índios, entre outros – eram “vagabundos” que “nunca faltam no interior, sempre mais prontos a apoiar uma empreitada de desordens que a aceitar qualquer emprego regular”<sup>299</sup>. Vê-se que as pessoas que fizeram parte desse movimento foram caracterizadas pelo viajante como pessoas desocupadas, que ao invés de procurar trabalho regular, estavam envolvidas nessas desordens.

Assim, termos como “insurretos”, “vagabundos” e “rebeldes” foram utilizados frequentemente pelo naturalista inglês para designar os participantes da Balaiada. Como veremos na citação a seguir sobre a marcha dos balaios – como ficaram conhecidos os participantes desse movimento – contra Caxias: “Os insurretos sitiaram a praça por cerca de seis semanas, impedindo a entrada de provisões de boca, pelo que os habitantes, reduzidos pela fome e impotentes para sustentar o cerco por mais tempo, foram levados à capitulação a 30 de junho”<sup>300</sup>.

É possível que Gardner tenha se baseado em documentos oficiais, os quais apresentavam apenas a visão dos governantes e ignoravam a perspectiva da camada popular, pois ele apenas reproduz os mesmos discursos proferidos pelas autoridades para desqualificar o movimento. Acerca disso, pode-se afirmar que a produção historiográfica sobre a Balaiada foi escrita pela classe dominante, ou seja, os documentos ou testemunhos existentes sobre esse tema estão

---

<sup>298</sup> FALCI, 1986, p. 35.

<sup>299</sup> GARDNER, 1942, p.224.

<sup>300</sup> Ibidem., p.225.

imersos nos documentos oficiais e empregam a linguagem daqueles que integravam o poder nas Províncias se referindo aos participantes da Balaiada como “rebeldes”, “bandidos”, “assassinos” e “selvagens”.

Essa linguagem dominante tende a dificultar a leitura da documentação, e os que não analisam essas fontes com olhar crítico inclina-se a reproduzir as falas das autoridades vigentes da época, e veja a história com olhar de dominação, assim como os sujeitos que as escreveram. A priori, devemos ressaltar a participação do Piauí na Balaiada, considerando a sua autonomia. Tendo em vista que o movimento ocorreu simultaneamente nas duas Províncias, Piauí e Maranhão. Contrariando assim a ideia de que o movimento no Piauí teria sido somente uma repercussão dos acontecimentos no Maranhão, local onde a Balaiada teve início.

De acordo com a autora Claudete Dias em seu texto *Balaiada: a guerrilha sertaneja* ela diz que a Balaiada

foi um movimento social ocorrido no Piauí, Maranhão e Ceará, do final de 1838 a fins de 1841. De um lado, grandes proprietários de terra e de escravos, autoridades provinciais e comerciantes; de outro, vaqueiros, artesãos, lavradores, escravos e pequenos fazendeiros (mestiços, mulatos, sertanejos, índios e negros) sem direito à cidadania e acesso a propriedade da terra, dominado e explorados por governos clientelistas e autoritários formados pelas oligarquias locais que ascenderam ao poder político com a “proclamação da independência” do país.<sup>301</sup>

No que tange a participação de determinados segmentos da sociedade piauiense – como mencionado acima – na Balaiada, a historiadora Claudete Dias declara que eles

pegaram em armas e conduziram a Balaiada contra as arbitrariedades do Barão da Parnaíba que governava o Piauí desde 1823 de forma autoritária e clientelista. Este constitui um dos principais motivos que levaram os setores populares a participarem da Balaiada no Piauí e se unirem aos balaios do Maranhão.<sup>302</sup>

De acordo com a narrativa do viajante

os rebeldes aquartelaram-se então em um sítio chamado Brejo e suas fileiras engrossaram-se rapidamente, sobretudo com escravos fugidos das grandes plantações de algodão das vizinhas. Pelo mês de abril de 1839 já esta força unida se elevava a cerca de cinco mil homens, sendo seu principal chefe, depois de Raimundo, um velho índio conhecido pelo nome de Balaio, por ter vivido outrora de fazer balaios e vende-los nas ruas de Caxias.<sup>303</sup>

---

<sup>301</sup> DIAS, Claudete Maria Miranda. Balaiada: a guerrilha sertaneja. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 1995. p. 73.

<sup>302</sup> DIAS, 1995, p. 80.

<sup>303</sup> GARDNER, 1942, p. 226.

Ainda segundo o viajante, diante das perturbações que estavam acontecendo principalmente ao norte de Oeiras, ele desejava prosseguir sua expedição pelo lado oeste. Entretanto, quando estava se preparando para partir, chegaram a Oeiras várias pessoas procedentes de Pastos Bons, localizada um pouco a oeste do rio Paranaíba, as quais noticiaram que

um grupo de rebeldes fora enviado de Caxias para tomar aquela vila, onde cinco portugueses e um brasileiro, conhecidos como adversários seus, foram massacrados e as famílias deles esbulhadas de toda a sua propriedade. Também chegou então a Oeiras a notícia de que Raimundo, embriagado pelo sucesso, estava prestes a marchar de Caxias para tomar aquela cidade.<sup>304</sup>

Assim, Gardner optou por não seguir pela rota antes estabelecida. Continuando a sua narrativa, o naturalista inglês ressaltou as ações do Barão da Parnaíba frente a essa notícia, descrevendo que ele “redobrou agora de esforços e a cidade encheu-se de soldados rústicos, submetidos ao necessário adestramento militar. Formavam um grupo variegado, com gente de todo o tamanho, de toda côr, com trajos os mais diversos, muitos deles com calças, jaquetas e chapéu de couro”<sup>305</sup>.

Nesse período, o recrutamento militar foi utilizado em todo o país para “formar contingentes armados para combater as revoltas em todo o país [...] o recrutamento foi largamente utilizado desde o período colonial e à época da Balaiada foi intensificado provincial e imperial”<sup>306</sup>. Sobre isso, Odilon Nunes (1975) declarou que

Desde a Abdicação, o recrutamento no Piauí tornara-se contínuo e mais intenso nos últimos anos que precederam à Balaiada. [...] No Piauí, como por toda parte, a classe mais visada era a que constituía a arraia-miúda, a ralé inerme, incapaz de reação: o caboclo, o mulato e o cabra (esse último resultado do cruzamento do negro com o mulato, conforme o dicionário da época).<sup>307</sup>

Nessa perspectiva, Gardner descreveu as características dos soldados recrutados, os quais aparentemente estavam despreparados, pois não tinham experiência e nem trajes adequados para o combate. Sua descrição resalta também que os sujeitos recrutados faziam parte das camadas pobres da população, semelhantemente as informações de Odilon Nunes. Desse modo, percebe-se que o recrutamento “constituiu-se em um instrumento opressivo sobre

---

<sup>304</sup> Ibidem., p. 226.

<sup>305</sup> Ibidem., p. 187.

<sup>306</sup> DIAS, 1995, p. 80.

<sup>307</sup> NUNES, Odilon. **Pesquisas para a história do Piauí**. Vol. 3, Editora Artenova, 1975, p. 25.

o caboclo, o mulato, o negro, a “arraia miúda” ou a “ralé”, segundo expressões da documentação oficial”<sup>308</sup>.

A repressão foi violenta, segundo o viajante “calcula-se que do princípio ao fim da insurreição caíram mais de cinco mil vítimas”<sup>309</sup>. Em seguida, Gardner comenta que esses movimentos populares é “um dos exemplos das insubordinações de frequente ocorrência no Brasil, que o mantem em situação de quase contínua desordem e paralisam as energias dos que realmente desejam o bem de sua pátria”<sup>310</sup>. Desse modo, vemos que na concepção deste viajante estrangeiro, esse tipo de “desordem” por ser frequente no Brasil, era um dos motivos que dificultava o desenvolvimento e progresso do país, pois eram realizados por pessoas que não amavam a sua pátria. Considerando que a Balaiada só terminou em 1841, Gardner encerrou a sua descrição sobre este momento político dando continuidade ao seu itinerário pela Província.

Impossibilitado de seguir o percurso antes estabelecido, o viajante inglês decidiu prosseguir em direção as províncias de Goiás e Minas Gerais, “embora mal provido para tal, especialmente em matéria de recursos financeiros, porquanto a situação do país me impossibilitou de receber dinheiro do litoral”<sup>311</sup>. Uma vez que nesse contexto – conhecido como Período Regencial, marcado pela deposição de D. Pedro I – o Brasil enfrentava forte instabilidade política nas Províncias, dificultando o suprimento de recursos financeiros chegar a Gardner. Desta maneira, os acontecimentos político-sociais do país na época também dificultaram os objetivos dos viajantes que estiveram no país, seja tendo que mudar a rota devido as agitações políticas ou impedindo o recebimento de suprimento financeiro proveniente do litoral, prejudicando assim a sua expedição pelo país.

Como também era médico, o viajante conseguiu se manter nesses momentos de dificuldade financeira. Sobre isso, ele declarou

Eu tinha, porém, minha profissão, com a qual podia contar, e sabia que, se não podia ganhar muito dinheiro, podia, sim, poupar muitos gastos, porque a experiencia já me ensinara que, como médico, seria recebido em toda parte.<sup>312</sup>

Assim, o viajante utilizou-se de sua formação como médico para conseguir suprimentos e hospedagens por meio da realização de consultas. Além disso, ele tinha consciência de que

---

<sup>308</sup> DIAS, 1995, p. 80.

<sup>309</sup> GARDNER, 1942, p. 227.

<sup>310</sup> Ibidem., p. 227.

<sup>311</sup> Ibidem., p. 227.

<sup>312</sup> Ibidem., p. 227.

seria recebido por toda parte ao se apresentar como médico. Ou seja, como viajante estrangeiro poderia até ficar sem hospedagem ou mantimentos, mas como médico poderia ter acesso livre por onde fosse, uma vez que era uma profissão escassa nas províncias do Brasil.

Em seu percurso do Crato à Oeiras, bem como nas vizinhanças desta, Gardner coletou diversos espécimes da flora formando grandes coleções, as quais pretendia enviar para o Maranhão com o objetivo de serem embarcadas para a Inglaterra, porém isso não foi possível devido a “grande distância entre Oeiras e Pernambuco ou Baía. Há muito pouco tráfico entre estes lugares e, se não fora uma feliz causalidade, não haveria recurso senão levá-las comigo para o Rio”<sup>313</sup>. Mediante o exposto, vemos que o viajante expõe a dificuldade de acesso entre Oeiras e às outras províncias devido à grande distância que, a seu ver, dificultava o tráfico entre essas localidades.

A “feliz casualidade” mencionada pelo viajante referia-se as cartas de apresentação que ele trouxera de Pernambuco para entregar ao Dr. Casimiro José Moraes Sarmento, jovem advogado da cidade de Oeiras. Sobre a relação estabelecida com esse sujeito, Gardner escreveu “com este cavalheiro formei íntima amizade. Soube ser bem educado, era possuidor de alta inteligência, grande valor moral e notável bondade de coração”<sup>314</sup>.

Ainda de acordo com a narrativa de Gardner, esse jovem havia estudado em Pernambuco e possuía uma “bela biblioteca de obras em português, francês e inglês, todas as quais me permitiu manusear livremente”<sup>315</sup>. Observa-se que os elogios feitos ao jovem advogado exaltam a sua notável instrução, que não deixou de causar surpresa no viajante, pois considerara raro naquelas áreas remotas do Piauí. Além disso, podemos ver que o viajante inglês determinou o padrão de civilidade desse jovem a partir da análise de seus comportamentos e sua erudição. A amizade estabelecida entre o viajante e o Dr. Casimiro José Moraes Sarmento contribuiu para que as coleções obtidas em sua expedição por aquela região fossem transportadas por este, uma vez que este decidiu retornar a Pernambuco e consentiu em levá-las e depois enviá-las para a Inglaterra.

No que diz respeito a presença de estrangeiros em Oeiras, Gardner ressalta que “até onde me foi dado saber, só um inglês tinha visitado esta parte do país”<sup>316</sup>. Essa afirmação servira também para ratificar o caráter inovador de sua expedição, ao percorrer espaços ainda pouco

---

<sup>313</sup> Ibidem., p. 227.

<sup>314</sup> Ibidem., p. 228.

<sup>315</sup> Ibidem., p. 228.

<sup>316</sup> Ibidem., p. 228.

conhecidos pelos estrangeiros, o que também lhe proporcionaria maior reconhecimento ao publicar o seu relato de viagem no exterior.

Outro elemento que merece ser ressaltado é o fato de Gardner mencionar que mesmo depois de vinte e um anos após a passagem de Spix e Martius pela cidade de Oeiras, alguns moradores ainda se lembravam dos viajantes bávaros. Sobre o encontro com os bávaros, fato que marcou o imaginário dos habitantes da cidade de Oeiras, Gardner escreveu “Vários moradores ainda se lembraram dos Drs. Spix e Martius”<sup>317</sup>.

Em seu relato, o viajante fez breves anotações sobre os momentos em que esteve com o Barão da Parnaíba, pois de acordo com o viajante “O Barão me foi particularmente obsequioso: porque, além de me prover casa, mandou meus cavalos às pastagens de sua fazenda e teve-me como frequente convidado à sua mesa”.<sup>318</sup> Esse contato possibilitou que ele observasse os costumes do Barão, como por exemplo a maneira como ele realizava as suas refeições, sobre isso relatou

Ele toma as refeições bem à velha maneira dos barões, em uma mesa muito longa que se estende de uma a outra extremidade de uma grande sala. Senta-se-lhe à cabeceira e os hóspedes em longos bancos sem encosto, colocados aos lados, com os lugares mais baixos frequentemente ocupados pelos campeiros mais comuns.<sup>319</sup>

As observações feitas por Gardner sobre aspectos do cotidiano da vida do presidente da província, expõem que havia também uma hierarquia no momento das refeições na residência do Barão. Observa-se que o presidente se sentava à cabeceira da mesa, os hóspedes na lateral e os lugares mais baixos eram ocupados pelos trabalhadores do campo, denominados campeiros. No que tange aos vínculos de amizades e experiências vividas na capital da província do Piauí, Gardner declarou que “Com efeito, eu sempre me hei de lembrar de minha passagem em Oeiras como um dos períodos mais agradáveis de minhas peregrinações pelo Brasil”.<sup>320</sup>

Assim, na tarde do dia 22 de julho, Gardner e seus ajudantes despediram-se da cidade de Oeiras e continuou a jornada por terra com destino ao Rio de Janeiro. No entanto, antes de partir, Gardner menciona que o indivíduo que lhe acompanharia até o sul da província do Piauí, desistiu de exercer essa função. Quando o Barão soube do ocorrido, logo o mandou para a prisão e designou um soldado para acompanhar o ilustre viajante com a promessa de que o

---

<sup>317</sup> Ibidem., p. 228.

<sup>318</sup> Ibidem., p. 228.

<sup>319</sup> Ibidem., p. 228.

<sup>320</sup> Ibidem., p. 228.

desengajaria em sua volta. Com isso, podemos perceber o controle do Barão sobre os seus subordinados, como também o desejo do soldado de se desvincular do seu serviço.

Sobre o soldado indicado pelo presidente, Gardner o descreve como um sujeito que tinha o semblante e “catadura de degolador, como nunca vi outra igual [...] foi um dos sujeitos mais insolentes, vadios e mal humorados que jamais tive sob minhas ordens”.<sup>321</sup> O viajante salienta o desagrado em relação as características do soldado, o descrevendo como arrogante, preguiçoso e rude. A pouca distância de Oeiras, Gardner relata ter passado por diversas fazendas nacionais, e em uma delas teve a oportunidade de observar os métodos utilizados pelos vaqueiros para “pegar o gado que vagueia em grandes manadas, quase em estado selvagem”<sup>322</sup>.

No que diz respeito as técnicas e instrumentos utilizados pelos vaqueiros na região norte do país, Gardner diz que se difere do método usado pelos vaqueiros na região sul do Brasil, pois

Nas províncias do sul é bem sabido que se apanha o gado com laços e bolas, porisso que os descampados dessa zona permitem emprega-los livremente, o que não se dá ao norte. O instrumento aqui usado é uma longa vara, com cerca de nove pés de comprimento, um pouco mais grossa se fixa uma peça de ferro, quadrangular e aguçada, com uma saliência apenas de meia polegada. Montando a cavalo, com essa vara na mão, o vaqueiro marca com a vista o animal que deseja pegar e, perseguindo-o a toda brida, logo o alcança e, ferindo-o na anca com a ponta da vara, facilmente o derruba e, antes que ele possa de novo erguer-se, o vaqueiro desmonta e segura-o. é assim que se apanha quase todo o gado nesta província.<sup>323</sup>

Conforme mostrado acima, o viajante inglês realizou uma análise descritiva do ofício do vaqueiro no Piauí oitocentista. Além disso, ele salienta também a inexistência de cercas entre as propriedades da região e, por essa razão, “cada fazendeiro tem uma marca com que assinala todos os seus cavalos e bois antes de soltá-los a vaguear livremente e por esse sinal são, já se vê, facilmente reconhecidos”.<sup>324</sup> Ainda sobre os gados e cavalos no Piauí, ele descreveu detalhadamente as suas características, dizendo que

O gado de Piauí supre em grande parte os mercados de Maranhão, Baía e Pernambuco; às vezes enviam-se algumas manadas para a província de Minas. O gado é geralmente de grande tamanho, mas as cores muito variadas, conquanto predomine o tom pardo. Os chifres são longos, pontudos e espalhados. Pousámos uma noite em uma destas fazendas nacionais, que era inteiramente destinada à criação de cavalos, a qual, segundo me informou o principal vaqueiro, produzia anualmente cerca de quatrocentos potros. Os

---

<sup>321</sup> Ibidem., p. 230.

<sup>322</sup> Ibidem., p. 230

<sup>323</sup> Ibidem., p. 230

<sup>324</sup> Ibidem., p. 230

cavalos de Piauí são geralmente pequenos, de curta vida, raro excedendo de dez ou doze anos.<sup>325</sup>

Semelhantemente a declaração de Gardner, o autor Valfrido Viana de Sousa mencionou que “a economia piauiense, durante a segunda metade do século XIX, ainda era definida como domínio da pecuária”<sup>326</sup>. Além disso, segundo este autor, apesar do século XIX ter sido de estacionamento e declínio da pecuária, “as exportações de gado e seus derivados ainda eram bastante expressivas.”<sup>327</sup>

Posteriormente, a três léguas de Algodões, chegaram a uma fazenda chamada Pomba. Todavia, não se demorou e logo partiu da fazenda, porém, ele descreveu um episódio curioso que ocorreu quando já havia saído desta fazenda. De acordo com Gardner, o cão que havia recebido de presente do capitão Morais havia sumido, diante disso o viajante mandou Mr. Walker retornar a fazenda para buscar informações com o vaqueiro que cuidava da fazenda. Todavia, o vaqueiro afirmou não ter notícias sobre o cão desde que eles partiram. Sobre isso, Gardner declarou

Desconfiei muito de que este homem, o único que se achava na fazenda, o tivesse furtado, e nisso não me enganei, porque dias depois uma pessoa, que lá pernoitara, me contou que viu o cão preso e fora informada pelo vaqueiro de que o animal lhe havia sido dado de presente por um inglês em viagem para Minas.<sup>328</sup>

Percebe-se a desconfiança do viajante para com o vaqueiro da Fazenda Pomba, apesar de não ser um sentimento frequente nos escritos de Gardner, podemos notar determinadas ocasiões em que o viajante estrangeiro desconfia da moral dos brasileiros, como observou em Oeiras alguns sujeitos de “índole duvidosa”. Também podemos observar na citação, que o vaqueiro se orgulhava em dizer que havia recebido um cão de presente de um inglês, ou seja, ele enaltecia o fato de o cão ter sido presente de um estrangeiro.

Ao chegar no Sítio chamado Retiro Alegre, já havia um indivíduo que o aguardava para guia-lo à Fazenda Genipapo, segundo o viajante, ele havia sido “mandado pelo capitão Valentim Pereira da Silva, que eu havia encontrado em algodões e a quem pertencia toda aquela região, que ora eu estava atravessando”<sup>329</sup>. Percebe-se a ajuda que o viajante obteve em determinados momentos de sua viagem, o que contribuiu nos seus percursos pela Província. Isso se deu pelo fato de que o capitão soubera que o viajante também era médico e havia obtido

---

<sup>325</sup> Ibidem., p. 230-231.

<sup>326</sup> SOUSA, 2008, p. 14.

<sup>327</sup> Ibidem., p. 14.

<sup>328</sup> GARDNER, 1942, p.233.

<sup>329</sup> Ibidem., p. 234.

êxito nos procedimentos realizados em Oeiras. Assim, Valentim Pereira da Silva pediu que Gardner visitasse seu filho – na fazenda Canavieiras – que estava com sua saúde debilitada.

Na manhã seguinte, Gardner chegou a Canavieiras, onde foi bem recebido pelo capitão e seu filho. De acordo com a narrativa do viajante, “Ao examiná-lo, verifiquei que apresentava sintomas de tuberculose incipiente e receitei-lhe”<sup>330</sup>. No entanto, como era raro um médico aparecer nessa parte do país, ele teve de receitar várias pessoas enfermas, muitas delas provenientes de regiões longínquas. Sendo assim, ele permaneceu na fazenda por um dia e na manhã seguinte foi convidado para acompanhar o capitão Valentim Pereira da Silva e o seu filho até outra fazenda – pertencente ao sogro do filho – que ficava a oito léguas de distância de Canavieiras.

No dia 3 de agosto, Gardner juntamente a família do capitão, iniciaram a jornada atravessando o Rio Gurgueia e logo chegaram ao distrito de Uruçuí. Ele descreveu que “o rio aqui tinha mais ou menos a largura do Clyde em Glasgow, mas era tão raso, que a água não chegava muito acima do meu cavalo”.<sup>331</sup> Desse modo, Gardner fez comparações entre o rio Gurgueia com o rio Clyde de sua cidade, pois assim os leitores poderiam ter noção dos aspectos do rio observado na Província do Piauí.

Sobre o grupo de pessoas que o acompanhava, Gardner relatou que “O grupo era bastante grande. Além de nós, havia o capitão, seu filho e senhora, uma rapariga mulata pageando-lhes a criança que levavam a batizar, três sobrinhos do capitão e um mestre-escola preto, todos vestidos de couro da cabeça aos pés.”<sup>332</sup> Dois elementos que chamam a atenção do viajante inglês é o fato do mestre-escola ser um negro e todos estarem completamente vestidos de couro.

Em relação ao mestre-escola Gardner escreveu

O mestre-escola preto era decididamente muito superior a qualquer espécime de sua raça que eu já havia encontrado. Era um crioulo, de fronte vasta e bela, muito bem educado. Era forro e a côr não o impedia de se mover na melhor sociedade da parte do país a que pertencia. É que, com efeito, são os brasileiros, mais, talvez, que qualquer outro povo, livres de tais preconceitos.<sup>333</sup>

O viajante se surpreendeu ao ver um sujeito negro tão erudito e ocupando um lugar de destaque na sociedade. Gardner deduziu, como pode ser visto, que talvez o brasileiro fosse mais “livre de tais preconceitos”, algo que não representa a sociedade da época. Pois era raro

---

<sup>330</sup> Ibidem., p. 234-235.

<sup>331</sup> Ibidem., p. 236.

<sup>332</sup> Ibidem., p. 235-236.

<sup>333</sup> Ibidem., p. 236.

encontrar um negro que mesmo liberto conseguisse adquirir facilmente uma boa educação e mais difícil ainda era eles conseguirem ocupar espaços renomados na sociedade brasileira.

A respeito da prática dos mestres-escolas no Piauí, a autora Amada de Cássia Campos Reis em sua dissertação intitulada *História e Memória da educação em Oeiras-PI*, afirma que no Piauí imperial “o acesso às letras era restrito àqueles que podiam contratar os serviços de algum mestre-escola para atender particularmente aos seus filhos, ou aos que tinham a sorte de ser atendido pelo Padre Marcos de Araújo Costa em sua fazenda Boa Esperança”.<sup>334</sup>

Dessa forma, vemos que o acesso à educação no período – considerando que até o século XIX não havia escolas em Oeiras – ficou restrito às famílias abastadas que tinham condições de contratar um mestre-escola para instruir seus filhos. Esse aspecto foi observado e registrado por Gardner no seu relato de viagem pela Província do Piauí na década de 30 do século XIX.

Chegando à Fazenda dos Prazeres, Gardner descreve o espaço em que a casa fora construída ressaltando as características ambientais da Fazenda. Ao observar a casa da fazenda, o viajante enaltece o bom gosto do proprietário, afirmando ser melhor que a maioria dos fazendeiros do Piauí. Sobre isso ele mencionou que

A casa da fazenda era grande, bem construída, em tudo e por tudo a melhor que tínhamos visto desde que saímos de Oeiras. O proprietário dela, que morrera repentinamente um ano antes, parece que fora pessoa não só mais industriosa, mas também de muito melhor gosto que a generalidade dos fazendeiros do Piauí.<sup>335</sup>

No que tange as atividades econômicas desenvolvidas nesta fazenda, ele diz que “a fazenda era principalmente de criação de gado, mas havia no vale, abaixo da casa, um grande canavial, de que se fabricava a rapadura, e, como o sólo era próprio para o cultivo da mandioca, também esta se encontrava em abundância”.<sup>336</sup> A última menção do viajante inglês sobre a existência de canavial na província havia sido quando ele passou por uma plantação chamada Canavieira pertencente ao Major Clementino Martins, o primeiro que Gardner havia encontrado desde que saíra de Brejo Grande.

Segundo o fragmento citado acima, apesar da Fazenda dos Prazeres ter como principal atividade econômica a pecuária, havia também um grande canavial onde se fabricava a rapadura e o cultivo de mandioca era abundante devido ao solo ser propício para a plantação. Diante

---

<sup>334</sup> REIS, A. **História e Memória da educação em Oeiras-PI**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Educação do Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, p. 229, 2006.

<sup>335</sup> *Ibidem.*, p. 236.

<sup>336</sup> *Ibidem.*, p. 237.

disso, percebe-se que Gardner registrou importantes informações sobre a economia piauiense na época em que percorreu a Província. Tendo em vista que o proprietário dessa fazenda havia falecido um ano antes da passagem de Gardner, ele relatou que a fazenda agora encontrava-se sob a administração da viúva e seus filhos.

Segundo este viajante, “a viúva, que com seus filhos ora dirigia a propriedade, era enérgica, inteligente e muito hospitaleira”<sup>337</sup>. Através do relato de Gardner podemos conhecer algumas singularidades das funções desenvolvidas por mulheres no Piauí oitocentista. Nesse caso, vimos que a viúva, juntamente com os seus filhos, administrava a propriedade da família, o que demonstra a sua dedicação liderando a sua casa após a morte de seu marido. Apesar de não mencionar o nome desta viúva, o viajante ressaltava alguns traços de sua personalidade, como a sua determinação, hospitalidade e inteligência.

Diferentemente dos viajantes bávaros Spix e Martius, Gardner fez algumas observações sobre o comportamento e hábitos das mulheres na Província do Piauí. Analisemos alguns de seus comentários sobre isso. De início, ele compara os costumes das mulheres – tanto de família abastadas ou não – das províncias do Norte do Brasil, afirmando que “nas províncias longínquas de Goiaz e Mato Grosso e Piauí, as mulheres de quase todas as classes são tão afeitadas ao cachimbo como os homens”<sup>338</sup>.

Outro costume relatado por Gardner é o das mulheres do sertão preferirem redes ao invés de cadeiras. Sobre isso, ele escreveu “mesmo nas casas mais respeitáveis do sertão, como lhe chamam ao interior do país, raramente se vêem cadeiras na sala de visitas, porque as mulheres preferem a rede, da qual quase só se arredam à hora das refeições”<sup>339</sup>. Cabe na discussão acrescentar a descrição feita por Gardner quando esteve em Paranaguá, onde observou que as mulheres da casa onde ficou hospedado ficavam em rigorosa reclusão. No entanto,

As mulheres, porém, não são destituídas de curiosidade, visto como por vezes lobriguei um par de olhos negros espiando os forasteiros através de umas fendas nas frágeis paredes. Todavia, como profissional, era eu frequentemente admitido no interior afim de receitar para uma ou outra das mulheres da família, cuja vida sedentária as predispunha às dispepsias e outros padecimentos que tais.<sup>340</sup>

---

<sup>337</sup> Ibidem., p. 237.

<sup>338</sup> Ibidem., p. 11.

<sup>339</sup> Ibidem., p. 151.

<sup>340</sup> Ibidem., p. 239.

É relevante frisar a restrição da mulher na sociedade piauiense oitocentista mencionada na narrativa deste viajante. Nos escritos de Gardner, a situação das mulheres foi apresentada como reclusa e sedentária, restrita ao convívio familiar. Assim, ele declarou: “é raro vê-se qualquer das mulheres da casa, que se conservam em rigorosa reclusão”<sup>341</sup>. As descrições feitas por Gardner nos permitem compreender um pouco o cotidiano de algumas mulheres no Piauí Oitocentista, como também a forma como o viajante descreveu tais características.

Partindo da Fazenda dos Prazeres, onde ficou por dois dias, Gardner continuou a sua viagem pelo interior do Piauí. Depois de 10 dias seguindo em direção ao sul, chegou a uma pequena aldeia chamada Raposa. Nessa localidade, encontrou o Major José Martins de Sousa a quem levava cartas de apresentação da parte de seu tio, o Barão da Parnaíba. De acordo com o viajante, a residência do major ficava acerca de trinta léguas distante dali, porém “como tinha recebido ordens de levantar tropas para enviá-las para a cidade, fizera ele aqui o ponto de reunião”.<sup>342</sup> Gardner retrata a realidade piauiense no período da Balaiada, como já abordado anteriormente.

De acordo com os escritos de Gardner, o major José Martins de Sousa havia ficado responsável por conseguir recrutas pela província para enviá-las a Oeiras a fim de impedir que os rebeldes avançassem para a capital da Província, pois “com a intensificação do conflito cresciam as dificuldades do governo para conseguir recrutas, sendo obrigado a recorrer a reforços de fora da província”.<sup>343</sup> Segundo as informações ditas ao viajante pelo major, “no distrito de que era prefeito havia mil e setecentos homens capazes de pegar em armas, mas tudo o que pudera reunir no decurso de uma semana eram vinte e dois”<sup>344</sup>. Isso demonstra o quanto os recrutamentos eram temidos pela população.

Na perspectiva de Gardner, como estrangeiro, isso ocorreu porque

Toda a população era pior que selvagens aos quais nenhuma eloquência podia persuadir a erguer-se em defesa do país. Temia até que desordens semelhantes às que perturbavam a província do Maranhão chegassem em breve a este distrito, pelo que tencionava, o mais breve possível, levar para a cidade a esposa e os filhos.<sup>345</sup>

Segundo Claudete Dias, até a primeira metade do século XIX, a sociedade brasileira permanecia com as mesmas características dos tempos coloniais e na Província do Piauí não

---

<sup>341</sup> Ibidem., p. 239.

<sup>342</sup> Ibidem., p. 238.

<sup>343</sup> DIAS, 1995, p. 80.

<sup>344</sup> GARDNER, 1942, p. 238.

<sup>345</sup> Ibidem., p. 238.

era diferente, pois grande parte da população escrava, e mesmo quando livre, vivia em péssimas condições de pobreza, sem acesso ao trabalho e à terra. Considerando o contexto histórico do período, observamos que para Gardner, os indivíduos que resistiam ao recrutamento foram vistos como isentos do fervor patriótico e selvagens, pois nenhum discurso poderia convencê-los a lutar em “defesa do país”. No entanto, a historiadora Claudete Dias destacou que uma das dificuldades no recrutamento de tropas se deu pelo expressivo apoio da população dos municípios piauienses a Balaiada. Assim, segundo esta autora

Os poucos que apareciam eram insuficientes para formar uma tropa, além das deserções cotidianas entre os que eram recrutados, o que caracterizava a resistência da população a esta prática arbitrária e, ao mesmo tempo, demonstrava a simpatia pelo movimento que crescia, da mesma forma, cotidianamente.<sup>346</sup>

Ainda sobre o avanço da Balaiada pela **provincia** do Piauí, Gardner diz que após um mês do seu encontro como Major José Martins, o distrito de Paranaguá aderiu a causa dos “rebeldes”. Semelhantemente as informações declaradas pela autora Claudete Dias, Gardner narra que durante a jornada do Major para a cidade “desertaram todos os seus recrutas, com exceção apenas de dois ou três”<sup>347</sup>.

Na **vila** Paranaguá, despertou a atenção deste viajante inglês a construção das casas, uma vez que eram

Muito diferentes das que se encontram em qualquer outra parte do Brasil, ou mesmo do Piauí: são edificadas pela maior parte com uma das extremidades voltadas para o caminho e nesta extremidade há um grande cômodo com uma mesa e um banco sem encosto, visivelmente destinado à acomodação de viajantes, porque sem comunicação direta com o resto da casa.<sup>348</sup>

Outra informação presente nos escritos de Gardner foi uma das enfermidades que afligia quase todos os moradores daquela localidade, sendo ela a febre intermitente. Acerca da hospitalidade no interior do Brasil, o viajante inglês ressaltou que

Nas partes mais remotas do país sempre encontrei a mais ilimitada hospitalidade mesmo das classes menos favorecidas, sendo que muitas vezes a tênue recompensa que essa pobre gente aceitava era um pouco de pólvora ou sal, artigos que por vezes não se obtém por preço nenhum.<sup>349</sup>

---

<sup>346</sup> DIAS, Claudete Maria Miranda. **Movimentos Sociais do século XIX: resistência e luta dos balaios no Piauí**. Departamento de Geografia e História – Universidade Federal do Piauí. [s.d.], p. 11. Disponível em: [http://brasilindependente.weebly.com/uploads/1/7/7/1/17711783/dias\\_movimentos.pdf](http://brasilindependente.weebly.com/uploads/1/7/7/1/17711783/dias_movimentos.pdf). Acesso em: 14/12/2020.

<sup>347</sup> GARDNER, 1942, p. 239.

<sup>348</sup> Ibidem., 1942, p. 239.

<sup>349</sup> Ibidem., p. 240.

As impressões de Gardner nos permitem compreender algumas características da hospitalidade do povo brasileiro no período do Império, dentre elas podemos destacar que uma parte da população brasileira, independentemente de seu padrão social, abrigava alguns viajantes em sua própria casa. Desse modo, compartilhavam alimentação, bebida e, em troca disso, recebiam produtos que só seriam possíveis de serem obtidos nos grandes centros, como o valiosíssimo sal e a procurada pólvora. Conforme pode ser visto na narrativa de Gardner, na qual relata que “Sal é um dos artigos de mais procura”<sup>350</sup>.

Em suas impressões sobre a Vila Paranaguá, Gardner destacou “A vila assenta na parte ocidental de uma grande lagoa contém, ao todo, uma centena de casas, das quais apenas metade são habitadas, pertencendo as demais aos fazendeiros que as ocupam só nos dias de festas.”<sup>351</sup> Mais uma vez podemos perceber o costume dos fazendeiros possuírem casas nas principais vilas que só eram ocupadas em tempo de festas. Devido ao recrutamento que acontecia por toda a Província na época, na Vila de Paranaguá só havia mulheres, crianças e alguns escravos, pois, “a maior parte da população masculina tinha deixado a vila para lugares remotos, porque poucos se inclinavam a servir no exército”<sup>352</sup>. É importante mencionar que a Vila Paranaguá – como também Parnaíba, Piracuruca, Campo Maior, Jerumenha – foi um dos espaços do Piauí que foi alcançado pelo movimento da Balaiada.

Sobre a infraestrutura das casas nesta Vila, Gardner observou que “as casas são em geral grosseiramente construídas de varas de bambú, barreadas por dentro e por fora, com uma argila avermelhada, sem caiação, o que dá à vila um aspecto bem estranho”<sup>353</sup>. A respeito da situação da Vila Paranaguá, o viajante escreveu

Parece que seus melhores dias já se passaram, porque muitas de suas casas estão caindo em ruína; e a própria igreja, que se ergue numa grande praça e foi outrora bela construção, está também decadente, com parte do teto desabado, e isso, ao que parece, já há muitos anos.<sup>354</sup>

No que concerne a situação econômica desta Vila, Gardner expõe que não havia nenhum comerciante permanente, visto que encontrou apenas um comerciante retalhista que havia chegado há poucos dias da Bahia e retornaria após vender toda a sua mercadoria. Segundo Gardner, “como não tinha competidor, valia-se disto para vender tudo por preços

---

<sup>350</sup> Ibidem., p. 241.

<sup>351</sup> Ibidem., p. 240.

<sup>352</sup> Ibidem., p. 240.

<sup>353</sup> Ibidem., p. 241.

<sup>354</sup> Ibidem., p. 241.

exorbitantes”<sup>355</sup>. Os escritos do naturalista-viajante George Gardner sobre a Vila Paranaguá nos possibilitam conhecer as dinâmicas econômicas na região no período imperial. À vista disso, o viajante relata os impactos que a Balaiada – que se iniciou no Maranhão – causou na economia da vila e das fazendas vizinhas, uma vez “que com a revolução do Maranhão deixaram de vir a Parnaguá os mercadores que anualmente o visitam, trazendo-lhe produtos europeus, pólvora, sal e outros artigos de comércio que trocavam por bois, cavalos e couros”<sup>356</sup>.

Ao se preparar para deixar Paranaguá, Gardner procurou alguém para lhe guiar na continuação de sua jornada. Conforme escreveu em seu relato de viagem, “o acaso deparou-me em caminho um mulato que, tendo vindo com uma grande manada de bois da província de Goiás, era por isso mesmo conhecedor das trilhas pouco frequentadas da região em que agora íamos penetrar”<sup>357</sup>. Assim, o viajante inglês continuou seu roteiro de viagem, tendo como destino à área que hoje corresponde ao Estado do Tocantins.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebemos que a partir da análise dos relatos de viajantes estrangeiros que visitaram a Província do Piauí na primeira metade do século XIX, foi possível percebermos como os viajantes Spix, Martius e George Gardner em determinados períodos, descreveram diversos elementos da sociedade piauiense da época, como a economia, aspectos urbanos – das primeiras Vilas –, os costumes das mulheres, os vaqueiros, os movimentos políticos como a Balaiada, a educação, entre outros aspectos que foram observados e relatados em seus diários de viagem. Desse modo, constatamos que os viajantes que visitaram a Província do Piauí participaram temporariamente da dinâmica da região e tiveram contato com alguns segmentos da sociedade, ao mesmo tempo em que fizeram seus juízos de valor. Com isso, observamos que as suas narrativas contêm as suas avaliações e reprovações.

Observamos também que esses viajantes evidenciaram a precariedade de estradas, o clima – as mazelas ocasionadas pelos longos períodos de seca –, a necessidade de novas técnicas, como a irrigação artificial, para minimizar os efeitos nocivos da seca na região do Piauí, entre outros elementos da Província no início do século XIX. Assim, a partir da análise do percurso e dos relatos de viagens, pudemos inserir o Piauí em uma discussão mais ampla acerca da

---

<sup>355</sup> Ibidem., p. 241.

<sup>356</sup> Ibidem., p. 241.

<sup>357</sup> Ibidem., p. 243.

presença de estrangeiros na primeira metade do século XIX, evidenciando que ele foi um dos locais que fez parte do itinerário de alguns viajantes estrangeiros. Desse modo, ao passarem pelo Piauí, eles conviveram, mesmo que brevemente, e criaram as suas impressões sobre a região, as quais foram posteriormente publicadas para na Europa. Nessa perspectiva, enquanto estrangeiros, os viajantes naturalistas se atentavam a detalhes que passavam despercebidos aos habitantes da Província, pois algumas coisas que eram comuns a vida dos moradores do Piauí, eram muitas vezes algo exótico ao olhar do estrangeiro.

Dessa forma, consideramos que esses relatos possuem a função de, entre outras coisas, revelar de maneira perspicaz aspectos que passam despercebidas – de maneira involuntária ou ausente – em outras fontes. À vista disso, visto que há um distanciamento temporal de vinte um ano entre a passagem dos bávaros Spix e Martius e a visita do inglês George Gardner pela Província do Piauí, tornou-se possível perceber as mudanças e permanências de algumas características da região, descritas pelos viajantes abordados neste trabalho, como na passagem deles por Oeiras.

Em suma, os relatos de viagem são construções pessoais que retratam suas concepções sobre os mais diversos aspectos do Piauí. No entanto, apesar das questões abordadas nesta pesquisa monográfica serem indispensáveis para o enriquecimento da historiografia regional, acreditamos que elas não esgotam as possibilidades de pesquisas que esses relatos podem proporcionar ao historiador interessado em desenvolver estudos dando ênfase a outras temáticas.

Por fim, a pesquisa sobre viajantes estrangeiros, fez-me viajar (metaforicamente) por campos do saber previamente desconhecidos por mim, conduzindo ao contato com outras temáticas – como a botânica e a ciência no Brasil no século XIX –, outras perspectivas, e encontros com outras paisagens, que ora reiteraram algumas certezas, ora fizeram-me repensar ou renunciar antigas convicções, possibilitando novos horizontes. Além disso, analisar o cotidiano dos viajantes pelo território piauiense na primeira metade do século XIX, nos permitiu acompanhá-los e participar de suas experiências descritas ao longo do caminho.

## REFERÊNCIAS

### FONTES

CARTA Geographica de Piauhy, provincia do Imperio do Brasil / redigida segundo as cartas manuscritas de José Pedro Cesar de Menezes e Mathias José da Silva Pereira por Mr. Jos Schwarzmann primeiro tenente Infantaria do Exército Bavaro e Mr. Le Chevr. de M. [S. l.: s. n.], 1828. 1 mapa. Arquivo Nacional. Fundo Ministério da Guerra. (Adaptado). Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/arquivonacionalbrasil/49248550946>. Acesso em: 13 set. 2020.

GARDNER, George. **Viagem ao interior do Brasil**, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante nos anos de 1836-1841. Tradução de Albertino Pinheiro. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Brasiliana, 1942. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/125/Viagens-peloBrasil...> Acesso em: 10 mai. 2019.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. **Viagem pelo Brasil (1817–1820)**, vol. 1. (tradução Lúcia Furquim Lahmeyer). Itatiaia. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1981.

SPIX, J. B. von.; MARTIUS, C.F.P. von. **Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. Trad. De Lúcia F. Lahmeyer. vol. 2. São Paulo: Melhoramentos: IHGB/ Imprensa Nacional, 1976.

**JORNAIS/ RELATÓRIOS DOS PRESIDENTES DOS ESTADOS BRASILEIROS– BIBLIOTECA DIGITAL DO RIO DE JANEIRO:** <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 17/05/2019.

Biblioteca Nacional /Hemeroteca Digital Brasileira. **Jornal Gazeta do Rio de Janeiro**. nº 68, 23/08/1817, p. 2-3.

BN/HDB. **Jornal “A imprensa: Periódico político (PI)”**. Ano XX nº 850, 29/04/1885, p. 3.

BN/HDB. **Jornal “Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial (MA) – 1858 a 1868”**. Ano IX, Edição 00001(1), 1866, p. 386.

BN/HDB. **Jornal “Annaes do Parlamento Brasileiro (RJ)”**. Assembleia Geral Legislativa vol. I, 23/04/1839, p. 630.

BN/HDB. **Jornal “Annaes do Parlamento Brasileiro (RJ)”**. Rio de Janeiro. Edição 00002(1), 12/07/ 1830, p. 102.

BN/HDB. Jornal “**Annaes do Parlamento Brasileiro (RJ)**”. Assembleia Geral Legislativa vol. I, 10/06/1839, p. 350.

BN/HDB. Jornal “**Correio Braziliense: Ou Armazém Literário (Londres, ING) – 1808 a 1822**”. nº 140, Edição 00024(2). Jan. 1820, p. 87.

BN/HDB. Jornal “**Correio Official: In Medio Posita Virtus (RJ)**”. Vol. I nº 1, Edição 00062(1), 15/09/1838, p. 246.

BN/HDB. Jornal “**Correio Official: In Medio Posita Virtus (RJ)**”. Vol. I nº 112, Edição 00112(1), 15/09/1838, p. 446.

BN/HDB. Jornal “**Correio Official: In Medio Posita Virtus (RJ)**”. Vol. I nº 112, Edição 00112(1), 21/05/1839, p. 447.

BN/HDB. Jornal “**Correio Official: In Medio Posita Virtus (RJ)**”. Vol. I nº 112, Edição 00112(1), 21/05/1839, p. 448.

BN/HDB. Jornal “**Correio Official: In Medio Posita Virtus (RJ)**”. Vol. I nº 112, Edição 00112(1), 21/05/1839, p. 246.

BN/HDB. Jornal “**O Censor Brasileiro (RJ)**”. Edição 00022(1) nº 21, 20/06/1828, p. 3.

BN/HDB. Jornal “**O Campeão Portuguez**”. Vol. II nº 14, Edição 00014 (1), jan. 1820, p. 67-68.

BN/HDB. Jornal “**Chronica Maranhense**”. Vol. II nº 132, Edição 00001, 09/05/1839, p. 531.

BN/HDB. Jornal “**Chronica Maranhense**”. Vol. I nº 1, Edição 00001(4), 01/01/1838, p. 56.

BN/HDB. Jornal “**Diário do Rio de Janeiro**”. Edição 0900006(1), nº 6, 07/09/1837, p.1.

BN/HDB. Jornal “**Diário de Notícias (RJ)**”. Ano XIII nº 6205, Edição 06218(1), 31/01/1943, p. 2.

BN/HDB. Jornal “**Diário Carioca (RJ)**”. Ano XXI nº 5937, Edição 06105(1), 23/05/1948, p. 3.

BN/HDB. Jornal “**Diário de Pernambuco (PE)**”. Edição 00069(1) nº 69, 27/03/1838, p. 5.

BN/HDB. Jornal “**Jornal do Brasil (RJ)**”. Ano LXXXVI nº 112, 5/11/1977.

BN/HDB. Jornal “**O despertador (RJ)**”. Edição 00171(1) nº 171, 25/10/1838, p. 1.

BN/HDB. Jornal “**O Brasil: Vestra res agitur**”. Vol. II nº 174, Edição 00175(1), 23/09/1841, p. 3.

BN/HDB. Jornal “**O Sete d’Abril (RJ)**”. Vol. I nº 680, Edição 00680, 01/02/1839, p. 3.

BN/HDB. Jornal “**O Brasil: Vestra res agitur**”. Vol. II nº 78, Edição 00200(1), 23/11/1841, p. 2.

BN/HDB. Jornal “**O Brasil: Vestra res agitur**”. Vol. II nº 78, Edição 00200(1), 23/11/1841, p. 3.

BN/HDB. “**Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (PI) – 1890 a 1930**”. Edição 00001(1), 01/06/ 1921, Teresina, p. 53.

DOMINGUES, Octavio. **Nordeste fecundo e feiticeiro**. Diário de Pernambuco. Pernambuco, 21/09/1960. p. 4.

MACHADO, Edgar da Mata. **Estrangeiros “por” Minas e “em” Minas**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 31/10/1972, p. 13.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

### **Artigos:**

ARAÚJO, P. V. L. A literatura de viagem e a representação do Brasil por estrangeiros no século XIX. **Sæculum – Revista de História**, v. 40, n. 40, 6 jul. 2019.

BELLUZZO, Ana Maria. A propósito d'o brasil dos viajantes. **Revista USP**, n. 30, p. 6-19, 1996.

BENEDUZI, Luis Fernando. Por um braqueamento mais rápido: identidade e racismo nas narrativas do álbum do cinquentenário da imigração italiana no sul do Brasil. **Antíteses**, v. 4, n. 7, 2011.

BRANCO, Pedro Vilarinho Castelo. O Visconde de Parnaíba e a construção da ordem imperial na província do Piauí. **Revista Clio**. Recife, v. 38, 2020.

CARVALHO, Mary Lucia Alves de. Os comerciantes cronistas: Henry Koster; Louis François de Tollenare no Piauí do início do século XIX. **Contraponto**, v. 4, n. 1, p. 130-142, 2015.

DIAS, Olívia Biasin. Viagens Oitocentistas: a hospedagem no interior do Brasil e na cidade da Bahia. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**, v. 1, 2007. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/turismocultural/olivia.pdf>. Acesso em: 02/09/2020.

DIAS, Claudete Maria Miranda. Balaiada: a guerrilha sertaneja. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 1995

DOMINGUES, Ângela. O Brasil nos relatos de viajantes ingleses do século XVIII: produção de discursos sobre o Novo Mundo. **Revista Brasileira de História**, v. 28, n. 55, 2008.

FRANCO, Stella Maris Scatena. Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental. In: **Cadernos de Seminários de Pesquisa**, São Paulo: Humanitas, v. 2, p. 1-17, 2011. Disponível em: <http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2020.

FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de. **Presença inglesa no Nordeste**: a Casa Inglesa de Parnaíba. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 18., 1995, Recife. Caderno de resumos. **XVIII Simpósio Nacional de História. História e Identidades**. Recife: ANPUH, 1995.

FITTKAU, Ernst Josef. **Johann Baptist Ritter von Spix**: primeiro zoólogo de Munique e pesquisador no Brasil. *Hist. cienc. saude*, Rio de Janeiro, v. 8, supl. p. 1109-1135, 2001. Disponível em: <<https://goo.gl/wlcSeO> >. Acesso em: 25 nov. 2019.

FILGUEIRAS, Carlos Alberto Lombardi; PEDRO, II Origens da ciência no Brasil. **Química Nova**, v. 13, n. 03, 1990.

GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. A primeira viagem científica brasileira: a Comissão Científica do Império. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 20, n. 1, 2013.

GUIMARÃES, Manoel Luis Lima Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. **Revista Estudos Históricos**, v. 1, n. 1, 1988.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: \_\_\_\_\_. **Cadernos de Seminários de Pesquisa**, v. 2, p. 44-61, 2011.

KALTNER, L. F. Anotações sobre a biografia do naturalista Carl Friedrich Philipp von Martius. **Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira**, [s. l.], 2012. Disponível em: <http://www.revista.brasil-europa.eu/139/Kaltner-Von-Martius>. Acesso em: 12 set. 2020.

KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 8, p. 863-880, 2001.

LIMA, LÍlian M. Os viajantes ingleses e a escrita de uma história no Brasil Oitocentista. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA-ANPUH, XXVI., 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ANPUH-SP, 2011. p. 1 - 10.

LISBOA, Karen Macknow. Viagem pelo Brasil de Spix e Martius: quadros da natureza e esboços de uma civilização. **Revista brasileira de história**, v. 15, n. 29, p. 73-91, 1995.

LISBOA, Karen Macknow. O Brasil dos naturalistas Spix e Martius. **Acervo**, v. 22, n. 1, p. 179-194, 2009.

MOREIRA, Bruno Alessandro Gusmão. Os relatos dos viajantes estrangeiros no Brasil oitocentista: possibilidades historiográficas. **Ciclo de Estudos Históricos**, v. 20, p. 1-8, 2009.

NETO, Marcelo de Sousa. O padre, a vila e o galo da torre: padre Marcos de Araújo Costa e a vila de Jaicós (Piauí, 1832-1850). **Topoi**. Revista de História, Rio de Janeiro, v. 19, n. 38, p. 241-262, mai./ago. 2018. Disponível em: [www.revistatopoi.org](http://www.revistatopoi.org) Acesso em:04/03/2020.

PAIVA, Melquíades Pinto. **Os naturalistas e o Ceará**. Instituto do Ceará, 2002.

SOUSA, Valfrido Viana. Piauí: apossamento, Desenvolvimento e Integração (1684-1877). In: **Anais I Seminário Pós-Graduação**. Goiânia: UFG, v. 01. p. 1-26, 2008. p. 6.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. AS IDÉIAS EUGÊNICAS NO BRASIL: ciência, raça e projeto nacional no entre-guerras. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 6, n. 11, 2012.

TEIXEIRA, Karoline Viana. Dizer do outro, dizer de mim: o diário de viagem de Francisco Freire Alemão (1859-1861). In: **Anais do XI Encontro Regional Nordeste de História Oral: Ficção e poder: oralidade, imagem e escrita**. Fortaleza, 2017.

ZUBARAN, Maria Angélica. O eurocentrismo do testemunho: relatos de viagem no Rio Grande do Sul do século XIX. **Anos 90**, v. 7, n. 12, 1999.

#### **Livros:**

BARREIRO, José Carlos. **Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BALDUS, Herbert.; SPIX, Johann Baptist von. **Viagem pelo Brasil von Spix e von Martius 1817**. 1940. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7757>. Acesso em: 15 out. 2019.

BRANDÃO, Wilson de Andrade. Formação Social. In: **Piauí: formação, desenvolvimento, perspectivas**. Fundação de Apoio Cultural do Piauí, 1995.

BRAGA, Marco; GUERRA, Andreia; REIS, José Claudio. Breve história da ciência moderna. In: **Breve história da ciência moderna: a belle-époque da ciência (séc. XIX)**. vol. 4, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CABRAL, Ivana Campelo. Os agregados e a produção agrícola piauiense na segunda metade do século XIX. In: LIMA, Nilsângela Cardoso (org.). **Páginas da História do Piauí colonial e provincial**. Teresina: EDUFPI, 2020.

CARL FRIEDRICH PHILIPP VON MARTIUS. **Arquivo nacional Mapa: memória da administração pública brasileira**, Rio de Janeiro, 19, dezembro 2016. Disponível em: <http://mapa.arquivonacional.gov.br/index.php/publicacoes2/70-biografias/402-carl-friedrich-philipp-von-martius>. Acesso em: 12 set. 2019.

COSTA, Emília Viotti. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. 6 ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Cronologia histórica do Estado do Piauí: desde os seus tempos primitivos até a proclamação da República**. Editora Artenova, 1974.

COSTA FILHO, Alcebíades. Atividades econômicas e sociedade. In: **A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí (1850–1889)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.

DIAS, Claudete Maria Miranda. **Movimentos Sociais do século XIX: resistência e luta dos balaios no Piauí**. Departamento de Geografia e História – Universidade Federal do Piauí. [s.d.], p. 11. Disponível em: [http://brasilindependente.weebly.com/uploads/1/7/7/1/17711783/dias\\_movimentos.pdf](http://brasilindependente.weebly.com/uploads/1/7/7/1/17711783/dias_movimentos.pdf). Acesso em: 14/12/2020.

FALCI, Miridan Britto Knox. **O Piauí na primeira metade do século XIX**. Projeto Petrônio Portella, 1986.

MENDES, Felipe. Formação Econômica. In: **Piauí: formação, desenvolvimento, perspectivas**. Fundação de Apoio Cultural do Piauí, 1995.

MOREL, Marco. **O período das Regências (1831-1840)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

NUNES, C. P.; ABREU, I. G. Vilas e cidades do Piauí. In: **Piauí: formação, desenvolvimento, perspectivas**. Fundação de Apoio Cultural do Piauí, 1995.

NUNES, Odilon. **Pesquisas para a história do Piauí**. Vol. 3, Editora Artenova, 1975.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. 9 ed. Rio de Janeiro: editora FGV, 2007.

SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. **Evolução Histórica da Economia Piauiense**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2001. Cultura, 1964.

SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de (org.). **Piauí: Formação, Desenvolvimento, Perspectivas**. Teresina: Halley, 1995.

SOUSA BONFIM, W. L.; SANTOS JÚNIOR, R. B. Formação Política. In: **Piauí: formação, desenvolvimento, perspectivas**. Fundação de Apoio Cultural do Piauí, 1995.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América: a questão do outro**. 3 ed. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

#### **Monografias, Dissertações e Teses:**

ANTUNES, Anderson Pereira. **Entre museus e ciência: o desenvolvimento da ciência viajante no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro, 2011. 75f. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro.

CORRÊA, Margarida Maria da Silva. **Da construção do olhar europeu sobre o novo mundo ao (re) descobrimento do reino tropical**. 1997. 300f. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) – UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia.

GANDARA, G. S. **Rio Paranaíba... Cidades-Beira**. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília. Brasília, p. 155, 2008.

MONTEIRO, Francisco Gleison da Costa. “[...] **cumprindo ao homem ser trabalhador, instruído e moralizado**”: terra, trabalho e disciplina aos homens livres pobres na **Província do Piauí (1850-1888)**.” Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2016.

OLIVEIRA, Ana Paula Silva de. **Livros de viagens: Relatos de estrangeiros sobre as províncias do norte e a zona de contato**. 2006. 142f. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza.

OLIVEIRA FILHO, Sérgio Willian de Castro. **“Estranho em terra estranha”**: práticas e olhares estrangeiro-protestantes no Ceará oitocentista. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza.

OLIVEIRA FILHO, Francisco Helton. **Cativos do Sertão: A família escrava na freguesia de N. S. do Carmo de Piracuruca, Piauí - (1850-1888)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2016.

PAULINO, C. V. **O “Império do atraso”: Etnologia, política e religião nas impressões sobre o Brasil elaboradas pelo viajante norte-americano Thomas Ewbank (1846-1856)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2010.

REIS, A. **História e Memória da educação em Oeiras-PI**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Educação do Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 (X) Monografia  
 ( ) Artigo

Eu, Kacia Mikaela de Sousa,  
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
"PERCURSOS E NARRATIVAS: O Piauí nos relatos de viajantes estrangeiros na  
primeira metade do século XIX"  
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 11 de março de 2021.

Kacia Mikaela de Sousa

Assinatura

Kacia Mikaela de Sousa

Assinatura